MEGASHOW: KISS EM OUTRA DIMENSÃO

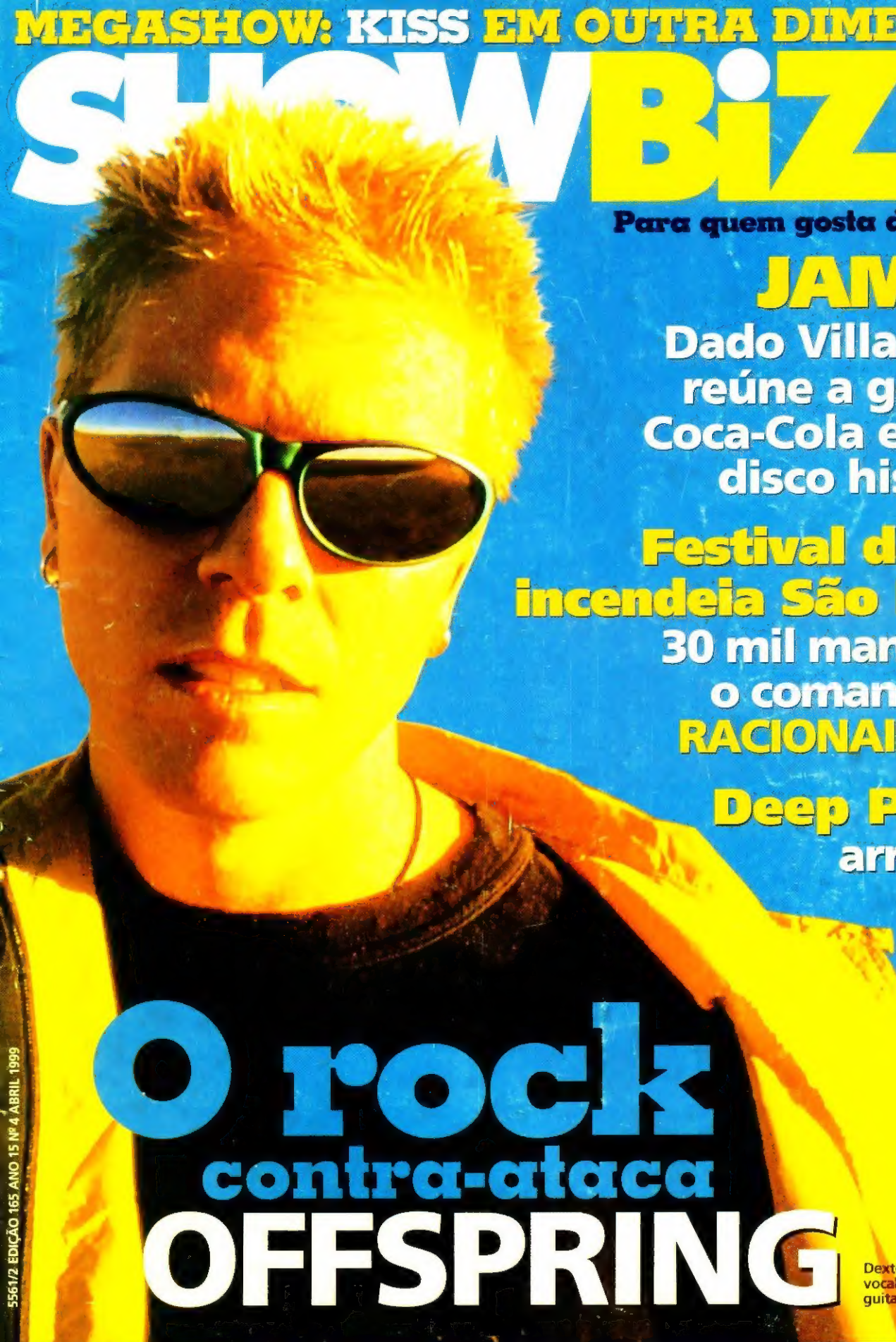
SHOWBIZZ

Para quem gosta de música

JAM 80
Dado Villa-Lobos reúne a geração Coca-Cola e grava disco histórico

Festival de Rap incendeia São Paulo
30 mil manos sob o comando dos RACIONAIS MC'S

Deep Purple
arrasa no Brasil



O rock contra-ataca
OFFSPRING

Dexter Holland, vocalista e guitarrista

EXCLUSIVO: diário do JOTA QUEST na estrada

5561/2 EDIÇÃO 165 ANO 15 Nº 4 ABRIL 1999

R$ 9,90

ISSN 0104-1649 00165

9 770104 164007

Abril

A reprodução não autorizada de obras protegidas por direitos autorais é ilegal e estará sujeita às penalidades previstas na Lei de Direitos Autorais. Este aparelho não deverá ser utilizado com tal finalidade.

The Philips CD Collection

Ótima notícia para seus ouvidos. Agora você pode gravar seus CDs* com as músicas que você mais gosta. Só MPB, só rock, só clássicos, só samba, ou com o melhor de tudo junto.

Rádio-gravador com CD Player

minha própria vida.
a trilha sonora também.

Com o CD Recorder Philips você vira seu próprio DJ. E em pouco tempo, pois ele grava em alta velocidade. É o primeiro CD Recorder com duplo CD deck, que grava e reproduz CDs graváveis e regraváveis.

Grave suas seleções exclusivas para ouvir nesta grande seleção de aparelhos: no próprio CD Recorder, no Mini System Philips com Dolby Surround Pro Logic e gaveta para 3 CDs, nos rádios-gravadores com CD Player ou no Personal CD Player com Electronic Shock Absorption (ESA). Faça CDs com a sua cara num CD Recorder Philips.

Gravador de CDs com Duplo CD Deck

Temos que admitir, as coisas estão cada vez melhores.

Para maiores informações, ligue para o CIC (Centro de Informações ao Consumidor): 0800-123123.
www.philips.com.br
*Necessita CD Gravável (CD-R) ou CD Regravável (CD-RW) Digital Audio.

Personal CD Player

PHILIPS

Let's make things better.

A MTV 99
vai te pegar.
Mais Aerosmith, mais Claudinho e Buchecha,

mais Caetano, mais Ivete Sangalo, mais Offspring, mais Otto, mais Skank, mais Spice Girls. **MTV Brasil. Na sua língua.**

www.mtv.com.br

ALMAP/BBDO

Editorial & Sumário

Ron Welty, Greg K, Noodles e Dexter: o punk à prova de modas do Offspring

Sony Music / Foto capa: Idols

Em um período economicamente conturbado como o primeiro trimestre de 1999, o Offspring conseguiu motivar 110 mil brasileiros a comprar seu álbum *Americana*. O debochado sucesso "Pretty Fly (For A White Guy)" conseguiu se impor até na programação de algumas das mais obtusas emissoras de FM do país, entre bumbuns cantantes, bumbuns cantados e outras aberrações.

Punk ou não, o rock do grupo californiano é pop e acessível. E, se nem sempre consegue escapar dos clichês de rebeldia adolescente do gênero, ele costuma produzir inteligentes crônicas de costumes com três acordes e refrões gritados com melodia. Ocasionamente, as sacadas do líder Dexter Holland, entrevistado em nossa matéria de capa, são geniais. Mas o mais admirável é a maneira como ele e o grupo conduzem suas carreiras, ridicularizando o comportamento "cria a fama e deita na culpa" que é padrão no rock dito alternativo, driblando patrulhas ideológicas, modismos culturais estilo "radical chic" e superexposição mercadológica. Sem frescuras nem chiliques nem messianismo, o Offspring está no topo das paradas do mundo só pra contrariar, fazendo rock inteligente e com humor.

Alheia à futurologia que assola o fim de milênio, a música felizmente não se expande numa só direção. No Brasil, por exemplo, a tão denunciada monocultura axé/pagode dá brechas para novos fenômenos como o grupo mineiro Jota Quest. O repórter Danilo Monteiro pegou carona com a banda pop que mais faz shows no país e conta para você a viagem.

Só pra complementar: na conversa entre Toni Garrido e Caetano Veloso que publicamos, o tropicalista faz uma defesa muito lúcida da axé music. Em outra matéria, registramos o histórico 1º Festival Internacional de Rap, que reuniu 30 mil pessoas no Sambódromo de São Paulo. Futuro? Que futuro? Tudo que foi mencionado neste editorial é presente e é já.

Aquele abraço,

Pedro Só

22 Jam 80
Uma brincadeira entre Dado Villa-Lobos, Dinho, Roger e outras feras gera um CD imperdível

26 Jota Quest na estrada
Os operários do pop em cinco shows seguidos

32 Rap histórico
Festival reúne Racionais e 30 mil manos em SP

36 Korn: outra liga metálica
Banda americana lidera o novo rock pesado

40 Offspring – A vingança do rock
A atitude de volta às paradas de sucesso

48 Caetano Veloso & Toni Garrido
A dupla de *Orfeu* conversa e filosofa

52 Deep Purple
Ian Gillan fala sobre trinta anos no topo do rock

54 Maestro groove
Ed Mottta resgata o genial J.T. Meirelles

sempre em showbizz

10 CARTAS
Música eletrônica e preconceito; Blondie

12 SHOWBIZZ RESPONDE
Cadê o Bon Jovi? Discografia dos Chili Peppers

14 INFORME BIZZ
O Kiss vem aí; Raimundos, jungle e Otto

56 DEMOCRACIA
A garra do Pólux e o britpop goiano

58 MINHA COLEÇÃO
O ex-VJ Gastão, roqueiro e funkeiro

61 DISCOS
Memê, Roxette, Marillion, Zeca Baleiro, Zoli

72 AO VIVO
Blondie, Bad Religion e Capital Inicial

74 PARADA CROWLEY
As músicas mais ouvidas no eixo Rio–São Paulo

76 ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

78 LETRA TRADUZIDA
"You Get What You Give", do New Radicals

80 EQUIPAMENTOS DE SOM
Minidiscs, pequenos CDs graváveis

81 INSTRUMENTOS MUSICAIS
A guitarra de Edgard Scandurra

82 DISCOTECA BÁSICA
..Presenting The Fabulous Ronettes

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

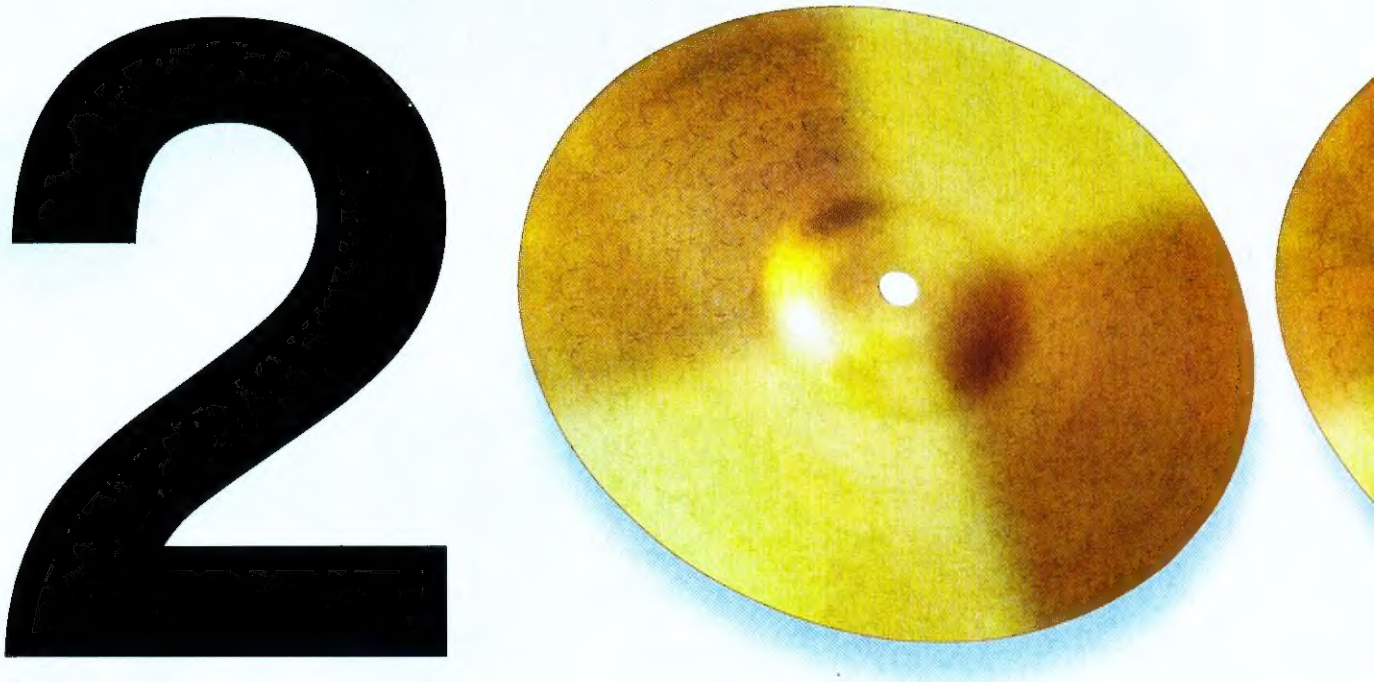
Os Copacabanas – *Os Copacabanas*
Regravações de pérolas bregas de Romeu Juliano e Dudu França, com uma inédita homenagem/sacanagem a Zico

Metallica - *Metallica*
O disco de 1991 que deu ao mundo "Enter Sandman" "Sad But True" e outros clássicos, ajudando a banda a conquistar o planeta

Vários - *Buena Vista Social Club*
Uma reunião de feras como Ry Cooder, Rubén Gonzalez e Eliades Ochoa mostra toda a beleza da música de Cuba

Walter Alfaiate - *Olha Aí*
A estréia tardia (aos 68 anos) mas infalível de um representante da nobre estirpe de sambistas do bairro de Botafogo, no Rio

FREE PLAY
FREE WAY
BOOTS & SHOES
016 720 0655
www.freeway.ind.br



WWW.brasil2000.com.br

DeBRITO

Ouça Rock
com quem sabe de
Rock.

BRASIL
2000
FM 107,3

Cartas

Blondie: emocionando um leitor gaúcho que sabe apreciar soul brasileiro e Adelsonilton

BMG Divulgação

Balanço positivo

Sou assinante há dois anos, mas sou leitor assíduo há no mínimo dez. Durante esse longo tempo mantive uma relação de amor e ódio com a revista, que alternava, na minha opinião, momentos de extrema felicidade, com reportagens audaciosas e de extremo requinte jornalístico, com outros de gosto discutível.

Porém, como admirador, acompanhante assíduo e crítico amador do cenário musical destes últimos vinte anos no Brasil e no mundo, não posso me conter em parabenizar a redação desta revista pela recente série de reportagens: o mundo da black music nacional dos anos 70, o redescobrimento de gênios incompreendidos da MPB, como Adelsonílton, Cassiano, Hyldon e Reginaldo Rossi, e a reconstituição do rock nacional dos anos 80.

Mas a edição de fevereiro conseguiu superar todas as expectativas. A discografia comentada de ABBA, o relançamento dos álbuns de Erasmo Carlos e, sobretudo, a reportagem com a diva Debbie Harry e a volta do Blondie me trazem uma sensação de alívio, sabendo que não estou sozinho neste mundo de astros de brilho temporário, com seus sucessos instantâneos e descartáveis.

Alisson Cappellari – Porto Alegre, RS

Protesto eletrônico

É com tristeza que vejo SHOWBIZZ cada vez mais contra a música eletrônica. A gota d'água foi a resenha que deu nota 7 a discos para lá de básicos na discografia de qualquer pessoa que tenha bom gosto musical: *Autobahn* e *Radioactivity*, do Kraftwerk. Será que o crítico que deu essa nota desconhece a influência desses dois álbuns no cenário musical atual?

Jair Fonseca Pinto – Belém, PA

Caro Jair, SHOWBIZZ não tem nenhum preconceito contra a música eletrônica, pelo contrário. No caso específico dos discos do Kraftwerk, o autor da resenha e responsável pelas avaliações foi o nosso colaborador André Gordirro, jornalista e DJ (de tecno), um dos mais ferrenhos defensores e difusores do tecno. Ele mesmo explica: "Estes discos têm valor histórico inegável. Mas a nota é 7 porque eles são muito experimentais, dificilmente você vai querer escutá-los de novo. Para não pensarem que não gosto de Kraftwerk, digo que chorei durante a apresentação inteira do grupo no último Free Jazz, como quem assiste à Seleção Brasileira ganhando uma final de Copa do Mundo".

Legião calcinha

Andam assassinando as canções dos anos 80. Há uma versão de "Astronauta De Mármore", do Nenhum De Nós, em axé music; "Família", dos Titãs, virou pagode na mão do Molejo. Há uma versão de "Tempo Perdido" em forró, da banda Calcinha Preta.

Wagner Farias – Abreu e Lima, PE

A quem interessar possa: Calcinha Preta é uma banda de Aracaju (SE) e sua versão de "Tempo Perdido" está fazendo sucesso. "É uma homenagem a um ídolo, um maluco que com seu talento conquistou toda a juventude brasileira", analisa o compositor Gilton Andrade, produtor e diretor artístico da Calcinha. Ele prossegue: "Compus também o forró 'Renato Russo', faixa de nosso CD ao vivo". Os shows da banda ainda incluem um potpourri com "Há Tempos", "Pais E Filhos" e "Monte Castelo"

Vampiro saciado

Sem dúvida, o Black Sabbath é o maior monstro do heavy metal de todos os tempos. O especial com a banda chegou em ótima hora, os vampiros já estavam famintos.

Mauro Sérgio Pinto – Contagem, MG

A outra face

Estou enviando fotos raras *(abaixo)* de Astrid Fontenele com astros de cinema que não estavam com o pé na cozinha.

Antônio Araújo – São Paulo, SP

Valeu, Antônio. Só para informar: essas fotos, publicadas na revista dominical do Diário Popular *(de São Paulo), mostram a jornalista Dulce Damasceno de Brito, a primeira correspondente brasileira em Hollywood (trabalhou lá de 1952 a 1968).*

Com Jerry Lewis, Marilyn Monroe e Sophia Loren: não é a Astrid!

Fotos Reprodução

Esperança no rock

A carta do leitor Alexandre Mourão *(que detonava o rock brasileiro atual, em SHOWBIZZ 164)* e a matéria de Pedro Só *(na mesma edição)* evocando o nirvânico Kurt Cobain me fizeram refletir sobre o rock e suas conseqüências. Não, o rock não morreu nem tampouco corre o risco de ser substituído por blips e tóins. Seu espírito "contestador" ainda persiste, que o digam Radiohead e o bravo Kula Shaker. Devo confessar que há pouca coisa nova que me desperte a atenção para a geração MTV. Prefiro os mais antigos que soam mais originais, devo estar ficando velho aos 20 anos. Mas, enfim, nem tudo está perdido; o Black Crowes soltou um discaço, Bruce Dickinson voltou ao Iron Maiden, o Garbage vem aí. Despeço-me na torcida pelas meninas do Penélope Charmosa e acreditando nas boas intenções do Pato Fu.

Leandro Rocha – Rio de Janeiro, RJ

Thoms diferentes

Fiquei emocionado ao ver a capa da edição de fevereiro de SHOWBIZZ. Ainda bem que Thom Yorke tem a vida bem resolvida, pois tudo o que nós, verdadeiros amantes do rock, não precisamos é de outro herói suicida. Que o Radiohead tenha uma história tão gloriosa quanto a do Nirvana, porém muito mais longa. Abaixo a necrofilia da arte! Chico Buarque na revista também é motivo de comemoração.

Márcio Santos – Aracaju, SE

O Radiohead é uma boa banda. As opiniões de Thom Yorke, nem tato. As comparações com o U2 o irritam. Mas nunca existirá uma banda capaz de ser o que o U2 é. Se for para continuar assim, Yorke deveria voltar para o hospital psiquiátrico onde trabalhava, mas para se tratar.

Emerson Pinheiro – Cabo Frio, RJ

Quando vi Thom Yorke na capa da SHOWBIZZ, quase tive uma síncope. Foi prazer puro ler a história do Radiohead, curiosidades e opiniões. Após ser abençoado com "Exit Music (For A Film)", a gente passa a crer que, na vida, apesar de toda a droga que ela possa vir a ser, há, sim, momentos de encantamento. Estendo meus cumprimentos também pela qualidade e pelo senso de justiça que a revista tem mostrado.

Alexandre Dantas – Araraquara, SP

Blues sempre

Parabéns pela edição especial *Lendas E Mitos Do Blues*. Foi uma homenagem merecida: poucos gêneros conseguem sobreviver tanto tempo aos modismos.

Anderson Villela – Barbacena, MG

Saudade popular

Vocês continuam maravilhosos como sempre, mas dão atenção demais a algumas bandas. Não tenho nada contra o Aerosmith, mas creio que eles têm aparecido muito em muito pouco tempo. Não será um exagero? Este espaço poderia ser concedido a outros artistas. Beck, por exemplo, é digno de uma capa, ou pelo menos uma página. Nostalgia é bom, mas basta.

Raquel Oliveira – São José dos Pinhais, PR

Nossos leitores elegeram pelo segundo ano consecutivo o Aerosmith como melhor banda internacional, Raquel. Quanto ao Beck, podemos não ter feito matéria sobre ele recentemente, mas sua presença em seções variadas da revista tem sido uma constante. Em tempo: em janeiro de 1997, publicamos quatro páginas de uma entrevista com o autor de "Loser".

COMO CONTATAR SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor.

Seção CARTAS
Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ

SHOWBIZZ RESPONDE
Perguntas, dúvidas, discografias...

ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

E-mail: showbizz.atleitor@email.abril.com.br
Correio: Caixa Postal 66157 - CEP 05315-970 São Paulo, SP
Fax: (011) 3037-4909

ASSINATURAS
Pedidos ou reclamações, mudança de endereço

E-mail: abrilsac@email.abril.com.br
Tel.: (011) 3990-2112 *(Grande São Paulo)*
0800-55-2112 *(Outras Cidades)*
Fax: (011) 3990-2100
(de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas)

NÚMEROS ATRASADOS
Seis últimas edições de SHOWBIZZ

E-mail: dinap.na@email.abril.com.br
Tel.: (011) 810-4800 / **Fax:** (011) 868-2400

PUBLICIDADE
Tel.: (011) 3037-6860 / **Fax:** (011) 3037-4909

EDITORA Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 -1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente e Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Dischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Marcel Cary
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor Editorial Adjunto: Mairas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Nicolino Spina

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran
Redator Chefe: Pedro So
Editores: Bernardo Araujo e Tomiho Spessoto
Repórter: Letícia Calmon
Editor de Arte: Rodolpho Vasconcellos
Editora-assistente de arte Graziella Iacocca
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboraram nesta edição: (Texto) Andrea Estevam, André Barcinski, André Gordirro, Ayrton Mugnaini Jr., Carlos Eduardo Oliveira, Celso Pucci, Daniel Oliveira, Danilo Monteiro, Fabian Chacur, Gastão Moreira, Helton Ribeiro, Jaime Biaggio, Luciano Marsiglia, Luciano Vianna, Lúcio Ribeiro, René Ferri, Sérgio Martins **(Fotos)** Alessadra Levtchenko, Alex Silveira, Ana Paula Oliveira, André Barcinski, Daniel Oliveira, Jorge Rosemberg, Marcelo Ximenez, Melissa Hadar, Pedro Serra, Ricardo Fasanello **(Ilustração)** Felix Reiners e Milton Trajano **(Revisão)** Jorge Cotrim

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo
Abril Press: José Carlos Augusto
Nova York: Grace de Souza
Paris: Pedro de Souza

Publicidade
Executivos de Contas: Marcia Regina Braga

Marketing
Gerente de Produto e Promoção: André Felipe D'Amato

Assinaturas
Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Lídia Colavitti
Diretor de Vendas: William Pereira

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritórios Regionais: Jacques Ricardo
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões

Abril

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
email: showbizz.atleitor@email.abril.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Jorge Rosenberg

Cadê o Bon Jovi?

Sou assinante da revista e leitora fanática, vocês se superam a cada edição! Quando o Bon Jovi pretende lançar um álbum com material inédito? Por acaso o grupo já começou a gravar?

Lívia Caroline S. Silva – Campina Grande, PB

Apesar de não haver previsão para os integrantes entrarem em estúdio, o próprio Jon Bon Jovi já assegurou que seus fãs terão o disco novo do grupo até o fim de 1999 ou início de 2000. Em janeiro deste ano a banda se reuniu em Nova York para gravar a música "Real Life", tema do filme *Ed TV*, com direito a clipe. Nos Estados Unidos, o filme e a trilha sonora foram lançados no mês passado — nos cinemas do Brasil só mesmo em maio ou junho. Enquanto a banda não se junta de vez, Jon está em Roma, filmando *U-571*, suspense sobre a Segunda Guerra Mundial — a letra "U" do título é uma menção sobre um tipo de barco alemão e o número 571 é um código a ser capturado. Junto com os colegas de elenco Matthew McConaughey, Harvey Keitel e Bill Paxton, Jon Bon Jovi adotou um corte de cabelo típico de um soldado e tem participado de treinamentos militares, como parte dos ensaios do filme.

Os pimentinhas

Gostaria de obter a discografia do Red Hot Chili Peppers.

Fernanda Sena – Ribeirão Pires, SP

Aí vão os discos, Fernanda. *The Red Hot Chili Peppers* (1984), *Freaky Styley* (1985), *The Uplift Mofo Party Plan* (1987), *Mother's Milk* (1989), *BloodSugarSexMagik* (1991), *What Hits!?* (1992), *One Hot Minute* (1995). O grupo participou ainda da trilha sonora do filme *Beavis & Butthead Detonam a America*, com a regravação de "Love

Rollercoaster", dos Ohio Players. Há fortes rumores que o novo disco dos Chili Peppers esteja quase pronto. O provável título é *Carlifornication*.

Titãs trintões

Vocês podem matar algumas curiosidades ? Onde e quando nasceram e para que time torcem os sete titãs?

Paula Cristina S. Xavier - Guarapari, ES

Aí vão as preciosas informações sobre os titânicos — todos nascidos na capital paulista. Branco Mello nasceu em 16/03/1963 e torce para o Palmeiras. Charles Gavin (9/07/1960) é o único corintiano. Nando Reis (12/01/1963) e Marcelo Fromer (3/12/1961) vestem a camisa do São Paulo Futebol Clube. E o Santos é o time do coração de Paulo Miklos (21/01/1959), Sérgio Britto (18/09/1959) e Toni Bellotto (30/06/1960).

Rock no Piauí

Lendo a revista conheci bandas como Oasis, Ocean Colour Scene, Joy Division e muitas outras. Por meio da única loja da minha cidade que vende discos importados e fora de catálogo, consegui comprar vários dos CDs de algumas dessas bandas. Mas essa loja vai fechar e não existe outra legal assim em Teresina. Por isso venho suplicar a ajuda de vocês. Gostaria de conseguir os CDs do Oasis, *Undrugged*, e do Ocean Colour Scene, *Moseley Shoals*, ambos com resenhas publicadas em edições da SHOWBIZZ do ano de 1996.

Alcides de Souza Júnior – Teresina, PI

Agradecemos e lamentamos o fim da sua loja favorita. Começando pelo Oasis, o disco *Undrugged* é da gravadora pirata Oxygen. Apesar de ser uma das maiores do mundo, a italiana Oxygen não foge à regra: um CD pirata não é encomendável. Mais comum é obtê-lo por sorte mesmo. Já o CD do Ocean Colour Scene ainda está no catálogo e é possível encomendá-lo. Na loja paulistana Nuvem Nove (tel. 011/820-7051), que faz entrega para todo o Brasil, *Moseley Shoals* custa 22 reais.

Sting sumiu

Queria saber por onde anda o Sting!

Ana Paula Sant'Anna – Curitiba, PR

Segundo sua gravadora, a Universal, tão cedo Sting não lançará trabalho novo. O cantor concorreu ao Grammy (e perdeu), com a música-título do filme *A Razão do Meu Afeto*, a regravação de "You Were Meant For Me" (por sua vez, tema de *Cantando na Chuva*).

Vídeos do Kiss

Sou fã do Kiss e gostaria de saber quais vídeos oficiais da banda foram lançados pela PolyGram no Brasil. Digam-me também se já saiu algum vídeo novo do Kiss lá fora.

Ricardo "Kiss" Reduzino – Taguatinga, DF

Não há previsão de lançamento de uma nova fita, segundo a gravadora Universal, ex-PolyGram. Mas existem três títulos em VHS dos mascarados que foram lançados no Brasil: *Unplugged* (1997), *Konfidential* (1996) e *Extreme Close Up* (1995).

Bizzes

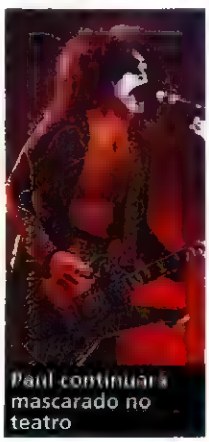
A nova dimensão do rock

Gene e Ace estão trazendo o circo inteiro para o Brasil

Foto: Jay [illegible]

Ô-lê-lê, ô-lá-lá, o **Kiss** está aqui e o bicho vai pegar. Pela terceira vez na história, a primeira com Gene Simmons (baixo e voz), Paul Stanley (guitarra e voz), Ace Frehley (guitarra) e Peter Criss (bateria), o grupo pisa em solo brasileiro para tocar dia 15 de abril em Porto Alegre e dia 17 no Autódromo de Interlagos, em São Paulo. Eles estiveram aqui em junho de 1983 (nos últimos shows com máscara, com Vinnie Vincent no lugar de Frehley e Eric Carr no de Criss) e em agosto de 1994 (Bruce Kulick na guitarra e Eric Singer na bateria).

"O público está babando", avisa, sempre inodesto, o linguarudo Gene, de Praga, na República Tcheca. Entre outras coisas, ele se refere aos efeitos 3-D incluídos no show. "Depois das duas primeiras músicas, nós paramos tudo e avisamos ao público que vai acontecer algo que nunca ninguém fez antes. Eles colocam os óculos e começam a ver, bem na frente de seus olhos, a minha língua, nossas caras, as guitarras... é um delírio", define. Ele lembra que o custo disso é alto – a vinda ao Brasil está orçada em 1 milhão de dólares –, mas que a banda tem sido "abençoada pelos fãs". Para a abertura a atração é o sexteto industrial alemão Rammstein. "Gostamos de viajar com artistas novos", diz Gene, lembrando que bandas como o Iron Maiden, Judas Priest, Bon Jovi e AC/DC abriram shows do Kiss no início de suas carreiras. Após a passagem pela América do Sul a banda vai se dedicar à promoção de *Detroit Rock City*, filme que estréia nos Estados Unidos em agosto e conta a história de quatro jovens passando por confusões para ir a um show da banda. O ingresso para o show em São Paulo custa 20 reais, e o telefone para informações é o (011) 421-3988.



Paul continuará mascarado no teatro

O roqueiro da ópera

O cantor Paul Stanley vai usar uma espécie diferente de máscara, em Toronto, no Canadá, de 25 de maio a 1º de agosto. Caberá a ele a honra de interpretar o papel-título do musical *O Fantasma da Ópera*. Após dez anos de sucesso, o espetáculo vai encerrar a temporada naquela cidade ao sul do Canadá. Em grande estilo, com uma nova estrela na companhia.

Reprodução

A inesquecível Dusty

A música pop perdeu uma de suas mais belas vozes. Dusty Springfield, sucesso nos anos 60, morreu no dia 2 de março aos 59 anos, em sua casa, em Londres, de câncer no seio, de que sofria desde 1994. Dusty – na verdade, Mary Isabel Catherine Bernadette O'Brien – começou a cantar no final dos anos 50 no trio folk The Springfields. Em 1963 emplacou seu primeiro hit solo, "I Only Want To Be With You". Gravou canções de Burt Bacharach, mas a música definitivamente associada a ela é "You Don't Have To Say You Love Me", versão de um hit do italiano Pino Donaggio. Em 1967 mudou-se para os EUA e lá gravou seu melhor disco, *Dusty In Memphis*.

Imagens da capa do próximo disco dos Raimundos

Adriano Pierigiani / Divulgação

Mussum vive

Só No Forévis é o nome que Rodolfo, Canisso, Digão e Fred pretendem dar ao novo CD dos **Raimundos**, previsto para lançamento em maio. Para as fotos da capa e do encarte, os quatro se deram ao trabalho de mudar o visual e vestir-se como uma banda de pagode mauricinho.

"A idéia original era cada um ficar parecido com alguém de um desses grupos", conta Fred, que transformou a barba em cavanhaque e depois em bigode para o projeto. "Mas no final achamos que ia dar muito trabalho e só demos uma adaptada no visual." O cantor Rodolfo descoloriu o cabelo e ficou idêntico a Belo, seu colega do Soweto. Digão fez o mesmo com a barba e Canisso aproveitou sua tendência à loirice e fez luzes, deixando as madeixas ainda mais douradinhas. A idéia do título (e de toda a sacanagem) é a injustiça imposta contra a banda. "A gente é considerado machista, sexista, e todas esses artistas – e a gente não tem nada contra elas – usam os mesmos temas e palavras que nós, e ninguém diz nada", lembra Rodolfo. "Todo show nosso tem censura 18 anos, enquanto ir ver o útero da Carla Perez é liberado para qualquer criança", dispara Fred.

O pop é uma selva

O jungle, ou drum'n'bass, ritmo eletrônico evoluído a partir do dub e do reggae jamaicanos, está em crise. A despeito da presença em comerciais de TV e dos elogios da crítica, os discos não vendem bem. Uma reportagem da revista *Q* compara o estilo ao funk-metal e ao acid jazz, gêneros que ficaram nas paradas menos tempo do que a lambada. Talvez por isso o **DJ Grooverider** *(à esq.)* prefira fugir da pecha de "pai" do gênero. Para ele, quase tudo passa pelo funk – seu primeiro disco solo, chama-se *Mysteries Of Funk*.

O produtor, compositor e DJ, que esteve por aqui no Free Jazz de 1997, também é fã de rock – cita entre seus preferidos Nirvana e Marillion. "Gostaria de trabalhar com as pessoas mais diferentes. É muito mais divertido influir na idéia dos outros, né?"

Divulgação

Negócios à parte

O novo Iron promete boa música e nenhum amor

Bruce Dickinson e Steve Harris não escondem que a volta do Iron é uma opção profissional

"A primeira atitude que eu e Steve tomamos quando nos vimos foi trocar um longo abraço", disse aos quatro ventos Bruce Dickinson logo que voltou a integrar o Iron Maiden, em fevereiro. Bonito, mas na verdade a amizade passou longe da motivação para o retorno do cantor e do guitarrista Adrian Smith à banda. O articulador foi o empresário Rod Smalwood, que trabalhava para as duas partes. E, para a surpresa de ninguém, as negociações foram difíceis porque o teimoso Steve, a princípio, não queria Bruce de volta. "Tive que esperar ele ficar de bom humor", brinca o vocalista. Mas como a permanência do substituto de Bruce, Blaze Bayley, na banda, estava fora de cogitação, ele acabou cedendo aos argumentos de Smalwood e do guitarrista Janick Gers. Sim, Janick, que tocou no primeiro disco solo de Bruce, *Tatooed Millionaire*, e depois substituiu Adrian no Iron, aproveitou a intimidade com as duas partes para mediar as conversas. E, de quebra, garantiu sua permanência na banda, na inédita formação com três guitarras, apesar da nítida preferência dos fãs pelo estilo elegante de Adrian Smith.

Princesinhas do mar

Miriam Fischer

Não adianta correr, pois a tiragem histórica de mil CDs do grupo carioca Os Copacabanas já se esgotou. "Agora vamos investir na pirataria, isso é que vai render dinheiro", acredita o cantor e piadista Ronaldo Di Pádua. Os Copas existem desde 1990 e têm como especialidade um repertório de covers garimpados em sebos da Cidade Maravilhosa. Hoje cultuado de norte a sul do Brasil, o pernambucano Reginaldo Rossi já era cantado pelos Copas no início da década, da manjada "A Raposa E As Uvas" à clássica "O Gênio Cabeludo". Outros ídolos exaltados pela banda incluem Romeu Juliano (do imperdível LP *Tragédia Em Goiás*), Amado Batista, Dudu França e jingles de produtos, como Cremogema e piscinas Tone. O núcleo dos Copas é formado por Ronaldo, o guitarrista Bi Cosmo e as cantoras Liny e Lany.

túnel do tempo

Divulgação

Em 1988, Fatboy Slim era o baixista dos Housemartins, banda conhecida no Brasil pelo hit "Build", a "Melô Do Papel". Hoje, o autor de "The Rockafeller Skank" dá som em lugares para 10 mil pessoas na Europa e na Austrália. E garante que o som que pratica, big beat, é retrô, com orgulho. "Big beat não é o futuro da música. É o passado, uma volta aos anos 60 e à house music."

Reprodução

Fábio (Olho Seco) e Redson (Cólera): na luta

Marcelo Ximenes

Punk até morrer

O punk está vivo e passa bem. Ao menos no que depender de dois de seus precursores, **Cólera** e **Olho Seco**, que reengrenaram as carreiras a partir de shows no Hangar 110, novo templo do punk paulistano. "Nosso público atual tem novos e velhos punks, skatistas, alternativos e até fãs de Green Day e Offspring", entende o guitarrista Redson, há vinte anos ininterruptos tocando o Cólera, que acaba de lançar *Caos Mental Geral*.

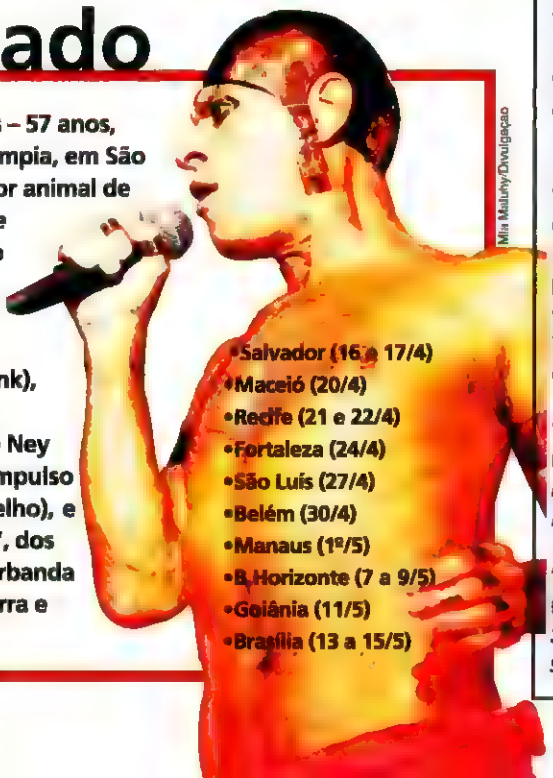
Um ano mais novo e três discos na bagagem, o Olho Seco inaugura nova formação após longa inatividade. "O Hangar abriu uma nova possibilidade aos grupos verdadeiramente punks", acredita Fábio, fundador do grupo, que está sendo homenageado com um CD-tributo na Europa (com participação, entre outros, dos italianos Cripple Bastard e dos finlandeses Força Macabra).

Ativos no primeiro levante punk no país (final da década de 70), ele e Redson foram fichados no SNI – o extinto Serviço Nacional de Informações – após o lendário festival punk O Começo Do Fim Do Mundo, no Sesc-Pompéia, em São Paulo, em 1981. "A polícia acabou com o show e o movimento, que vinha ganhando força; os espaços pra tocar acabaram", lembra Redson.

Instalado no bairro do Bom Retiro (Rua Rodolfo Miranda, 110), o Hangar chega para reacender a chama. "A idéia foi mesmo rearticular o movimento", confirma Marcos "Alemão", proprietário da casa e, claro, punk das antigas.

Siga o sarado

Em formíssima aos – inacreditáveis – 57 anos, Ney Matogrosso mostrou no Olympia, em São Paulo, que continua sendo o melhor animal de palco do Brasil. Seu show *Olhos De Farol* (*veja roteiro à dir.*), baseado no disco com mesmo nome, inclui canções de gente nova – "Fazê O Quê", de Pedro Luís –, sucessos pop, como "Garota Nacional" (Skank), "Metamorfose Ambulante" (Raul Seixas), "Pro Dia Nascer Feliz" (que Ney tinha gravado em 1983, dando impulso para a decolagem do Barão Vermelho), e uma antológica versão de "O Vira", dos Secos & Molhados. Com uma superbanda que inclui Ricardo Silveira na guitarra e Artur Maia no baixo, é imperdível.



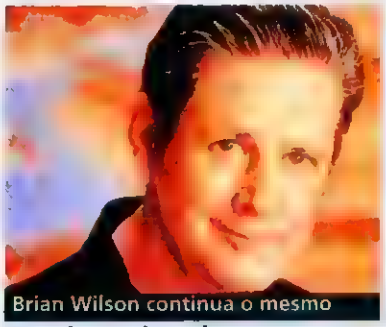
Mia Maluhy/Divulgação

- Salvador (16 e 17/4)
- Maceió (20/4)
- Recife (21 e 22/4)
- Fortaleza (24/4)
- São Luís (27/4)
- Belém (30/4)
- Manaus (1º/5)
- B. Horizonte (7 a 9/5)
- Goiânia (11/5)
- Brasília (13 a 15/5)

frases

"Um dos grandes dramas do Blondie é ser levado a sério demais. O rock em geral é levado a sério demais."
Debbie Harry, *cantora do Blondie, mostrando que sabe tudo, na revista francesa* Inrockuptibles

"O que me liga? Sexo com pó."
Liam Howlett, *do Prodigy, na revista* Q



Brian Wilson continua o mesmo

BMG

"Essa é uma daquelas que eu cantava com voz de menina nos anos 60."
Brian Wilson, *ex-Beach Boys, bem-humorado ao apresentar "Caroline No" durante um show nos EUA*

"Não."
Paula Toller, *respondendo se já havia tido alguma relação homossexual, no programa* Erótica MTV

"Se você tem uma pessoa que ama plenamente, acho que vale tudo na cama. Eu tenho essa pessoa."
Paula Toller, *respondendo se praticava sexo anal, também no* Erótica MTV

"Em uma entrevista, eu disse que éramos felizes por estarmos vivos. No dia seguinte, Bill foi para o hospital como um papagaio perneta!",
Ozzy Osbourne, *lembrando o enfarte sofrido pelo baterista Bill Ward na revista inglesa* Kerrang!

"Gosto mesmo é de música clássica e new age para dinamizar minha vida."
Rita Lee, *ao repórter Dirceu Alves Jr., no jornal* Zero Hora *(RS)*

"É a mesma emoção de arranjar uma namorada ou de trair a mulher."
Scott Ian, do Anthrax, *feliz ao ressuscitar sua outra banda, S.O.D.*

Rosas para uns, rua para outros

Enquanto o Guns N' Roses prepara disco "industrial", Slash renova sua banda e Duff fica desempregado

Axl antes do sumiço: ele agora está trabalhando de verdade

Um espião de SHOWBIZZ flagrou: Axl Rose foi visto, magro e com os cabelos ruivos um pouco mais curtos do que o habitual, num supermercado de Los Angeles. O que ele estava fazendo? Compras, claro – e acompanhado por uma sósia de Naomi Campbell.

O disco novo do Guns N' Roses? Axl continua trabalhando em Los Angeles com o guitarrista Robin Finck (ex-Nine Inch Nails) e o baixista Tommy Stinson (ex-The Replacements), entre outros. Slash desmentiu o boato de que estaria trabalhando no álbum, dizendo que não está interessado "no atual direcionamento do grupo, voltado para sons industriais".

Curiosamente, Slash, Duff e o baterista Matt Sorum (também ex-Guns) tocaram em janeiro no festival de cinema Slamdance, em Park City, Utah. Só covers de Bob Dylan, Stevie Wonder e Rolling Stones. "Depois do show, as pessoas estavam dizendo que o Guns se reuniu", disse o baixista, atualmente mais ligado em tocar guitarra. "Isso é mentira. Só tocamos no festival para nos divertir."

Com seu segundo disco solo, *Beautiful Disease*, prestes a sair, Duff recebeu a infeliz notícia de que estava dispensado do selo Geffen. Motivo: a fusão das gravadoras Universal e PolyGram, que deixou vários artistas "desempregados". Seu empresário, Chris Jones, disse que está acertando nova gravadora. Se tudo der certo, o disco sai na metade do ano.

Segundo Daniel Oliveira, nosso correspondente em Los Angeles, *Beautiful Disease* é um belo disco de rock. Tem participações do baterista Mike Bordin (ex-Faith No More) e dos guitarristas Slash e Izzy Stradlin (também ex-Guns N' Roses).

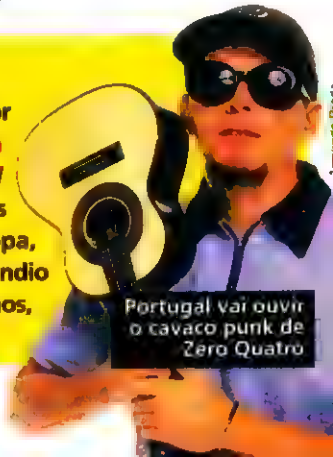
Slash e seu grupo Snakepit continuam no elenco da Universal: já trabalham em disco novo (previsto para o segundo semestre), com nova formação – o vocalista Rod Jackson, o guitarrista Ryan Roxie (ex-Alice Cooper), o baixista Johnny Griparik e o baterista Matt Laug.

Ben Harper Di Camargo

Wellington, o irmão mais seqüestrado de Zezé Di Camargo, não é a cara do guitarrista americano Ben Harper?

O mundo livre gira

Depois de consagrado pelos críticos como o melhor grupo do Brasil no Prêmio BIZZ, o mundo livre s/a segue cada vez mais internacional. O álbum *Carnaval Na Obra* está sendo editado em Portugal. Com shows marcados no México e planos de turnê pela Europa, Zero Quatro apronta uma letra em tupi sobre um índio assassinado e trabalha em três sambas "mais cotidianos, na tradição dos morros cariocas".



Portugal vai ouvir o cavaco punk de Zero Quatro

Marisa Monte e Cesária Évora cantaram Caymmi

Marcelo Jesus/ Divulgação

Mar escocês

Cesária Évora deu um pulinho no Brasil em março. Para gravar com Marisa Monte "É Doce Morrer No Mar", música "desse rapaz que eu não me lembro o nome", como simpaticamente confessou a grande dama cabo-verdiana. Dorival Caymmi, um dos autores – Jorge Amado fez a letra –, não há de ficar ofendido: quem ouviu o registro, com arranjo de Cristóvão Bastos, garante que é sublime. "É Doce..." estará no próximo álbum de Cesária, *Café Atlântico*, que sai em junho. O disco vai ter cinco faixas arranjadas por Jaques Morelenbaum e duas gravadas em Cuba, com músicos locais. Cesária aproveitou a visita para esclarecer um fato sobre sua reputação de pinguça: "Eu não bebo grogue *(aguardente de Cabo Verde)* como dizem por aí. Sempre preferi o scotch".

São Paulo, 40 graus

Marcelo Jesus/Divulgação

Fernanda Abreu cantou com Paula Lima e a superbanda funk Salão Jas

A Paulicéia ferveu quando **Fernanda Abreu** entrou numa jam do projeto Funk Como Le Gusta da banda Salão Jas entoando "Jorge De Capadócia". A platéia da noite mais quente de março e a usina de grooves com onze integrantes – seção de metais reforçada, comando do produtor Eduardo BID e de Sérgio Bartolo (do Karnak) – tocando funk anos 70 levaram a notória vascaína a arroubos de simpatia: ela até saudou o Corinthians.

O Funk Como Le Gusta vai continuar agitando o Blen Blen Brasil, em São Paulo (Rua Inácio Pereira da Rocha, 520 – Pinheiros) todas as quartas-feiras e vai virar disco do selo ST2 no segundo semestre. Marcelo D2, Nação Zumbi, Otto e Mestre Ambrósio já bateram ponto. Ed Motta, Macalé e Rogério Flausino estão na fila.

notas

Baixaria

Marilyn armou o mais previsível dos barracos

O óbvio aconteceu: cisão na turnê *Beautiful Monsters*, que juntava Marilyn Manson e o Hole. Courtney se sentiu diminuída pela magnitude da produção de Marilyn; o cantor, por sua vez, disse que tinha "pena das mães-de-família que estão ficando com cabelos brancos". Ela invadiu o palco durante uma apresentação dele e pulou em suas costas, antes de anunciar que estava deixando a turnê. Depois declarou que não suportava conviver com o clima *junkie* do MM nos bastidores.

Sunsplash no Brasil

Nomes históricos do reggae estarão aqui para duas edições de uma versão brazuca do mais tradicional festival da Jamaica. Dennis Brown, Gregory Isaacs, Max Romeo e os grupos Israel Vibration e Culture baixam da boa ilha para shows em Salvador (de 30 de abril a 2 de maio) e São Paulo, no dia 8 de maio. Imperdível.

A casa de Kurtinho

Quer comprar a casa onde Kurt Cobain morou durante a infância? Ela está à venda por 82 500 dólares e fica no número 406 da West Scott Street, em Aberdeen, Estado de Washington, Costa Noroeste dos EUA. A proprietária atual, Karen Powers, está negociando o imóvel por meio da corretora Windermere Real Estate, que pode ser contatada pelo endereço eletrônico advisor@windermere.com ou pelo telefone 001 360 598-5260 (tratar com Michael Svardh).

Bambas em Sampa

Divulgação

João e seus compadres

Em março, João Nogueira mostrou no Tom Brasil, em São Paulo, que está com tudo em cima novamente. No show de aniversário do bar Pirajá, ele emocionou o público cantando "Minha Missão" a capela. Dona Ivone Lara, Beth Carvalho, Walter Alfaiate e Nelson Sargento também brilharam.

Otto filmando o clipe de "Bob" nas areias do Leme

Otto com o grupo Boato e lula na cabeça; *(abaixo, à dir.)* Altair das Medalhas representou a fauna local

Ele também é do tempo do bob

Explicação pra (inteli)gente

Canção de Otto ganha tradução em imagens – e palavras

Vencedor em três importantes categorias no Prêmio BIZZ – melhor disco, melhor música e revelação – na eleição entre os jornalistas, o pernambucano Otto também teve seu álbum de estréia, *Samba Pra Burro*, apontado como o melhor de 1998 pela Associação Paulista dos Críticos de Arte. Mas *darling* para ele, só se for marca de sutiã. "Eu estou procurando um elo com o popular", reage o ex-percussionista do mundo livre s/a. "O próximo disco já tem várias músicas prontas e até nome, *Condom Black*. É sobre interação de raças", adianta.

Ele diz que saiu da antiga banda por falta de espaço para compor. "Aprendi muito vendo Fred *(04, vocalista do mundo livre)* criar. Fiz 'Free World S/A' *(do álbum* Guentando A Ôia*)* com ele, que não me deu o crédito. Fiz 'Rios, Pontes E Overdrives' com Chico *(Science)*. Aqueles bairros, 'Imbiribeira, Macaxeira', aquilo é meu. Acho que foi um lapso de Chico não ter me dado parceria. Sofri muito, mas foi a partir dessas coisas que eu resolvi sair para fazer o meu som."

Por que o nome *Samba Pra Burro*? "Eu só falo de coisas óbvias. Como você pode falar em modernidade, em presidente inteligente, com o Rio Tietê sujo, com o Capiberibe sujo? Eu sou um brigador. Esse disco é um desabafo do Brasil. Eu durmo pouco e penso muito, é uma batalha pessoal mesmo. Eu quero ver essa injustiça indo embora", discursa.

Suas letras, surrealmente criativas, não requerem bula. Mas uma explicaçãozinha sempre ajuda. "Bob", melhor música do ano segundo a crítica, foi inspirada por uma mulher que ele viu passar pela praia do Pina, no Recife, com um bob de cabelo. "O verso 'ela é do tempo do bob' quer dizer que ela é das antigas. A música é uma dica de programa para os 'liseus', os lisos: ir à praia para namorar e fumar. O 'Pina de Copacabana' é o Leme: o Pina é a ponta da praia de Boa Viagem, no Recife, assim como o Leme é a ponta de Copa, no Rio."

Por isso é que o clipe da música foi filmado nas areias cariocas do Leme. Com vários convidados ilustres: Zé Renato, Mariana de Moraes, Adriana Calcanhoto (fã de Otto), Altair das Medalhas (folclórico balconista de uma farmácia das redondezas), o grupo Boato... E Jards Macalé, que não conhecia Otto, mas topou aparecer no clipe dizendo: "Se ele é de Caruaru, deve ser bom".

Entre Marcos Suzano e Adriana Calcanhoto

Figuração: o burro deu bandeira *hempernambucana*

Dirigido por Lírio Ferreira (cineasta de *Baile Perfumado*), o clipe rompe com os atuais padrões picotadinhos de edição recriando uma estética do cinema "maldito" de Júlio Bressane (mais especificamente do filme *Miramar*). "Tem dois planos-seqüência de 2 minutos. O Lírio montou rapidinho, pá-pum", arremata Otto.

Fotos: Melissa Hardar

Stamp Rock Wear

CAMISETAS OFICIAIS

SILK SCREEN DE ALTA QUALIDADE

RECEBA PELO CORREIO

ENVIAMOS PARA TODO BRASIL

tel: 011-2997344 fax: 011-2995456 e-mail: stamp@uol.com.br

R$ 21,90

GRÁTIS

UM ADESIVO DO DRAGÃO EM CADA COMPRA

COMO COMPRAR

OPÇÃO 1: PAGAR AO RETIRAR

Você receberá um aviso do correio para retirar e pagar seu pedido na agência mais próxima de sua casa. Nesta opção o frete será pago pelo cliente. O valor do frete varia de acôrdo com o peso da encomenda e o local da entrega.

OPÇÃO 2: PAGAMENTO ANTECIPADO

Enviando junto com o seu pedido cheque nominal à STAMP ROCKWEAR, o frete é GRÁTIS.

DESCONTO PARA REVENDEDORES

SOLICITE CATALOGO COMPLETO

TAMANHOS

P M G

Envie o cupom abaixo para : R. Heliodora,321 02022-051 S.Paulo-SP

OPÇÃO 1 ☐ OPÇÃO 2 ☐

REF	TAM	REF	TAM	REF	TAM

NOME _____

END _____

CEP _____ CID _____ EST _____

TEL _____ ASSINATURA: _____

JAM

De um encontro informal entre Herbert Vianna, Dinho, Roger, Ameba, da Plebe Rude, Dado Villa-Lobos (estreando como vocalista!) e outros colegas de geração, surge um disco histórico

por Jamie Biaggio

Herbert: voz em "Geração Coca-Cola"

Dado estreou como cantor!

Na final carioca do Skol Rock de 1997, no Morro da Urca (palco de apresentações antológicas das bandas que fizeram do Brasil o país do rock nos saudosos anos 80), foi revelada uma grande banda cover. Grande mesmo: quatro guitarras, dois baixos, vocalistas para dar, vender e alugar. Todos devidamente calibrados, a ponto de conseguir errar música dos Ramones. Tudo bem, ninguém estava sendo julgado naquela noite de novembro. "Marcelo Rizzo, produtor do festival, me chamou para fazer o show de encerramento e achei que era uma oportunidade de juntar os amigos e me divertir", diz o guitarrista/mentor da idéia Dado Villa-Lobos.

O ex-legionário gostou da brincadeira. Apesar de ter pouco tempo para ensaiar e formatar o show, ele convocou sua turma: os paralamas Herbert Vianna e João Barone (no calor da hora, Bi Ribeiro se juntaria ao time no palco), Dinho Ouro-Preto, então caraminholando a reunião do Capital Inicial, o ex-Plebe Rude Jander Bilaphra (o popular Ameba), o ex-ou-não Hojerizah Tony Platão, o cronista de Copacabana e ex-Robô Efêmero Fausto Fawcett, o ex-um-catatau-de-bandas, agora em carreira solo, e compositor das estrelas Alvin L., o ex-Rato de Porão Mingau, baixista da escola punk dos três acordes, e os guitarristas Carlos Laufer (fiel escudeiro de Fawcett), Tom Capone (o produtor favorito do rock brasileiro dos anos 90) e Fred Nascimento (ex-músico contratado da Legião).

ERRANDO ATÉ RAMONES

Era para ter sido uma jam bêbada. Virou *Jam 80*, CD que SHOWBIZZ traz encartado nesta edição. Na verdade, as dez faixas do disco não trazem o registro da apresentação. Mas é quase isso. Pilhado, Tom Capone ofereceu o estúdio AR, do qual era diretor na época, para que a gangue repetisse a dose (e as doses...) na semana seguinte ao show, dessa vez com as máquinas gravando. Seria a única diferença. "Tocamos ao vivo no estúdio, nenhuma voz foi gravada com microfone de voz *(usado em estúdios)*, tudo com microfone de show", conta Tom. "Ninguém regravou nenhuma guitarra. Na mixagem, só dei uma acochambrada nas coisas. No disco, se você ouve duas guitarras e, de repente, uma some e aparece de novo mais adiante, é porque alguém derrapou e a gente limou. Ficou o mais próximo possível do que foi na hora."

Anestesiados por "um quilo de cerveja" (???), nas palavras de Tom, os craques acertaram a trave várias vezes ao longo de dois dias de festa. "A gente conseguiu errar em 'Sheena Is A Punk Rocker'", lembra Dado, rindo sem culpa.

O clássico um-dois-três-quatro ramônico trouxe um reforço ao time: Roger Moreira, líder do Ultraje A Rigor, prestes a levantar a cabeça depois de anos distante do mercado fonográfico *(detalhes no*

Fotos: Paulo Pinto

Dado, Bi e Dinho no palco do Morro da Urca

Fotos: Pedro Nerra

Ameba representa a Plebe

boxe), gravou a voz em sua casa, em São Paulo, embarcando feliz na farra. "Tanta coisa acontece pelo Rio, projetos de que eu gostaria de ter participado e não fico nem sabendo... Fiquei supercontente de terem me chamado."

À exceção dessa faixa, todo o repertório é nacional, embora haja canções de grupos estrangeiros entre as sobras, suficientes para mais um disco. Houve escolhas inusitadas. Alvin L., mais associado a um romantismo pop adulto de Marina, atacou de "Popstar", bem-humorada carta de intenções niu-uêive do João Penca & Os Miquinhos Amestrados. "Eu era da sala do Abreu *(Selvagem Big Abreu, um dos membros da banda)* na faculdade, fui rapidamente membro do João Penca", informa Alvin. "Popstar tem um humor, uma ironia, uma sagacidade... queria ter feito essa música." Dado, estreando como vocalista em disco, escolheu "Toda Forma De Poder", dos Engenheiros Do Hawaii, para perder a virgindade, acarretando reações divididas dos amigos. "Teve gente que tocou de má vontade...", lembra. "Eu sempre gostei dos primeiros discos dos Engenheiros e essa música tocava direto no rádio quando a gente veio morar no Rio. É uma canção linda." Dado fala sério, Dinho sacaneia: "Ele não conseguia cantar e tocar ao mesmo tempo. Se abaixava pra ver onde tava a mão e acabava se afastando do microfone".

Às vezes, o resultado de uma faixa não indica as condições de sua gravação. Caso de "Fui Eu", em que o vocal de Dinho surge potente, destacado, sem parecer obra de alguém que estava mais para lá do que para cá ao registrá-lo. "Ele cantava e voltava pro sofá pra passar mal", entrega Alvin. "Cara, eu tava com salmonela, que é como se fosse um caso leve de cólera", conta Dinho. "Tinha espasmos musculares de 15 em 15 minutos, ficava prostrado no chão do estúdio."

Outras faixas deixam claro o que esta-

Novidades da turma

• Roger [illegible] com a Dada Eletro, sob o produtor João Augusto, diretor artístico da Abril Music. O disco ao vivo do Ultraje, *18 Anos Sem Tirar*, finalmente será lançado.

• Tony Platão já tem oito faixas de seu segundo CD prontas, que deve sair no segundo semestre, pela Rock It!, de Dado.

• João Barone vai produzir um tributo aos Beatles para a TV. "Samuel Rosa, do Skank, vai cantar 'Ob-La-Di, Ob-La-Da'; Fernanda, do Pato Fu, deve cantar 'Till There Was You'; e Nando Reis também vai participar", conta.

• Dado registra no computador idéias para seu primeiro trabalho solo. "Não tem prazo para ficar pronto. Talvez lançar independente, talvez pela Internet."

• "Estou compondo para o próximo disco", diz Alvin L. "Deve ser uma coisa mais rock, mais elétrica." Enquanto isso, a Rock It! deve lançar material inédito dos Sex Beatles, ex-banda de Alvin com a cantora Cris Braun.

• Fausto Fawcett já começou a rascunhar seu novo conteúdo, *Auto 666*. "É uma ópera de Requim em que fugitivos da bancarrota asiática se instalam em Copacabana."

• Jander Bilaphra, o Ameba, vai estrear um show solo em que mistura mais de dois bateras, percussão e samplers. "Uso a viola com pedaleira, wah-wah, distorção. Gosto de usar o computador para misturar os ritmos do regional brasileiro."

"O projeto quase se chamou *Obrigado, Nada, Pode Ir Abaixando A Calcinha*"

Alvin L.

va rolando. "Kátia Flávia..." foi registrada ao fim da segunda sessão de gravações, alta madrugada, todos "animados". "Foi quando a gente mais brincou com o arranjo", diz Tom. "Toquei um slide barulhento, parece motorzinho de dentista." A versão saiu atacada, com citações qualquer-nota de "Suicide Blonde", do INXS, em homenagem ao então recém-falecido vocalista Michael Hutchence. "A idéia pintou na hora", lembra Fausto.

VOZ GRAVADA ENTRE GOLFADAS

"Rolou uma vibe legal mesmo, que nem existia nos velhos tempos, quando o pessoal ficava se medindo nos shows", atesta João Barone, baterista oficial do projeto, que, na época, tinha o nome de *Fuckin' 80's*. "A gente aproveitou a ocasião para discutir projetos, saber o que os outros estavam fazendo. Dinho já estava maquinando a volta do Capital. Com o Jander, discutimos alguns ressentimentos que impediam a Plebe de voltar à ativa." A presença do ex-guitarrista e vocalista da banda brasiliense também deixou Dado feliz. "A gente raramente consegue se ver, com ele morando em Mendes" (*interior do Estado do Rio*).

Além de "Até Quando Esperar" e "Sexo E Karatê", Jander deixou registradas versões de "Minha Renda' e "Pressão Social", música dos primórdios da Plebe jamais gravada nos álbuns do grupo (nessa última, a bateria é de Marcelo Bonfá, que fazia uma visita ao estúdio). Outra sobra muito comentada por todos que participaram da jam, a versão de "I Will Follow", do U2, com Dinho no vocal, só ficou de fora porque a autorização para o uso da música não chegou a tempo. Segundo testemunhos, é de levantar as orelhas de qualquer um. Há ainda curiosidades, como Fausto cantando "China Girl", de David Bowie/Iggy Pop, "num inglês macarrônico", segundo Dado. "Gostaria de lançar um segundo disco", admite o dono da bola. "Se der, faço em breve."

Ao que tudo indica, até a passagem de som foi antológica. "Fomos para o Morro da Urca às 3 da tarde para ficar direto", lembra Alvin. "Parecia casamento de roqueiro, com toda a turma tomando cerveja e tocando. Cantei 'All Right Now', do Free, três músicas do Lou Reed... Aliás, não passamos quase nenhuma das músicas do show." E, no entanto, tudo deu certo, com direito a canjas especiais, como a de Marcelo D2, recém-saído da prisão, que foi afogar as mágoas cantando "Que País É Este?", da Legião.

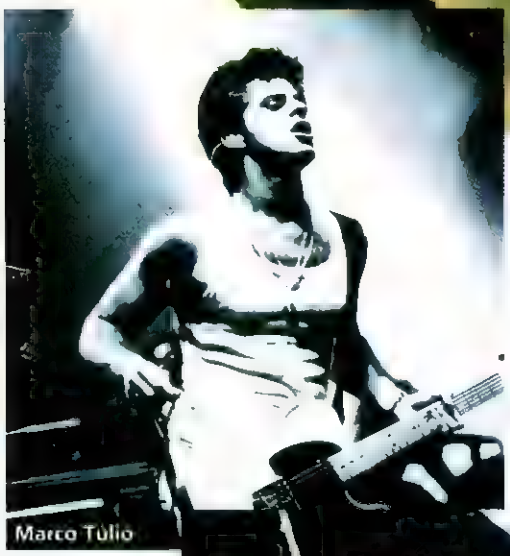
Barone, que aceitou o convite para o show na base do "só se eu tocar todas", lembra da atmosfera como uma grande "social". "Arranjos, andamento, tudo foi no esquema Ramones. Um-dois-três-quatro, já foi." "Era uma coisa bem à vontade", atesta Tony Platão, que brincou com a voz em versões de "Carne E Osso", dos Picassos Falsos, e "She Sells Sanctuary", do Cult. Até por isso, o nome do projeto, entrega Alvin, quase foi *Obrigado, Nada, Pode Ir Abaixando A Calcinha*. "Foi o Fausto chegar que alguém já pensou em baixaria", brinca. Ao que o autor de "Kátia Flávia..." retruca, circunspecto. "Foi uma grande brincadeira, uma reunião de velhos amigos. Mas resultou em um produto de qualidade."

Mesmo doente, Dinho manda bem

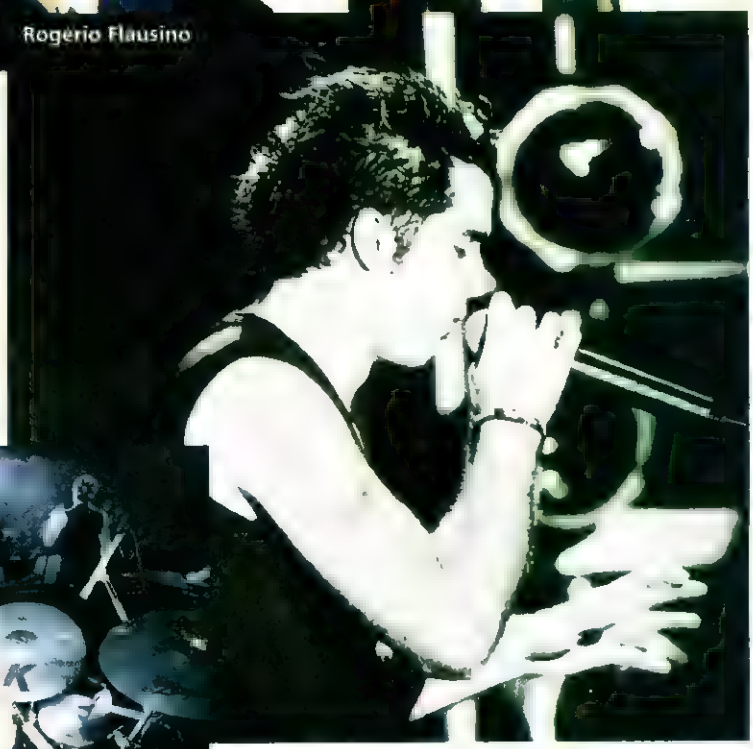
JAM 80 faixa a faixa

- "Sheena Is A Punk Rocker" (Ramones)
- "Geração Coca-Cola" (Legião Urbana)
- "Até Quando Esperar" (Plebe Rude)
- "Todo Homem Deve Saber" (Engenheiros Do Hawaii)
- "Foi Eu" (Paralamas Do Sucesso)
- "Pros Que Estão Em Casa" (Hojenzah)
- "Popstar" (João Penca & Os Miquinhos Amestrados)
- "Será" (Legião Urbana)
- "Kátia Flávia, A Godiva Do Irajá" (Fausto Fawcett)
- "Sexo E Karatê" (Plebe Rude)

Rogério Flausino



Marco Túlio



Paulinho Fonseca

Na foto do alto, da esquerda para a direita, PJ, Paulinho Fonseca, Rogério, Marco Túlio e Márcio Buzelim: sucesso nacional com "Fácil" e casa cheia por todas as cidades onde tocam

Operários do POP

por Danilo Monteiro / Fotos: Alex Silveira

Fazendo até 22 shows por mês, o Jota Quest é a banda que mais trabalha no Brasil. De carona com a trupe mineira, SHOWBIZZ testemunhou a dura rotina do sucesso. Cansa, maltrata o corpo e dói, mas é gostoso

Uberlândia, março de 1999. Uma bela jovem bate à porta do quarto do guitarrista Marco Túlio, no hotel. Já é madrugada, depois do show do Jota Quest. O músico abre a porta. A moça, que horas antes tinha estado na noite de autógrafos da banda e subido em cima da mesa para dar um beijo no vocalista Rogério Flausino, pergunta: "Posso ficar aqui com você?"

A vida dos integrantes do Jota Quest pode parecer fácil, como sugere um trocadilho com o nome do maior sucesso do grupo que os persegue e eles não suportam mais. O sucesso, porém, tem seu preço. Em uma época de vacas magras para o segmento pop/rock como janeiro, ou seja, entre o Natal e o Carnaval, e ainda mais em plena recessão, o grupo fez 22 shows. Apresentaram-se até em cima de caminhão de trio elétrico, em Cabo Frio (RJ), entre bandas de axé.

Com isso, problemas de saúde decorrentes do esforço excessivo atingiram todos os integrantes – em geral, onde eles são mais exigidos: o vocalista Rogério Flausino sofre com a faringe e a laringe inflamadas; Marco Túlio, guitarrista, teve problemas na coluna; na "cozinha" do Jota, tanto o batera Paulinho Fonseca como o baixista PJ estão com tendinite. Márcio Buzelim, tecladista, ficou as duas primeiras semanas de março em repouso, sem tocar, porque teve uma desidratação resultante de estresse. Ainda assim, continuam cumprindo com garra sua agenda e quase não transparecem cansaço nas inúmeras entrevistas e nos shows. Afinal, ralam desde 1993 para isso, já tocaram muito em bailinhos e, claro, estão sendo muito bem pagos. SHOWBIZZ acompanhou a correria dos caras na estrada durante cinco dias – e cinco apresentações em quatro Estados diferentes. ▶

Ilustração Milton Tragano

Quarta-feira 17/03

São Paulo, SP

12:00 – Aeroporto de Congonhas. O Jota Quest estava na cidade porque tinha gravado no dia anterior uma participação no *Programa Livre*, do SBT. Começa mais uma semana de shows: Araçatuba (SP), Ilha Solteira (SP), Uberlândia (MG), Brasília (DF) e Goiânia (GO), uma cidade por dia, até domingo. Rogério Flausino, o vocalista, aproxima-se do repórter e aponta a garganta, sussurrando: "Repouso vocal". O tecladista Márcio Buzelim só chega na sexta, em Uberlândia.

Araçatuba, SP

15:00 – Algumas pessoas já os esperam no pequeno aeroporto da cidade. Uma fã que estava por lá persegue a van do grupo em uma mototáxi até o hotel Pekin Palace, onde Michele, Patrícia, Siloide e Luana (todas com 14 anos) já estavam com caderninhos e máquinas fotográficas a postos. Atenciosos, Rogério, Marco Túlio, PJ e Fonseca posam para fotos, autografam, conversam, dão beijinho. Têm alguns minutos para subir para seus quartos e descer para entrevistas com a imprensa local.

16:45 – Os músicos respondem pela enésima vez a perguntas sobre como surgiu a banda, de onde veio o nome. Uma das jornalistas de TV não sabe nada sobre a banda, mas o guitarrista Marco Túlio, o mais "relações públicas", esforça-se para ajudá-la, brincando: "Se fosse o Julio Iglesias ou o Roberto Carlos, hein, Margarete? Mas te mandam esses meninos aqui..."

17:30 – Saída para o estúdio local da TV Globo. Eles entrarão ao vivo no jornal regional. O "estúdio", que fica na zona rural de Araçatuba, na verdade é um fundo montado aos pés da antena de retransmissão, já que o informativo é apresentado a partir da vizinha São José do Rio Preto (SP). "Na terra do boi gordo, nada melhor do que uma entrevista no pasto", explica o repórter Marcelo Teixeira. Um bovino berra ao longe, concordando. Para justificar a ausência de Rogério, que ficou no hotel repousando a voz, e de Buzelim, que não vai tocar na cidade, Marco Túlio faz troça: "O Rogério ficou fazendo a unha e o Márcio fazendo escova".

19:30 – Passagem de som.

20:30 – Jantar com a equipe técnica de dezessete pessoas, que veio de Belo Horizonte no ônibus da banda. Tem gente que trabalha há cinco anos com o grupo (ou seja, antes mesmo do primeiro disco, quando a banda se apresentava somente pelo interior de São Paulo e Minas), como o produtor Paulo Martins, que já fez a iluminação de shows de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Um dos mais novos do time é o também produtor Marcos Soares, que trabalhou antes com Lulu Santos e Kid Abelha. "Um dos motivos de o Jota Quest fazer tantos shows é que a banda não fica em hotéis cinco estrelas e viaja muito de ônibus, o que reduz os custos do contratante", acredita Marcos.

22:30 – Show em uma boate para 1 700 pessoas. A platéia cheirosa, basicamente de garotas adolescentes, só não pula mais porque as sandálias plataformas não deixam. Ao lado da mesa de som, uma garota brinca de entrevistar a amiga, fazendo sua máquina fotográfica de microfone:

– Você ama o Rogério Flausino?

– Amooooo!

Marco Túlio parece satisfeito após o final. "Lembrei dos tempos de bailes em BH, tocando bem perto da galera. Sem o nosso equipamento de iluminação completo – porque a casa era pequena –, só a música".

Entrevista para a Globo no "estúdio" de Araçatuba

Na van, escutando Queen e INXS

Rogério Flausino no palco: energia à prova de faringite

Quinta-feira, 18/03

12:00 – Saída para o almoço em um shopping. Entram numa loja de discos, e voltam com quilos de CDs. PJ comprou vários do Queen, embora ache que "The Police é a melhor banda do mundo". Fonseca, como bom baterista, prefere Rush (grupo do monstro Neil Peart).

14:30 – O grupo (menos Rogério, que ficou descansando no hotel) vai passar uma tarde no Spa Tropical, nas proximidades de Araçatuba, a convite da dona do estabelecimento. À beira da piscina, o baterista Paulinho lembra dos tempos em que era gerente de uma empresa de ônibus e tocava com o baixista PJ em uma banda de funk, chamada Primavera De Praga. "A gente era radical, queria tocar que nem negão. Não deu certo" *(ri)*.

Logo um grupo de garotas vem conhecer a banda: uma atenciosa mãe quer apresentar suas filhas para os garotos do Jota Quest. Marco Túlio sai da piscina, de sunga branca, aproxima-se delas ainda pingando e diz: "Agora vocês me pegaram desprevenido".

17:30 – Após um lanchinho light no spa, pit stop no McDonald's, antes de partir para Ilha Solteira numa van (o ônibus já estava a caminho, com a equipe). Rogério Flausino retorna à trupe após descansar no hotel à tarde.

Ilha Solteira, SP

19:30 – Passagem de som. O show desta noite será no conjunto de quadras de um clube, de onde foram retiradas as divisórias, a céu aberto.

20:30 – Dezenas de adolescentes, que aguardavam a chegada dos popstars na porta do hotel, gritam quando avistam a van se aproximando. Segundo o testemunho dos funcionários, estavam desde a manhã por ali.

0:00 – Antes do show, os alto-falantes tocam dance music de FM para a pequena multidão, que está crescendo. "Cadê o pessoal de Três Lagoas!", grita um "animador". Um grupo responde de volta. Ele continua: "Vieram quatro ônibus de lá! Cadê Adamantina? Votuporanga?". A platéia, que chegou a ter 3 mil pessoas, conta com muita gente de cidades próximas.

O espetáculo se inicia com o tema do filme *2001, Uma Odisséia no Espaço*, do compositor clássico Richard Strauss, mas na versão funk do arranjador brasileiro Eumir Deodato. Como a estrutura do palco é improvisada, após a apresentação surge um problema: não há uma saída isolada do público, a banda precisa sair rápido. Resultado: na "fuga" rumo à van, Rogério é atacado. Uma garota literalmente pula sobre ele. Dois seguranças saltam sobre ela, com dificuldade para contê-la. Enquanto isso, Rogério Flausino sai com o lábio sangrando. "Fácil"?

Os cinco macacos

Rogério Flausino
26 anos, vocalista
É o "Homem Ácaro", segundo os companheiros de banda. Onde quer que esteja, sempre pede para desligar o ar-condicionado. Está constantemente preocupado com fatores ambientais alergênicos que possam afetar seu gogó. É sempre o primeiro a ir embora para o hotel.

Marco Túlio
27 anos, guitarrista
O galã. Assediadíssimo pelas fãs. Extremamente solícito, dedica um bom tempo a conversar com quem o aborda, posar para fotos e dar autógrafos. Mas recentemente teve de ficar três horas trancado em uma loja, num shopping de Belo Horizonte, para escapar de um exército de fãs enlouquecidas.

PJ
30 anos, baixista
É o responsável pela chamada "atitude de rebelde" na banda. "Minha função aqui é pensar ao contrário", define ele. Não gosta de "Fácil". Geralmente veste-se de negro, é o mais calado, tem uma grande tatuagem de escorpião, mas é considerado por Marco Túlio "o virtuose do Jota Quest". Os colegas de grupo dizem, justificando seu comportamento: "Ele mora no estranho mundo de PJ".

Márcio Buzelin
28 anos, tecladista

Chegado em OVNIs (avistou há um ano um conjunto), compõe com PJ e Fonseca a vanguarda eletrônica, pesquisando equipamentos.

Paulinho Fonseca
32 anos, baterista
Sempre bem-humorado, ganhou o apelido de "Pequeno Moreno", com o qual se lançaria como cantor de pagode.

Marco Túlio e Rogério , no camarim, e PJ passando o som: preparando o espetáculo

Em um rápido "luau" no aeroporto de Uberlândia, surgem idéias para novas canções

O trompetista Paulo Márcio quase foi engolido por um buraco no palco

As fãs que viajaram duas horas atrás de autógrafos

Sexta-feira

4:30 – Não há tempo para dormir na cidade. O ônibus parte para enfrentar seis horas de viagem até Uberlândia (MG). Antes, uma parada na única lanchonete aberta da cidade. Passa uma Savoiro. O motorista vê a banda, freia ruidosamente, pára em frente e coloca o CD do Jota Quest no último volume. Já sai do carro dançando. PJ tapa os ouvidos. Marco Túlio capricha em seu repertório de poses de *guitar hero*, usado com grande efeito no palco, e Paulinho Fonseca o imita, debochado.

Uberlândia, MG

12:00 – Chegada e, ufa, descanso!

18:00 – Noite de autógrafos em um shopping center. Márcio Buzelim está de volta, após duas semanas de molho (teve desidratação e estresse), e a banda aparece empurrando-o em um carrinho de supermercado. Mais de 200 garotas esperam atrás de uma cerca. Entre as mais ouriçadas, um grupo que estuda no mesmo colégio no município de Patrocínio (MG), e viajou duas horas apenas para vê-los. Todas têm 15 anos e gritam por Marco Túlio. Renata Silva, que mora na cidade, também com 15 anos, ficou muito nervosa na fila e chorou até conseguir chegar à mesa de autógrafos. "Eu amo o Rogério. Quando eu vejo esse homem na TV, me dá um trem!"

20:00 – Passagem de som.

0:00 – Show para 3.500 pessoas. Guilherme Prachedes, tecladista que ficou duas semanas substituindo Márcio, confessa: "Duro vai ser voltar à realidade". O lugar da apresentação, um galpão com um palco, está tão cheio que não comporta todos os pagantes. Mais de 200 pessoas ficam ao lado, em uma área ao ar livre. No camarim, após a apresentação, Marco Túlio nega a fadiga. "O que me cansa é ficar em casa vendo *Sessão da Tarde* na TV."

Sábado

2:00 – Ao sair do show, PJ já está sentindo o cheiro de Brasília (DF), a próxima cidade do roteiro. O baixista morou durante os anos 80 na cidade, onde ainda está parte de sua família. "Assisti à Legião Urbana lá. O Renato Russo era um gênio, levava vinte vezes mais gente do que o Jota Quest para assisti-lo", diz, apontando pela janela da van a multidão dispersando-se.

O ônibus parte para a capital levando, da banda, apenas PJ. Rogério Flausino teve uma indisposição antes da apresentação de Uberlândia, e ao chegar de volta ao hotel passou mal, por causa do remédio que está tomando para a inflamação da garganta. Ele e o resto do grupo vão de avião.

17:00 – No saguão do aeroporto de Uberlândia, esperando o vôo, os músicos se sentam ao redor de uma mesa, pedem água-de-coco e Marco Túlio tira o violão do estojo. Surgem idéias para novas músicas nesse breve luau – o próximo disco deve ser lançado no meio do ano 2000. Mesmo com os problemas de saúde, Rogério Flausino mostra disposição para o futuro do Jota Quest. "Observando a história de bandas como Aerosmith, Titãs, você vê que elas atingem um pico, podem ter uma queda, mas continuam. Não sei se já estamos no auge", arrisca. Ao entrarem no avião, a aeromoça os parabeniza: "Adorei o show de vocês no Planeta Atlântida *(festival realizado em Torres, RS, há dois meses)*".

Macacada linha dura

Em suas viagens pelo Brasil, a trupe do Jota Quest tem normas rígidas para poder cumprir os compromissos e manter a disciplina na estrada. Para isso, foram instituídas multas. Para os horários de saída, há 10 minutos de tolerância; depois disso, o atrasado paga 10 reais, se for da equipe técnica, e 100, se for da banda. "Hálitos suspeitos" em horário de compromisso profissional também são punidos no bolso. O dinheiro arrecadado vai, segundo o empresário Ricardo Chantilly, para instituições de caridade. "Contando desde o início do ano, Marco Túlio já está devendo 500", entrega Chantilly.

Além do prejuízo, o atrasado ainda sofre com a gozação da galera. Aliás, o deboche entre eles é uma constante. Rogério Flausino ganhou da banda um afinado corinho de "vai pagar, vai pagar, vai pagar", quando apareceu após deixar a equipe esperando 5 minutos no saguão do hotel em Brasília. PJ, que puxou o coro, estava se vingando do deboche que sofreu por ter sido o único da banda a ir de ônibus para a capital, e ainda ter pago multa, quase no mesmo valor que gastaria se fosse de avião.

"O que cansa é ficar em casa assistindo à *Sessão da Tarde* na TV"

Marco Túlio

Brasília, DF

19:30 – Chegada ao hotel, próximo ao Palácio do Planalto. Integrantes de um fã-clube esperam na porta. A passagem de som será dentro de uma hora.

Domingo

1:00 – O palco foi montado à beira do Lago Paranoá. Pequenos barcos jogam suas âncoras por ali. Uma improvisada pista de dança ferve, em uma pequena e breve rave. O show para 5 mil pessoas teve vários problemas de organização, como falta de alvará para a presença de menores e um buraco no palco que acabou vitimando o trompetista do trio de metais que acompanha o Jota Quest, Paulo Márcio. O músico teve de levar três pontos na altura das costelas. Flausino altera ligeiramente o rígido roteiro da apresentação, citando "Pais E Filhos", da Legião Urbana, no bis.

11:00 – Saída para as fotos em frente ao prédio do Congresso e ao Palácio do Planalto. Após o almoço, pé na estrada, através do cerrado.

Goiânia, GO

16:30 – Logo após a chegada no hotel, todos descem para gravar uma entrevista para o programa Fogão e Folia, da TV local. Sentam em volta de uma mesa com mistos quentes, a comida preferida do baterista Fonseca ("Vou escrever o 'Guia 4 Rodas do Misto Quente' ", anuncia) . Perguntados se nunca tinham tido problemas com a alimentação na estrada, PJ manda objetivamente: "Diarréia".

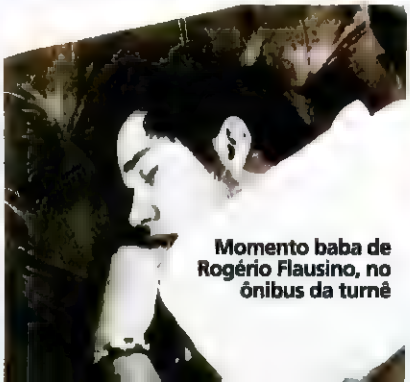
No último dia da semana, o baixista está cansado. "Dois shows por semana, você faz porque gosta, cinco é para ganhar dinheiro. Até três anos atrás, eu ficava na neura de ter largado a engenharia *(civil, que exerceu por seis anos)*. Como você vai compor preocupado com o aluguel?", pergunta.

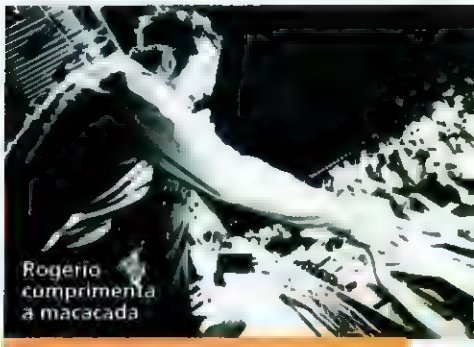
22:00 – A banda faz o show de encerramento do Fico (Festival Interno do Colégio Objetivo) local, em um ginásio. Apesar de ser o último da semana, a preparação no camarim é animada. Enquanto são entrevistados por uma equipe de TV, levam uma chuva de pães-de queijo, cortesia dos empresários Ricardo Chantilly e Sérgio Pita. Enquanto Marco Túlio e Rogério fazem alongamento, o trio de metais arma um número com PJ e Fonseca: ao som do tema do *Programa do Ratinho*, o baixista e o baterista imitam o apresentador. O Jota Quest é bom de entretenimento até no seu pessoal de "cozinha".

Acabado o show, estão todos loucos para voltar para casa, vão tomar o primeiro vôo da segunda para Belo Horizonte. Mas Paulinho lembra: "O que a gente vai fazer em BH na segunda ao meio-dia?" Como se diz por aí, o espetáculo não pode parar...

O grito de guerra antes de entrar no palco é sagrado

Em Uberlândia, deu trabalho controlar a mulherada


Momento baba de Rogério Flausino, no ônibus da turnê


Rogério comprimenta a macacada

Um show que é show

A apresentação do Jota Quest vale sempre por um eficiente bailão, sim. Mas meticulosamente produzido. Além do destruidor trio de metais que acompanha o grupo, bases pré-gravadas e vinhetas eletrônicas entre as músicas "engordam" o som. O *set list* é bastante rígido, quase nunca é alterado.

Antes do começo do medley "Gostava Tanto De Você/ Você", pérolas do repertório de Tim Maia, entra um sampler com o próprio dizendo: "Um Abraço, Jota Quest" – retirado de um show de Tim no festival gaúcho Planeta Atlântida do ano passado, um mês antes de seu falecimento. Nessa hora Rogério Flausino diz: "Ih, é o Tim Maia!", e manda em seguida: "Esta é a nossa homenagem para sempre ao rei da soul music brasileira". Em outro cover, "Happy Day", Flausino pede para só os anjos cantarem, depois brinca: "Quer dizer que aqui só tem anjo?". Quando a música fica mais pesada, pede para os capetas pularem.

O fundo do palco é um anteparo para quatro projetores de desenhos de luz, compondo cenários para cada música. "Não pretendemos ser a maior banda do Brasil, mas queremos ter o show mais bem produzido", diz Marco Túlio. "Daqui a dois anos estaremos apresentando coisas nunca vistas no Brasil", promete PJ.

A turnê em números

121 shows desde junho de 1998
12 shows por mês é a média
250 shows serão completados até o fim deste ano
90 cidades em 15 Estados foram visitadas
571 950 pessoas já viram
4 700 pessoas é média de público por show
22 pessoas viajam no ônibus da turnê, incluindo a banda e a equipe técnica

Uma cidade por noite

evento histórico
TODO PODER

Na foto maior: a UBC, turma de Jaçanã, enlouquece; Ice Blue, dos Racionais MC's *(à esq.)* e Thaíde *(abaixo)*, dois dos astros da festa no palco e no telão

O hip-hop mostra sua força reunindo 30 mil pessoas no primeiro Festival Internacional de Rap, em São Paulo

Por Carlos Eduardo Oliveira / Fotos: Marcelo Ximenez

Nada de cabeludos, guitarras distorcidas ou solos intermináveis de bateria. As camisetas pretas até estavam lá, no Sambódromo do Anhembi. Mas estampas de Metallica e pesos pesados congêneres foram substituídas pelas de Ice Cube, Wu-Tang Clan, Tupac Shakur e Racionais MC's, ícones de uma tribo que nunca havia se reunido num festival próprio de grandes dimensões (houve um legendário show no Vale do Anhangabaú, em 1996, que terminou em tumulto, com artistas tendo de dar explicações na delegacia).

Sábado, 20 de março, 30 mil almas celebravam a consolidação do hip-hop brasileiro. Manos, manas e simpatizantes de tribos, etnias e origens geográficas diversas se uniram em uma celebração pop dedicada ao primo pobre da família.

A produção ocupou lugar de destaque no sucesso do festival. Como nem sempre ocorre em shows espalhados pela periferia, o público foi tratado com dignidade, com palco, som, telão e iluminação de primeira. Apesar do grande número de atrações, praticamente não houve atrasos. Destoou apenas o tratamento hostil reservado à imprensa: a produção quis impedir SHOWBIZZ de cobrir o evento e fotógrafos foram tratados com truculência.

Alheio aos bastidores, o público, que chegava aos poucos, vibrou quando o grupo paulistano Apocalipse 16 (recém-contratado pela gravadora Cosa Nostra, dos Racionais) abriu a noite com seu rap-gospel pontilhado por elegias aos céus, implantando clima de culto evangélico. Em uma dessas pregações, o vocalista Charles sumiu, tragado por um buraco traiçoeiro. "Foi só o susto, não me machuquei muito", contou.

Entre uma atração e outra, Primo Preto, ex-VJ da MTV e mestre-de-cerimônias da noite, comemorava. "Hoje é um dia maravilhoso para o rap nacional, taí a prova de que, mesmo não se vendendo, ele tem força e público." Como ex-apresentador do *Yo!*, ele saudou a estréia de KL Jay, dos Racionais, como anfitrião do programa. "Ele está no lugar certo", referendou.

Outro dos trunfos do evento foi acrescentar à programação atrações que contrastassem com a verborragia do rap tradicional – assim, Claudio Zoli e banda foram bem-vindos na seqüência, com muito groove e balanço funk. Nos intervalos, DJs se revezavam no palco tocando ▶

eu fui

Rodrigo "Chocolate"

Idade: 16 anos
Profissão: balconista do McDonald's
Área: Jabaquara, Zona Sul
Tribo: Effect Breakers
Som: Afrika Bambaatta, Thaíde e DJ Hum, Wu-Tang Clan, Racionais
Frase: "O festival tá muito louco, representa bem a força do hip hop".

O encontro de DJ Hum e Marcelo D2 mostrou a união entre os rappers do RJ e de SP

de James Brown a gangsta rap. Um passeio pelo público revelava *b-boys* e skatistas de todas as tendências.

Interessante era o flagrante contraste entre funkeiros "da antiga", representando a primeira geração da black music brazuca, e dezenas de crianças espalhadas pela pista. "Vila Maria, Zona Norte!"; "Francisco Morato, Zona Oeste!", ou "Jardim Ângela, Zona Sul!", eram alguns dos pontos revelados num rápido censo. Rodas de break pipocavam aqui e ali, e as "pedradas" (rap mais radical) que emanavam das caixas de som ecoavam imediatamente nos quadris da massa.

"Eles não queriam que esse dia chegasse, mas nós vencemos a batalha", bradou X, vocalista do Câmbio Negro. A apresentação do grupo de Brasília provou que o rap com banda é perfeitamente viável. Mais tarde, o rapper explicaria que se referia à "meia dúzia que dita o estilo das rádios do país e mantém a alienação do povo por meio da música de entretenimento, excluindo o rap, contestador".

Como era de esperar, a noite foi prolífica em lamúrias, discursos inflamados contra alvos diversos, odes à periferia e pedidos de paz e união do movimento, como prega MV Bill. Bem recebido pela platéia paulistana, o rapper carioca apresentou faixas de recado forte, como "Chega De Babar" e "Um Crioulo Com Uma Arma", extraídos do recém-lançado *CDD Mandando Fechado*. Mesmo assim, reclamou da velha rixa entre paulistas e cariocas. "Não sei por que, mas minha música não toca em São Paulo. Ainda não estou integrado à cena, tenho que ralar por aqui."

A essa altura, o *backstage* era uma festa da tietagem. Os artistas mais notórios, como Thaíde e DJ Hum, mal conseguiam andar sem ser tragados num mar de mãos e canetas pedindo autógrafos. "Há quinze anos a gente espera por esse momento. Ninguém imaginava que o rap chegasse a um grande dia como hoje", comemorou o DJ Hum. A dupla, pioneira do hip-hop paulistano, saiu ovacionada. "Disseram que ia haver muita confusão, mas estamos provando que a violência não vem da periferia", provocou Thaíde após o show.

A grande expectativa girava em torno da chegada dos Racionais, anfitriões da noite, e dos norte-americanos do Naughty By Nature. Entre uma cerveja e outra, Marcelo D2 engrossava o coro dos contentes: "Hoje é o auge do rap no Brasil em todos os tempos, mas ele ainda tem de crescer muito. Isso aqui é marcante, mas é só o começo". D2 provou que sua carreira solo já decolou – mas por via das dúvidas, acrescentou versões hip-hop de sucessos como "Queimando Tudo Até A Última Ponta". Teve o público na mão, provocando catarse e dando muito trabalho aos seguranças. "Hoje é a noite da vingança dos DJs e suas pick-ups contra os guitarristas", brincava o DJ Zé Gonzales.

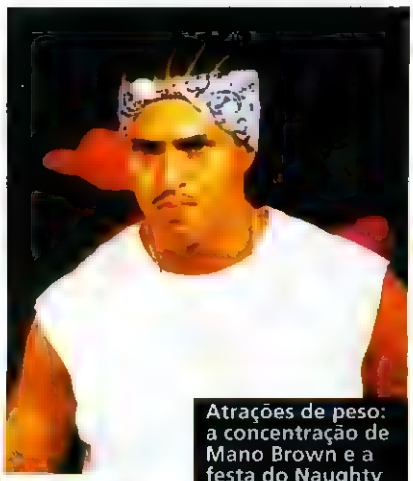
Mano Brown e cia. chegaram e foram instantaneamente hipnotizados pelos enormes cadillacs estilizados que haviam desfilado momentos antes. "Isso é que liga a gente", observou Brown para um integrante da trupe. Idealizador do evento, o racional Ice Blue estava às voltas com o Naughty By Nature, que acabara de chegar mas ameaçou não entrar em cena se tivesse de andar a pé até os camarins, distantes cerca de 300 metros dos portões – o enorme ônibus não conseguiu entrar no estacionamento. "Tenho de desembarcar esses gringos de qualquer jeito." Uma van é providenciada, o show está garantido. A essa altura, o RZO, pupilo dos Racionais, entrava em cena saudado entusiasticamente, mas acabou se apresentando sem muita inspiração, não mantendo o pique levantado por D2.

E chegou o grande momento. Algumas câmeras que gravavam o show desapareceram, até o telão foi desligado, sufocando insistentes rumores de que a Rede Globo estaria registrando o evento usando uma produtora independente como fachada. Só

eu fui

Gislaine Fraga

Idade: 24 anos
Profissão: comerciante
Área: Morumbi, Zona Sul
Tribo: patricinha
Som: rap
Frase: "Não rola discriminação. Não é porque sou branca que deixo de ir a shows de rap."



Atrações de peso: a concentração de Mano Brown e a festa do Naughty By Nature *(abaixo)*

como lenha na fogueira, uma faixa dizendo "A revolução não será televisionada" foi erguida pelo público – citação de uma canção/poema de Gill Scott-Heron, que gravava discos declamando letras politizadas sob bases grooveadas antes de o hip-hop existir.

As luzes apagaram, tocou um sino e os Racionais entraram em cena. "O terror está no ar", saudou Brown, que durante o show ainda se auto-intitularia "cachorro louco" e "ladrão", entre outros adjetivos. Curioso o efeito de suas crônicas – enquanto Brown abria os braços e regia o coro, a massa, estática, cantava todas as letras em uníssono, num ritual mais contemplativo do que dançante.

Entraram no repertório músicas antigas, como "Júri Racional" e "Apenas Um Rapaz Comum", e a cada introdução reconhecida, a vibração era total. Mesmo dizendo que não estava ali "para dar conselho a ninguém" – "não sou pastor", "os Racionais também erram" –, Brown hipnotizou a platéia com discursos panfletários. "Falaram muita bobagem durante a semana, que a Globo comprou o show, mas não é nada disso. Ninguém me compra! Se tiver que voltar pra favela, nós voltamos todos juntos", prometia. "Mágico De Oz" e "Capítulo Quatro, Versículo Três" fecharam uma apresentação irrepreensível. "Já fizemos shows até melhores, mas esse foi muito especial", comentou Edy Rock.

Quatro horas da manhã. Mesmo cansado, o público não arredou pé antes do Naughty By Nature, a primeira grande atração internacional de rap no país desde o Run-DMC no Rock in Rio II, em 1991. Com quatro discos na bagagem, o trio de New Jersey estava empolgado para entrar em cena. "Ainda nem tocamos e já estamos pensando em voltar ao Brasil. O país é lindo e esse festival está maravilhoso", antecipava animadamente o vocalista/letrista Treatch, de macacão espacial e máscara, que não chegou a utilizar.

No palco, ficou flagrante o abismo que ainda separa o rap nacional do norte-americano – a abordagem dos gringos é *show business*, o som é mais porrada e seu domínio cênico, total. Os samples do DJ Kay Gee (que também canta) vão de Jackson Five a Lauryn Hill com a mesma desenvoltura. Trilha sonora de aulas de aeróbica, o hit "Hip Hop Hooray" foi o epílogo do festival, pondo pra dançar quem ainda se agüentava em pé. "Não falei que o show ia ser legal? Tocamos coisas de dez anos atrás e tinha gente cantando junto, deu pra ver que temos grande público aqui. O Brasil é lindo", comemorava Treatch. Outro que festejava era o organizador Ice Blue: "Veio gente pra caramba, mas acho que ainda vai ficar um monte de conta pra pagar. Não faz mal, de qualquer jeito, esse é apenas o primeiro, virão outros".

Nelson "Cabeleira" Triunfo

eu fui

Idade: 44 anos
Profissão: dançarino, produtor cultural
Área: Centro
Tribo: pioneiro do break e do hip hop nas ruas, no final dos anos 70; ex-dançarino do grupo de Toni Tornado
Som: rap, soul, funk, reggae
Frase: "Hoje está caindo o muro de Berlim e ninguém vai nos catar do outro lado. Hoje começa um novo Brasil, com cultura e mensagem".

KL Jay: o DJ dos Racionais virou apresentador da MTV

ESTRELA NEGRA

Titular das pick-ups dos Racionais MC's, KL Jay tinha duplo motivo para comemorações: naquela mesma tarde, estreara como VJ da MTV apresentando o *Yo!*, o programa de rap da emissora.

Qual é o seu compromisso com a MTV?
KL Jay: A produção é toda minha e tenho liberdade total. Meu primeiro objetivo é dobrar o horário do programa para duas horas de duração.

Qual a importância do festival?
Hoje o rap está dando um salto gigantesco. Ainda existem barreiras, precisamos de um canal de TV preto, de uma rádio genuinamente rap, mas não há dúvidas que hoje é uma data histórica.

O que falta para o rap se firmar de vez?
O rap só não tem dinheiro. Lá fora, é estilo de vida, os rappers andam de BMW e Lexus. Num país miserável como aqui, isso não é possível, não há fluxo contínuo de dinheiro para o estilo crescer. Mas toda essa platéia aqui hoje está provando que o rap se enraizou definitivamente como uma grande árvore no solo – ninguém mais vai conseguir derrubá-lo.

É verdade que os Racionais têm um EP pronto para sair?
Temos alguns remixes prontos, como "Fórmula Mágica Da Paz" e "Diário De Um Detento", mas não vamos soltar nada agora. Disco mesmo só no ano 2000.

Liga etálica

Por Daniel Oliveira, de Nova Orleans, EUA

Misturando thrash, hip-hop e sons esquisitos, o quinteto californiano Korn encabeça uma geração diferente no rock pesado americano

Jonathan Davis *(à frente)* e o Korn: atitude malvada-fashion, festival itinerante e não ao rótulo heavy metal

Por incrível que pareça, metal texano e brasileiro, pop-gótico inglês e o puro hip-hop norte-americano são os ingredientes que resultaram na mais bem-sucedida banda de rock pesado americano da atualidade. Acordes malucos e sons indescritíveis – inclusive gaitas de fole fora do tom – substituem os longos solos de guitarra. Vocais chorados e berros esquizofrênicos chutam para fora os cantos melodiosos. Levadas hip-hop e ritmos quebrados deixam pra trás os bumbos na velocidade da luz.

A diferença entre o metal novo e antigo é tão drástica que as próprias bandas atuais não gostam muito do rótulo heavy metal. Independentemente de nomenclatura, o Korn – que recentemente se recusou a aparecer em um programa da MTV americana ao lado do cantor Bruce Dickinson, por considerá-lo "muito heavy" – atingiu sucesso com sua originalidade musical, introduzida ao público com o disco *Korn* (1994).

Atentos às mudanças no panorama do rock, Jonathan Davis (vocalista e ex-assistente de médico-legista patrocinado pela Adidas), James "Munky" Shaffer (guitarrista), Brian "Head" Welch (guitarrista), Reggie "Fieldy" Arvizu (baixista) e David Silveria (baterista) poliram uma imensa crueza musical para lançar no ano passado o disco *Follow The Leader*, sucessor de *Life Is Peachy* (1996). A levada pesadona, funkeada e bem produzida da canção "Got The Life" explodiu nas paradas americanas e os possibilitou organizar o festival itinerante *Family Values*, que lotou arenas pelos Estados Unidos.

"Queremos ficar porque ela é coi

Vocês acham que atingiram o auge em *Follow The Leader*?
David Silveria: Encaramos nossa carreira dia a dia, sem nos preocuparmos muito com o futuro. Estamos felizes agora, principalmente pelo sucesso da turnê *Family Values*. Não queremos mais do que já temos. Continuaremos na batalha, mas estamos satisfeitos com nosso status atual.

Vocês gostam de ver tantas bandas novas imitando o estilo do Korn?
James "Munky" Shaffer: É demais, mas poucas são tão boas quanto o Korn! Damos duro para criar nossa própria sonoridade. Fico perturbado quando nos imitam de maneira ruim.

Vocês foram influenciados pelo Sepultura, aparecem em revistas de metal e seus fãs usam camisas de bandas do estilo. Por que então vocês não gostam de ser associados ao metal?
David: Não somos heavy metal. Tocamos música pesada, mas há uma diferença em nosso estilo.
Munky: O heavy metal vem de outra geração. Nos anos 80, aquilo sim era heavy metal. Agora estamos derrubando barreiras com uma nova sonoridade. Queremos ficar fora da categoria heavy metal porque ela é coisa do passado.

O que acham então da indicação que ganharam no Grammy na categoria "melhor performance de metal"?
David: Você acha que o Rage Against The Machine pode ser chamado de heavy metal? Os caras foram indicados na mesma categoria que a gente.
Munky: Por enquanto não há uma categoria adequada. Eles vão ter que inventar um prêmio para bandas como Korn, Rage e Deftones. Fazemos parte de uma novíssima geração musical e ninguém ainda sabe como rotulá-la *(as revistas americanas utilizam os termos "rap metal", "aggro rock" ou "metal hip-hop")*. Mas se formos indicados novamente como metal e quiserem nos dar um prêmio, não vamos recusar!

O criador dos monstros

Diane Oliveira

Ross Robinson é o Dr. Frankenstein por trás das criaturas que estão renovando o som pesado. Ele produziu os dois primeiros discos do Korn, cujo sucesso abriu portas para o Coal Chamber e o Deftones. Também gravou *Roots*, do Sepultura, cuja explosão pavimentou o caminho para o metal experimental do Soulfly, e trabalhou em *Three Dollar Bill, Yall$*, do Limp Bizkit, que agora explode nas paradas americanas com a cover de "Faith", de George Michael.

"Nunca pensei que ganharia dinheiro produzindo bandas", diz. "Eu tocava guitarra, mas enlouqueci depois que observei um produtor. Achei que seria o melhor emprego do mundo." Seu local de trabalho é o estúdio Indigo Ranch, localizado no topo de uma montanha em Malibu, Califórnia. "Posso subir nas árvores e caminhar nas pedras aqui. O estúdio é uma viagem total. Todo o equipamento é dos anos 70." Ross é conhecido por saber misturar três estilos: metal, hip-hop e pop. No lado metal, aponta as ultrapesadas bandas inglesas Napalm Death e Carcass como sua inspiração. Já no pop, reconhece a influência do The Cure. O hip-hop aparece na sua admiração pela união do Anthrax com o Public Enemy na música "Bring The Noise", em 1991.

ora da categoria heavy metal do passado", *Munky*

Mas o metal é um elemento óbvio nas músicas do Korn.
Munky: Sim, temos elementos e influências de metal porque ouvíamos esse estilo quando éramos adolescentes. Ele é a base de toda a música pesada que se faz hoje em dia.

A banda tem difundido uma imagem carregada de tatuagens e piercings. Vocês não estariam dando um mau exemplo ao público jovem, que pode imitá-los e se sentir lesado se a moda vier a acabar?
Munky: Os garotos devem saber as conseqüências dessas coisas.
David: Não acho que sejamos má influência. Não pedimos para os garotos colocarem piercings ou tatuagens pelo corpo. Nós incentivamos a todos, isso sim, para que tomem suas próprias decisões. Não quero que façam coisas em seus corpos de que possam se arrepender depois.

Mas vocês concordam que estão influenciando esses adolescentes?
Munky: Não diretamente. Fazemos apenas o que desejamos, não ditamos regras.
David: O Korn e seus fãs são como uma família, mas não quero que ninguém nos imitem. Só queremos que curtam nossa música.

Vocês gravaram recentemente a música "Should I Stay Or Should I Go?" para um disco de tributo ao Clash. Esta lenda punk os influenciou?
Munky: Gravamos a música com os rappers Ice Cube e Mack 10. O Clash não nos influenciou muito, embora, claro, tenhamos respeito por eles. Tocamos essa música porque queríamos trabalhar com o Ice Cube.

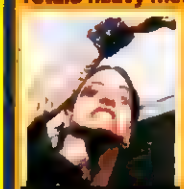
Uma pesquisa indica que o Korn bateu o Marilyn Manson e o Metallica em visitas na Internet. O que acham disso?
Munky: Nossos fãs são parecidos conosco. A fuga social deles é ficar dentro de casa. Eu era assim no passado – ficava em casa tocando guitarra e não saía com os amigos. Nossos fãs estão em seu próprio mundo, não se importam com a opinião dos outros e têm tempo de sobra pra ficar na Internet.

Uma escola em Michigan suspendeu um estudante apenas porque ele estava usando uma camisa do Korn. Vocês gostam de chamar a atenção da mídia com essas controvérsias?
Munky: Não muito.
David: Apenas queremos tocar, não estamos nessa de chocar as pessoas. Acho que elas já ficam suficientemente chocadas ouvindo nossa música.

Colegas de classe

Korn, Deftones, Limp Bizkit, Coal Chamber e Rage Against The Machine – este surgido há alguns anos – são os líderes da nova geração do rock pesado americano. O visual deles traz roupas esportivas (como os conjuntos Adidas do cantor do Korn, Jonathan Davis), piercings e *dreadlocks* jamaicanos, numa referência à cultura do Terceiro Mundo. As letras exploram humor negro, críticas sociais e problemas pessoais.
Os arranjos das canções englobam as guitarras distorcidas do metal, os ritmos balançantes do hip-hop e, eventualmente, as melodias simples da música pop. Membros de algumas dessas bandas, como o Coal Chamber, Deftones e Limp Bizkit, não se importam com o rótulo heavy metal. "Tenho orgulho de estar em uma banda de metal ", diz Dez Farfara, vocalista do Coal Chamber e discípulo confesso do cantor Phil Anselmo, do Pantera. Por outro lado, os membros do Korn e do Rage Against The Machine discordam do rótulo. "Prefiro que o Rage seja visto apenas como um grupo de rock", diz o guitarrista Tom Morello. Metal ou não, todos apontam Pantera ou Sepultura como influência. Jonathan Davis tem *Vulgar Display Of Power* (Pantera) como um de seus álbuns prediletos e cantou no disco *Roots* (Sepultura). Chino Moreno, vocalista dos Deftones, idolatra Max Cavalera.

Chino Moreno, cantor dos Deftones



Dez Farfara é a cara do Coal Chamber

Divulgação

Fotos: Reprodução

Dexter Holland,
líder do Offspring

CONTRA

unk da Califórnia, mas detestado

e Offspring faz sucesso no planeta

ra tudo – inclusive para a rebeldia

por Pedro Só

Greg K, Dexter e Noodles em 1997: além do punk

O californiano Bryan Holland é um microempresário que ganha milhões de dólares por ano. Casado e sem vícios, tem 32 anos, uma filha de 12 que gosta de Backstreet Boys e um aviãozinho de quatro lugares que pilota como hobby. Ele e a banda que fundou com o baixista Greg Kriesel em 1984, inicialmente com o nome de Manic Subsidal, costumam aparecer na mídia acompanhados do carimbo "punk".

Essa palavra atualmente é uma das poucas fontes de aporrinhação na vida feliz de Dexter, como Bryan prefere ser chamado. Com o quinto álbum do Offspring, *Americana*, há vinte semanas no top 10 dos Estados Unidos e estourado em quase todos os cantos do mundo (um total de 6 milhões de cópias vendidas), ele encara uma maratona de shows por dezenas de países, viajando às vezes dias inteiros de ônibus, monitorando pelo telefone seu selo independente Nitro (tocado por dez funcionários) e dando entrevistas.

Durante elas, sempre enfrenta perguntas ou cobranças sobre "atitude" punk. Nessa hora, Dexter conta até três e responde: "Não há duas pessoas com a mesma definição do que é ser punk. Eu jamais vou negar que o punk rock foi minha formação e me orgulho quando se referem à banda usando essa expressão. Mas gosto de pensar que podemos ir além".

DEZ ANOS DORMINDO EM VANS

O Offspring é alvo constante de patrulhas fascistóides por parte dos autoproclamados punks "autênticos" da Califórnia e do mundo. A crítica "inteligentinha" costuma pegar pesado contra seus discos *(veja boxe na pág. 45)*. A trajetória da banda, porém, é das mais íntegras: uma década se passou no mais suado underground até que Dexter, Noodles (o guitarrista Kevin Wasserman, que, aliás, já levou facada tentando apaziguar skinheads), Ron Welty (baterista) e Greg (baixista) deixassem de fazer turnês no esquema favela e conhecessem o sucesso.

Quando ele veio, Dexter estava prestes a concluir um mestrado em biologia molecular. "Eu via amigos se firmando como médicos e morria de vergonha de ainda estar tocando punk rocks burros e dormindo empilhado numa caminhonete", contou ao jornal inglês *Melody Maker*. "Leio entrevistas de bandas dizendo que no primeiro ano de suas carreiras havia sempre 25 pessoas na platéia, mas com a gente foi assim por dez anos." Como diz a brilhante "It's Cool To Hate", do LP *Ixnay On The Hombre*, de 1997, que critica o niilismo vazio e o culto à depressão presente na cultura rock: "É cool odiar".

Quem ouve Offspring sem preconceito percebe que o espírito contestador do "movimento" (as aspas cabem bem aqui) punk está ali. Sem medo de misturar surf music, metal, rap latino e outros gêneros (como fazia The Clash) com surtos de veloz oligofrenia ramônica, a turma de Dexter mostra um olho muito esperto para a crítica de comportamento – contando as coisas quase sempre por prismas inusitados.

DIPLOMACIA E CINISMO

Se o primeiro sucesso, "Come Out And Play (Keep 'em Separated)", ironizava a violência das gangues, o segundo, "Self Esteem", surpreendia ao inverter padrões de comportamento. Dexter é um cara que é traído e usado pela namorada: ela costuma aparecer doidona querendo sexo, ele dá e depois sofre. "Sou um otário sem auto-estima."

Esses dois hits fizeram de *Smash*, terceiro álbum do Offspring, o maior sucesso independente de todos os tempos (11 milhões de discos vendidos no mundo todo). Em 1995, Dexter ousava dizer, numa matéria da revista americana *Spin* intitulada "A Vingança dos Nerds": "Todo mundo chamava o cara de voz da geração. Mas eu nunca consegui entender direito sobre o que versavam as músicas do Nirvana".

Em 1999, nesta entrevista exclusiva à SHOWBIZZ, ligando para a redação direto de Los Angeles, o cantor mostra respeito: "Kurt foi uma grande inspiração. Fiquei muito triste quando ele morreu. Soube da notícia no aeroporto, íamos fazer um show no Alasca, e gelei antes da hora".

Com um misto de educação e cinismo, Dexter evita falar mal até dos Backstreet Boys, mas se permite soltar algumas piadas e repetidas risadinhas muito particulares (ré-ré-rés dignos de personagem de desenho animado). Só não tem mais saco para abordar a transição do selo Epitaph para a Sony, em 1995 – que tantas patrulhas rendeu.

O primeiro CD para a nova gravadora, *Ixnay On The Hombre*, de 1997, vendeu "decepcionantes" 3 milhões de cópias – marca que *Americana* já dobrou. Puxado pela espirituosa "Pretty Fly (For A White Guy)", o álbum é disco de ouro (110 mil cópias) até no Brasil, país das bundas que cantam e programam rádio. "Por favor, parem de comprar nosso disco", apela Dexter Holland. Confira a seguir outras de suas tiradas...

SHOWBIZZ: Vocês acabaram de fazer uma turnê triunfal pela Europa. Onde foi mais emocionante tocar?
Dexter: Adoramos a Europa Oriental. Polônia. Praga *(na República Tcheca)*, nesses lugares a platéia realmente alucina. Só perde para o pessoal da América do Sul. Nunca vi nada igual ao que a molecada faz aí *(o Offspring fez grandes shows no Brasil em 1997)*. Sério, não estou dizendo isso porque a entrevista é para uma revista brasileira. Nós realmente adoramos tocar para um público ensandecido e vamos voltar este ano.

Quando?
Acho que em setembro, por aí. Nós vamos parar a excursão agora e recomeçamos depois. Primeiro mais shows pelos Estados Unidos, depois Austrália. Com certeza baixamos aí de novo.

Como está a turnê pelos Estados Unidos?
Fizemos agora *(fim de março)* dois shows com o Everlast (*rapper branco, ex-House Of Pain – seu novo álbum está resenhado à pág. 52)*. Não, ele não cantou com a gente em "Pretty Fly (For A White Guy)". A gente nem se falou *(risos)*. Mas estamos viajando direto com uma banda da Austrália, The Living End.

Como foi tocar "Pretty Fly (For A White Guy)" ao vivo com Vanilla Ice, num show em Los Angeles?
Muito divertido. Vanilla é um cara tranqüilo, não vestiu a carapuça da letra e também não se leva a sério – pelo menos não leva a sério seu passado. Topou na hora o nosso convite. Entrou cantando "ice, ice, baby" *(refrão de seu único hit)* bem no meio da música. O novo CD dele é bem diferente, sombrio até. Você não vai acreditar quando ouvir.

O que você acha de "Pretty Fly" ser a música mais pirateada na Internet?
Como você sabe disso?

Saiu na *(revista americana) Rolling Stone*.
Não sei como é possível medir esse tipo de dado. Mas é legal. ▶

Dexter no Olympia, em 1997, cantando para "a platéia mais ensandecida do mundo"

Momentos punks

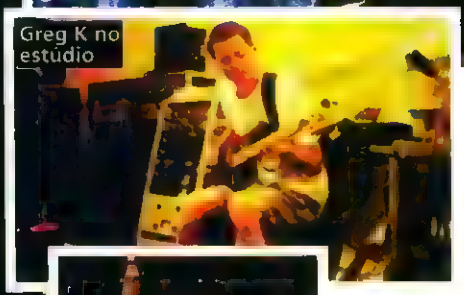
• No começo da carreira, o Offspring tocou num evento estudantil em Berkeley, em pleno refeitório, na hora do jantar. "Foi ridículo, a gente tentando botar pra f*** e as pessoas olhando para seus pratos, aquele barulho de talheres entre as músicas", lembra Noodles.

• Na opinião do baterista Ron Welty, o melhor show do Offspring foi no The Shrine, e envolveu um momento de extrema bizarria. Tiazinha perde. "Fizemos um *medley* de músicas dos anos 80. 'Whip It' (*tradução: 'chicoteie'*), do Devo, 'Master And Servant' (*'mestre e escravo'*), do Depeche Mode, e 'Sex Dwarf' (*'anão sexual'*), do Soft Cell (*dupla formada por Marc Almond e Alan Ball, conhecida por 'Tainted Love', que, aliás, reformou e vai lançar disco novo*). Tocamos enquanto um bando de anões vestidos com roupas de couro sadomasô corriam pelo palco se chicoteando."

• Na primeira turnê do Offspring, a banda viajou na picape de Dexter. Passando pelas estradas do Missouri (Estado americano pobre do Meio-Oeste), obviamente o eixo do carro quebrou. Além de perder o show, todos tiveram de dormir no concreto.

Folha Imagem/João Weiner

Ron, Noodles, Dexter e Greg: 20 milhões de discos vendidos sem culpa



Greg K no estúdio

Noodles, nerd selvagem

Ron Welty

Dois trintões na adrenalina

Você não acha que isso pode estar prejudicando as vendas dos discos do Offspring?

Pode até estar, mas me sinto feliz porque as pessoas estão interessadas na nossa música. Ah, quer saber? Eu acho ótimo. Já vendemos muito, mais do que esperávamos, e não seria eu quem iria exercitar a ganância nesse negócio.

Você disse, na época de *Ixnay On The Hombre* (1997), que o Offspring preferia não aparecer muito na TV, recusando convites para não se expor muito. Você acha que existe algo como "sucesso em excesso"? Que nível seria esse?

(*Risos*) Aquele em que estamos agora. Já vendemos discos demais. Aliás, eu gostaria de fazer um apelo: por favor, não comprem mais os nossos discos. Vamos parar com isso já! Não queremos mais vender. Quem comprou há pouco tempo ainda pode trocar... (*risos*)

Sério. Você estão ficando cada vez mais conhecidos...

Sim, estamos aparecendo muito mais na televisão, até num filme estamos (*Idle Hands*). Participamos de alguns *talk shows*, vimos que as coisas podem ser feitas sem que a gente perca o controle e pague mico... Fazer sucesso não tira pedaço de ninguém. Tenho certeza de que a maioria das bandas gostaria de estar onde estamos. Difícil é tocar para trinta pessoas durante anos e anos, como nós fizemos.

Vocês apareceram em programas trash, como os de Jerry Springer (*o Ratinho de lá*) e Ricki Lake (*atriz gordinha que comanda um show de baixarias*), que influenciaram as letras de *Americana*?

Ricki nos convidou para seu programa.

E vocês toparam?

Não. Mas eu acho que aceitaria ir no *Jerry Springer*. É um programa detestável, só que eu indesculpavelmente assisto de vez em quando. Poderia ser divertido. Aliás, está passando agora, a TV aqui está ligada sem som.

Em 1994, o Offspring vendeu milhões e tocou pelo mundo inteiro sem jamais mencionar as tais "pressões do sucesso", conflitos de consciência ou culpa. Não foi assim com o Nirvana nem com o Pearl Jam...

Ah, mas você não pode nos comparar com eles (*sem ironia*). Esses caras são mitos. Nós podemos ter vendido todos esses milhões, mas o que foi consumido foi apenas nosso disco, nossa música. Nesses casos e em outros semelhantes, a imagem dos caras, a personalidade deles, tudo foi engolido e vendido. Não foi o mesmo processo, para nós foi muito mais fácil. Voltamos para casa e fizemos *Ixnay On The Hombre*...

Quando vocês estavam gravando *Americana*, com canções de apelo popular, como "Pretty Fly (For A White Guy)" e "Why Don't You Get A Job?", sentiram que poderiam voltar a estourar nas proporções anteriores?

(*Risos*) Acho que ninguém imaginava que fosse acontecer de novo. Mas, claro, entramos no estúdio decididos a gravar as melhores canções que tínhamos, da melhor forma, sem deixar de criar. A coisa precisa ter graça para nós, antes de qualquer coisa.

Você tem sido apontado como um bom compositor pop. Como integrante de um grupo sempre ligado ao punk rock, considera isso um elogio ou um...

(*Interrompendo*) Um insulto! (*risos*) Não, não. Estou brincando. Qualquer pessoa normal gosta de ouvir coisas assim. Mas a palavra pop ainda hoje tem uma carga negativa. Ela foi usada para diminuir o trabalho dos Beatles nos anos 60 e hoje, pelo menos nos EUA, é associada a grupos como o N' Sync.

"Why Don't You Get A Job" rendeu comparações com os Beatles, por causa de sua semelhança melódica com "Ob-la-di, Ob-la-da"...

Isso é legal, mas é só um aspecto da música. A gente usou vários elementos, steel drums (*aqueles latões usados na músi-*

Reproduções

"Já vendemos discos demais. Aliás, eu gostaria de fazer um apelo: por favor, parem de comprar os nossos discos!"

ca de Trinidad Tobago e de outras ilhas do Caribe), flauta, metais, bateria eletrônica...

Por falar nisso, foi mandado para as rádios americanas voltadas para a música negra um remix rhythm & blues de "Pretty Fly (For A White Guy)". Ele fez sucesso?

Para dizer a verdade, nem sei direito. Acho que não. Isso não foi idéia nossa, a gravadora propôs e nós achamos que seria uma boa idéia, mais como uma provocação. Aí arranjamos dois caras, acho que mexicanos, para trabalhar na faixa. Sabe como é, esse negócio de botar um DJ para mexer na sua música costuma dar em coisas muito esquisitas e pouco legais.

Você acha que os sons eletrônicos e os DJs vão mesmo ditar o futuro da música?

(*Risos*) Não. Sempre vai haver gente fazendo música com guitarras, violão, instrumentos de verdade. A música eletrônica é o futuro – da música eletrônica.

No começo da carreira, você costumava compor músicas políticas em cima de temas específicos, como "Tehran" *(de 1989, um ano depois que os EUA abateram por engano um avião comercial iraniano com mais de 290 passageiros)*. Algum assunto da política mundial o inspiraria atualmente?

Bem, eu poderia fazer uma música sobre... Não, eu nem precisaria fazer. É só trocar "Tehran" por "Kosovo". (*Cantando*) "Ko-so-vo, ko-so-vo, ko-so-vo". Ou essa ou "Bagdad". A verdade é que provavelmente daqui a dez anos ninguém vai se lembrar de Kosovo e a música perde o sentido. E hoje minhas letras são mais comentários sociais.

Os Beastie Boys, que você costuma mencionar como um de seus grupos favoritos, mudaram as letras de algumas de suas músicas mais antigas, revisando-as em versões politicamente corretas. O que você acha disso?

Bom, eu não posso falar por eles. Mas se tem uma coisa que não faríamos é mudar o que dizemos nas músicas, por mais antigas e embaraçosas que possam parecer. E politicamente correto, concordamos todos, é algo que o Offspring jamais vai ser, odeio isso. Sem ofensa aos Beastie Boys (*risos*). Eu gosto deles e de muita coisa de hip-hop.

O Offspring andou sendo saudado nos Estados Unidos e na Europa por ter trazido de volta o rock ao topo das paradas de sucesso. O que você acha disso?

Bom, eu não gosto muito dessa história, não. Mas maior besteira ainda é achar que o rock anda ameaçado de extinção, que vai acabar ou está esgotado, morto, reduzido a um pequeno gueto. O rock'n'roll existe há mais de quarenta anos... Pode não ser sempre o gênero mais popular, pode vender menos, ser considerado menos *in*, mas vai continuar subindo e descendo, sempre ali... O hip-hop realmente hoje é muito forte nos Estados Unidos, mas existem muitas bandas de rock boas e populares. Eu sou fã de Foo Fighters, Rob Zombie e Korn. Essas falsas polêmicas, categorizações, isso é papo para vender revista, ganhar audiência, isso tudo é m... estratégica para alguém ganhar dinheiro.

Se o Offspring fosse colocado como banda que está levando o punk a alturas inéditas, faria diferença para você?

Não queremos ser vinculados a nenhuma bandeira, seja do rock'n'roll ou do punk rock. Longe de mim querer fazer a cabeça das pessoas. O legal do sucesso de *Americana* é conseguir mostrar para um público maior um tipo de música diferente.

A rotina na turnê

Trechos do boletim da turnê do Offspring escritos pelo guitarrista Noodles

Sábado, 30 de janeiro
Munique, Alemanha

"Está nevando mais uma vez. Os últimos quatro ou cinco dias têm sido os mais brutais da turnê. Passei 21 das 24 horas de ontem no ônibus, vindo de Varsóvia. Os últimos shows foram tipo pá-pum, a gente tinha de sair correndo assim que saía do palco, para chegar a tempo no lugar seguinte. Normalmente se faz isso em um dia inteiro, mas em Varsóvia só tivemos três horas. Como nossa equipe é a melhor que há, conseguiu resolver em tempo – mas não foi fácil. E a platéia polonesa fez tudo valer a pena, em parte porque havia 2 500 pessoas num lugar para 600 pessoas. Varsóvia, definitivamente, vamos voltar!"

7 de fevereiro
Lyon, França

"Em Stuttgart, na vez passada, eu havia feito um *stagedive*, a multidão clareou e eu manquei o resto da turnê. Não foi a primeira vez nem vai ser a última em que isso aconteceu, mas dessa vez decidi não desafiar o destino – o meu joelho já está todo f* mesmo. Acho que dei uma torcida quando pulei do levantador de bateria. Na hora, nem senti.(...) O segundo show na Itália foi em Bolonha, no dia do meu aniversário. Pensei em comemorar ficando pelado no palco, mas não consegui falar pelo telefone com a minha mulher para pedir permissão e então decidi suspender a idéia. Ela odeia quando eu faço isso, mas tolera quando eu a consulto antes."**

Dexter em 1999, aos 32 anos, cantando todos os palavrões

Independentemente de gêneros ou rótulos, vocês vieram com músicas inteligentes e irônicas e ocuparam um espaço que vinha sendo dominado por pop pré-fabricado e rappers glamourizando a violência...
Muito obrigado pelo "inteligentes". É isso aí (*risos*). Não precisa mais nem fazer a pergunta (*risos*).

(*Risos*) Você disse há alguns anos que, se tivesse que trabalhar num emprego convencional durante muito tempo, iria acabar se matando.
(Risos) É verdade, eu não me conformaria passando anos num emprego das 9 às 5. Mas não é bem assim, foi só força de expressão. Iria ser bem ruim, mas eu jamais me suicidaria.

O que você acha de bandas punk como o Eve6, que assinam bons contratos com gravadoras quando seus integrantes ainda estão no ginásio?
Essas coisas são subjetivas, mas não dá para comparar com outras gerações que passaram pelos perrengues que a gente conhece. É diferente, não pode ser verdadeiro do mesmo jeito.

No diário da turnê que está na Internet, Noodles recomenda bastante a fita demo da banda Go, em que Brett (*Gurewitz, ex-guitarrista do Bad Religion, dono da Epitaph e ex-inimigo da banda*) toca...
Ah, sim, você quer dizer a banda de Jack Grisham *(ex-TSOL, banda pioneira do punk californiano)*. Olha, pra mim isso é história antiga, são águas passadas. Se ele tem algum problema com a gente, não importa. Somos felizes hoje, esquecemos tudo e queremos que Brett também seja feliz.

Como andam as relações de vocês com o brasileiro Morris Albert, autor de "Feelings"?
Ele processou a gente. Ou melhor, ele pediu uma grana, tivemos de fazer um acordo com ele.

Quanto ele pediu?
Oh, Deus! Não sei dizer... Sei que era uma grana violenta. Ele já iria receber pela regravação, mas quis complicar. Prefiro nem me envolver, para não desenvolver sentimentos de ódio por Morris Albert (*risos*).

Existe alguma chance de essa versão ganhar um videoclipe?
Puxa, eu adoraria, mas acho que só se for um vídeo caseiro *(risos)*. Um clipe oficial é impossível. Essa música jamais seria escolhida para single. Os radialistas daqui não têm capacidade para entender a ironia, nunca tocariam uma música com tanto "ódio" na letra. Mesmo sendo um "ódio" com "Feelings".

Você tem 32 anos e é pai de família. Como você compensa a ausência durante as turnês?
Sempre esquematizamos tudo no sentido de não passar mais

Na capa da *Spin* e entre os pombos de Londres, nas páginas do *Melody Maker*

de três semanas longe de casa. Às vezes a coisa passa um pouco disso, mas procuro ter uma convivência intensa e valorizar os momentos com minha filha de 12 anos.

E qual é o tipo de música que ela gosta de ouvir?
(Risos) Backstreet Boys. Parece piada, mas não é.

É por isso que você odeia tanto os Backstreet Boys (*nos shows, Dexter costuma insuflar platéias proclamando seu desapreço pelo grupo*)?
(Risos) Eu tenho de ouvir essas coisas em casa (*risos*). Mas na verdade não odeio os Backstreet Boys. Eles são bonitinhos.

Como foi a sessão de fotos na Trafalgar Square, em Londres (*feita originalmente para o jornal* Melody Maker)? É verdade que os pombos fizeram cocô em um integrante da banda?
(Risos) Sim, a vítima foi o Ron *(Welty, baterista)*. Foi engraçado, mas estava muito frio e eu não gosto muito de sessões de fotos.

Mas você fez um ensaio há pouco para a capa da revista americana *Spin*. Com produção de moda, cabelo e tudo...
Cabelo, não! Eu só taquei um pouco de gel. Aliás, eu não gostei nada do fundo rosa que botaram atrás de mim... A cor foi mudada depois e já me sacanearam muito por causa disso (*risos*).

Dexter em sua fase de *dreadlocks* Bo Derek: para um cara branco, até que é sangue bom

"Se eu tivesse de trabalhar num emprego careta das 9 às 5, iria acabar me matando. Quer dizer, ia ser bem ruim"

Quando odiar é cool

Confira um show de preconceitos da imprensa contra o Offspring

"Se você gosta de Radiohead ou de The Verve, há uma boa chance de você odiar o Offspring. Odiá-los por serem americanos demais, garotos punks californianos que nunca cresceram (existe outro tipo?). Odiá-los instintivamente por serem uma banda da Costa Oeste americana, por serem tatuados e terem cabelos espetados.(...) Não se pode dizer muito do Offspring e da sua arte, exceto que, ao vivo, eles fazem seu universo de moral simplista balançar em torno do próprio eixo. Procure o sentido da vida na sua gritaria incessante e você vai acabar achando que a justiça divina é exercida por um skate cósmico gigante. (...) Pode ser cool odiar, mas este punk polidinho, de natureza doce, deixa você aquecido pelo prazer de ouvir riffs quimicamente precisos reagindo com uma platéia que não quer nada além de pular alto. Para garotos nerds que gostam de ciências, perto da meia-idade e de classe média, isso é 'bem maneiro'."

Resenha de um recente show do Offspring em Manchester publicado no tablóide inglês New Musical Express

Só pra desmiti

Um símbolo sexual que não "come" ninguém, um gigante da MPB que defende a axé music e é tietado pelos Racionais MC's: com vocês, Toni Garrido e Caetano Veloso, juntos na trilha do filme *Orfeu*, de Cacá Diegues, e numa animada conversa

Por Jaime Biaggio
Foto: Ricardo Fasanello

Toni Garrido chegou sério ao escritório da produtora de cinema Rio Vermelho, no Leblon, Zona Sul do Rio. Natural: a entrevista era a propósito da trilha sonora de *Orfeu*, a versão de Cacá Diegues para o filme *Orfeu do Carnaval*, rodado no Rio em 1958 pelo francês Marcel Camus, e a peça *Orfeu da Conceição*, de Vinícius de Moraes, duas transposições do mito grego de Orfeu e Eurídice para os morros cariocas.

Toni, que faz sua estréia como ator no papel-título, era, naquele momento, mais um estreante. Seguro, mas pilhado: já chegou pedindo para dar uma olhada nas fotos do filme. Então entrou na sala Caetano Veloso, autor da trilha (os dois levam juntos o samba-enredo da fictícia Escola de Samba Unidos da Carioca, "O Enredo de Orfeu", que conta ainda com um rap de Gabriel O Pensador, e Toni canta sozinho a doce e apaixonada "Sou Você"). Ao bater os olhos nas tranças de Toni, clareadas "pelo sol", Caetano deixou seu espírito axé falar mais alto: "É a nova loura do Tchan!!!"

A partir daí, o encontro virou confraternização, com confete mútuo e papos sérios sobre música, negritude, sucesso... Caetano, que recentemente externou seu apreço por Claudinho & Buchecha e grupos de pagode, terminou fazendo um discurso em defesa da axé music.

Caetano, por que você inicialmente não queria fazer a trilha de *Orfeu*?
Caetano Veloso: Porque já havia todas aquelas obras-primas compostas por Tom e Vinícius para a peça *Orfeu da Conceição*, e as que eles fizeram depois para o filme *Orfeu do Carnaval* – "A Felicidade" é ainda mais linda que as da peça. Ainda por cima, Luís Bonfá e Antônio Maria fizeram "Manhã De Carnaval", uma canção inesquecível. Então eu não queria me meter, achava um negócio difícil de encarar. Eu disse pro Cacá *(Diegues, diretor)*: "Com essas canções, você tem tudo que precisa". E ele disse: "Mas não tem um samba-enredo". De fato, não tem. Na peça, não faz falta, porque não tem desfile de escola de samba. Mas no filme francês faz uma imensa falta. As pessoas passam dançando com outro tipo de música, fica um negócio meio estranho. Aí eu fiz o samba-enredo. Você abre uma brechinha... a represa se rompe.

Você aparece no filme?
Caetano: Apareço. Filmei no dia do meu aniversário. Apareço cantando no terraço de um barraco. Passa o Orfeu com a mãe – Toni com Zezé Motta – e eu canto "Os Cinco Bailes Da História Do Rio", samba-enredo do Império Serrano, de 1965, que eu adoro *(a gravação está no CD com a trilha sonora)*.

Toni, como foi se ver na tela?
Toni Garrido: Fiz uma opção, logo no início das filmagens. Sou absolutamente crítico, autocrítico pra caramba. Se me mantivesse assim, isso iria me travar. Entreguei a guarda, entreguei o corpo, falei: "Cacá, vamos nessa, tudo o que você falar, tô fechando o olho, tô acreditando; a gente vai chegar ao resultado que você quer, e que eu quero também".

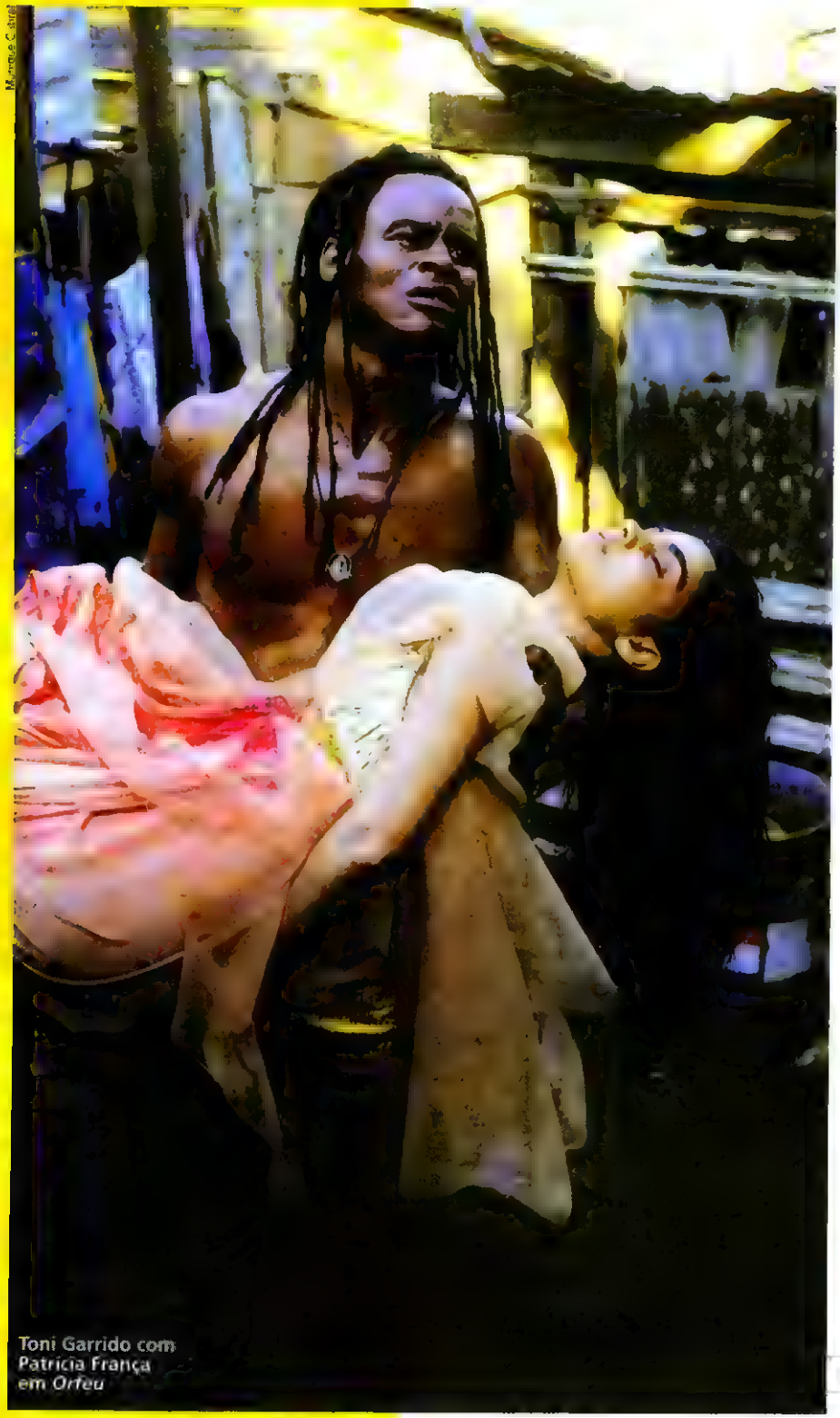
Por conta do filme, você tem aparecido muito na mídia longe do Cidade Negra. Tem medo de criar alguma ciumeira?
Toni: Só fui fazer o *Orfeu* porque, de alguma forma, o Cacá viu no Cidade um trabalho que tinha uma possibilidade de aproximação com o filme. Eu precisava do apoio da banda para aceitar o convite. Imagina se eu ia entrar nessa sem a aprovação dos caras com quem eu convivo, com quem eu batalho meu pão todo dia... Quando as pessoas virem o Toni no filme, vão lembrar do Cidade, lembrar da minha atividade na banda.

Como vocês vêem o momento atual da cultura negra no Brasil, com o estouro do rap?
Caetano: Para mim isso é auspicioso. Acho que a população brasileira não vai mais aceitar esse modelo em que só a elite se expressa e o resto da sociedade fica assistindo. Isso não vai funcionar mais. ▶

ficar

Toni Garrido e Caetano Veloso estão juntos na trilha e no filme *Orfeu*, que estréia dia 23 de abril

"Não aceito a queixa contra a axé. N
rock, que era tido como lixo. Sou tro



Toni Garrido com Patrícia França em *Orfeu*

Toni: O bom é que isso veio antes da porradaria geral. Há muito tempo venho sentindo um certo medo de a coisa colidir, da rapaziada ficar p... da vida e acontecer um pouco o que acontece nos EUA, que é um pouco a cultura do ódio, do confronto. Graças a Deus que isso musicalmente está sendo gritado, acho que está dando para a gente discutir essas coisas antes de haver algum problema.

Caetano: Mas acho que nossa vocação não é repetir o modelo americano. A estrutura da nossa realidade é diferente. Muitas coisas da experiência americana são úteis para nós e desmistificadoras de muitas ilusões brasileiras. Mas, naturalmente, não se chega a posições semelhantes, porque nosso povo e nossa história são diferentes.

Mas os Racionais pregam, de certa forma, essa ideologia do confronto.

Caetano: Não posso dizer isso. Encontrei-os na festa de prêmios da MTV, eles me chamaram, nós tivemos uma convivência dulcíssima, conversamos horas, todos me pediram autógrafo. Mano Brown me disse que gravaram "Jorge De Capadócia" por minha causa, por causa da minha gravação, me apresentou a mulher dele, uma mulher encantadora, a quem ele se referia dizendo que era a maior fã que eu tinha no Brasil. Nada daquela mitologia de impenetrabilidade. Encontrei pessoas que me trataram com interesse e ternura. Incluí a música no show *Livro Vivo* como uma referência aos Racionais MC's. No início do show, falo a linhagem toda das pessoas que gravaram essa música e me refiro a eles. Adoro a gravação deles. A música está numa cena do *Orfeu*. Já vi esse filme mais de trinta vezes pra fazer a música; toda vez que vejo essa cena, o meu olho enche d'água.

Toni: Gela o sangue mesmo. Acho que o que causa mais susto é quando você acha alguém que fala realmente a sério. A gente tá muito acostumado com essa cultura da brincadeira, todo mundo brinca de

s anos 60, tomei a atitude de ouvir
icalista, quem não aceitar que se f..."

Caetano Veloso

tudo, todo mundo ri de tudo, quando chega um que fala muito sério é o antipático, o anti-social.

Caetano: Mas acho que a periferia de São Paulo não poderia deixar de apresentar algo que expressasse esse tom. Porque o negócio lá é muito sério, sem esse glamour da marginalização social do Rio. O cara tem de chegar com a cara feia mesmo. No Rio, as favelas são orgulho. A cidade deve 90 por cento de seu encanto a Cartola, Nelson Cavaquinho e outros personagens das favelas. Tanto o favelado está orgulhoso das praias da Zona Sul quanto a alta classe média está orgulhosa dos sambistas, das escolas, das suas favelas. Em São Paulo, a população da periferia está realmente à margem da vida da cidade. O paulistano da classe média nem tem contato com aquilo. Um acontecimento como os Racionais MC's está mudando isso até para São Paulo. A cidade está aprendendo a se orgulhar dos Racionais. Aquilo é São Paulo falando, tornando-se mais sadia.

Toni, como você segura essa onda de ser símbolo sexual?

Toni: Eu não seguro, porque não me preocupo com isso em hora nenhuma.

Caetano: Isso vai aumentar pra burro agora!

Toni: É muito fácil, eu sei que só estou dando esta entrevista hoje por um amor muito grande ao que eu faço, música, cantar, ser compositor, é isso que segura a minha onda. O cinema caiu do céu agora, vou continuar fazendo com certeza, mas eu tenho na cabeça que tudo isso é só porque eu sou um cantor. Mas a coisa do ser bonito, meu amigo, não segura a onda de ninguém...

Caetano (*interrompendo*): Deixa eu te fazer uma pergunta: você sempre foi bonito?

Toni: Eu acho que não. Acho que estou ficando mais velho e estou gostando mais de mim...

Caetano: Quando você era criança te achavam bonito?

Toni: Nunca se manifestaram. Pra mim, é muito bem claro que isso é um fenômeno de mídia.

Na adolescência, você não era o tipo que pegava todas as meninas?

Toni: De jeito nenhum!

Caetano: Eu tinha certeza disso. Eu olho pra você e não vejo uma pessoa acostumada a ouvir desde cedo: "Mas que menino lindo!" Mas você de fato é bonito! *(Antes da entrevista, Caetano já discorrera sobre como Toni era mais bonito que Leonardo DiCaprio: "Aquele menino não é bonito! Tem um olho OK...")*

Toni: Eu de fato sou muito feliz! E quando as pessoas são felizes, ficam bonitas. É por aí. Nunca me senti fisicamente tão legal, tão saudável, tão na plenitude. E isso, de alguma forma, passa. Mas o que me segura é o trabalho bem-feito. Eu não levo a sério essa história. Até porque eu não como ninguém!

Caetano (*simulando cara de abismado*): Como é que é? Ninguéeem? (*gargalhadas gerais*)

Toni: É...

Caetano: Não, você quer dizer que você é casado, bem casado... Mas ninguém...

Toni: Não é nem isso... É que eu realmente não fico... com o p** (*ergue o punho fechado, sugestivamente*)... correndo atrás de pessoas...

Caetano: Não, eu sei que você não é assim...

Toni: Se eu tivesse na guerra, eu ia usar isso legal (*mais gargalhadas*). Se eu tivesse nessa, ia ficar amarradão... (*mais risos*)

Caetano: Pronto, passou, passou...

Já que a gente saiu mesmo da coisa séria, e o lance de usar saia, um ponto em comum entre vocês dois?

Toni (*vira para Caetano*): Ah, é, querido! Você começou isso antes de mim. Usou uns trinta anos antes de mim!

Caetano: Mas eu nunca usei uma saia propriamente. Queria usar uma saia nos anos 70. Ia fazer um show e a Dedé tinha uma saia muito bacana, com uma estamparia bonita. Mas houve uma campanha de muitas mulheres: Bethânia, Mãe Clousa do Gantois, minha mãe, Mãe Menininha, que foi cooptada, e a própria Dedé, que acabou indo na onda. Acho que elas ficaram com ciúme... Isso era 1976, teria sido impactante, teria sido... bá!!!

Caetano, você esteve outro dia no programa do Gugu Liberato, está indo bem nas paradas com uma música do Peninha *("Sozinho")*. Você está procurando se aproximar mais do povão?

Caetano: Não, simplesmente gravei a música, que amei nas versões de Sandra de Sá e, principalmente, de Tim Maia. Nem sabia que era uma composição do Peninha, de quem eu já tinha gravado "Sonhos". A música entrou no *Prenda Minha*, as rádios populares começaram a tocar... Aí, os programas populares começaram a me convidar.

E a axé music? Muita gente se queixa que ela monopoliza o mercado...

Caetano: Ela está aí há anos. Acompanhei a subida de Moraes Moreira, com "Atrás Do Trio Elétrico", ele foi o pai de Netinho! Acompanhei a ascensão de Luís Caldas...

Toni: Banda Reflexu's...

Caetano: ...Banda Mel, Daniela Mercury, a música de Carnaval da Bahia conquistou espaço porque o Rio emudeceu nesse aspecto, passou a não produzir nada além dos sambas-enredo. O Carnaval da Bahia revitalizou o Carnaval! *(exaltado)* Essa queixa contra a axé de parte da intelectualidade brasileira, isso tudo é conversa fiada! Eu sou tropicalista em primeiro lugar, acho um saco a segmentação. Nos anos 60 tomei a atitude de ouvir rock'n'roll sabendo que era lixo, eu queria remexer no lixo! Sou misturado, mestiço, racial, religiosa, sexual e socialmente! É a minha pessoa e quem não aceitar que se f...!!!!!

Aquilo n

Por Toninho Spessoto

Ian Gillan, vocalista do Deep Purple, de sem graça e compara o ex-colega Ritchi

Aos 53 anos, Ian Gillan mostrou, pela terceira vez no Brasil – duas com o Purple, agora e em 1997, e uma solo, em 1992 –, que está com o precioso gogó em forma. Muito falante, ele detona quem acha que precisa ser detonado. Antes de fazer três shows no Via Funchal, em São Paulo *(leia resenha no boxe)*, e se apresentar em Campinas, Curitiba, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, Gillan expôs para SHOWBIZZ um pouco de seu veneno e de suas opiniões.

É verdade que o Deep Purple vai gravar um disco acústico?
Essa história começou depois que fizemos um show na Polônia com o Ian *(Paice, baterista)* batucando um tambor. Mas nunca pensamos nisso, o som do Purple teria de sofrer muitas alterações. E esse negócio de acústico virou clichê e o Purple é contra qualquer modismo.

***Abandon*, o álbum do ano passado, não foi muito bem recebido pela crítica. Como vocês reagiram a isso?**
Com a indiferença que certa parte da crítica merece. O que importa é a aceitação do público.

Todos os discos do Deep Purple são lançados também em vinil. É uma exigência da banda?
Sim. Eu, particularmente, não gosto de CD. O som fica abafado, por melhor que seja a remasterização. A única vantagem que ele tem é o fato de poder ser tocado no carro. Mas prefiro mesmo o bom e velho vinil, com o ruído da agulha raspando no sulco. E nos LPs você pode ler os encartes numa boa, sem precisar de lentes de aumento. Outra coisa: o preço do CD é altíssimo! Se dependesse de mim, esse negócio de som digital não existiria.

Alguns dos seus discos solo – *Clear Air Turbulence*, *Accidentally On Purpose* (com Roger Glover, baixista do Purple), *Scarabus*, *Cherkazoo And Other Stories*, *Naked Thunder* e *Toolbox* – estão sendo relançados em edições remasterizadas (pela Roadrunner). Gostou do resultado?
Eu nem sabia disso! As gravadoras fazem o que bem entendem e nem consultam o artista. Só espero que tenham ficado decentes. Já a Rhino está preparando uma caixa de quatro CDs da banda. Não estamos mexendo com isso, mas nossos agentes têm o controle da situação, eles são pagos para fazer com que nós ganhemos dinheiro.

Vocês costumam dizer que com a saída do guitarrista Ritchie Blackmore, em 1995, o Purple "recuperou a alegria de viver". Foi mesmo um alívio?
Se uma pessoa tem um câncer maligno, já em fase terminal, e de repente descobre que está curada, é invadida por uma sensação de alívio, não é? Aquele sujeito era um câncer que corroía o organismo do Deep Purple. Quando nos livramos dele, foi uma maravilha!

Nos anos 70 vocês costumavam dizer que o Deep Purple era uma "banda de trabalhadores". Ainda pensam assim?
Nenhum de nós é milionário, temos de trabalhar para viver. Não podemos nos dar ao luxo de fazer como Robert Plant e Jimmy Page, que ganharam rios de dinheiro e hoje correm o mundo fazendo shows só para se divertir. A indústria ainda trata os músicos como cachorros. Eu trabalho muito, mas pelo menos sou dono do meu nariz. Não tenho obrigações com contadores ou advogados: eles trabalham para mim, eis a diferença.

Planos para um novo disco solo?
Tenho, mas estou comprometido com o Purple até setembro, pelo menos.

Que tipo de música você está ouvindo hoje?
Música étnica, de artistas que nem sei os nomes, e sons para meditar. O rock de hoje é estranho, sem definição. Já o pop tem boas e más idéias.

Qual o melhor disco do Deep Purple na sua opinião?
Fizemos muita coisa boa, como *Deep Purple In Rock* (de 1970) e *Made In Japan* (73), mas ainda acho que *Machine Head* (72) é nosso grande momento.

Steve Morse (guitarra), Roger Glover (baixo), Jon Lord (teclado), Gillan e Paice (bateria) se uniram em 1996 *(acima)*, antes que o cantor ganhasse alguns quilos e cortasse de vez os

OXO

esta CDs, acha o rock atual
Blackmore a um câncer

A magia de sempre

O Deep Purple trouxe ao Brasil a atmosfera sem frescuras do começo dos anos 70. Eles conseguiram saciar a fome da nova e da velha guarda de fas, intercalando classicos irresistíveis com músicas recentes, da formação com Steve Morse na guitarra. Ele, por sinal, rendeu sua homenagem aos heróis da guitarra lembrando Led Zep, Cream, Free e até Lynyrd Skynyrd. Apesar de ser um dos mais completos instrumentistas da atualidade, Morse não tem a pegada de Ritchie Blackmore. Talvez por sua escola ser mais jazz do que rock, clássicos como "Lazy", "Speed King" e "Smoke On The Water" soaram um pouco artificiais. O "resto" continua impecável. Ian Paice é o sobrevivente dentre os grandes bateras do rock (tomara que John Bonham e Keith Moon estejam felizes no céu!). Roger Glover é uma segurança no baixo e continua usando chapéus bacanas. Jon Lord esculpe climas e texturas nos teclados, descendo a mão quando necessário. É um show à parte. Por fim um Ian Gillan supremo, cantando todas do jeitinho que fazia nos velhos tempos. Nota dez.

E o público exigiu bis: todos puxaram "Black Night" e foram atendidos de imediato. Na seqüência, "Highway Star" mortal. De pecado, só o exagero em solos e jams. De virtude, a total purificação de ouvidos enfastiados pela porcariada reinante. Que voltem sempre.

Gastao Moreira

Deep Purple e se
mosos cabelos

Jorge Rosenberg

Maestro

Ed Motta grava com o arranjador J. T. Meirelles, pioneiro dos sintetizadores no Brasil

Tem gente que gagueja, sua, dá vexame na presença de seus ídolos. E tem gente como Ed Motta. Espremido entre dois de seus músicos favoritos, no pequeno espaço de um estúdio na Barra da Tijuca, no Rio, ri, faz piada e se diverte.

Pouco badalado pela imprensa, João Theodoro Meirelles não pisava num estúdio havia quinze anos. Mora em Belford Roxo, no Grande Rio, não tem telefone e sobrevive compondo trilhas para produtos multimídia. Sua importância histórica é enorme: são dele os arranjos de *Samba Esquema Novo*, revolucionário LP de estréia de Jorge Ben, lançado em 1963. Com o grupo Copa 5, tocando sax, gravou dois discos antológicos do jazz-bossa. Como produtor, viabilizou obras antológicas de Radamés Gnatalli e Severino Araújo na série *Depoimento*, da Odeon, nos anos 60.

Ed trouxe consigo um LP de Meirelles e sua orquestra, Brazil Explosion. "Esse disco está sendo sampleado por um monte de DJs por causa do som do sintetizador, que ele foi o primeiro a usar no Brasil."

Do outro lado está o mítico pianista e compositor João Donato, precursor da Bossa Nova e rival de João Gilberto na fama de gênio excêntrico. Mas tudo corre na paz, o clima de descontração ditado por Ed, que não pára de tirar sarro do produtor Almir Chediak: "Esse cara tá rico à custa do império do songbook".

O tal "império" é um dos projetos mais nobres do mercado fonográfico brasileiro atual: uma série de livros de letras e partituras que registra a obra dos maiores nomes da MPB, cada um deles acompanhado de CDs com novas versões das músicas, a cargo de intérpretes consagrados. Graças ao "imperador" Chediak, autor e capitão do projeto, estão disponíveis no mercado songbooks de Tom Jobim, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Djavan e Marcos Valle, entre outros. "O Almir reúne pessoas que nunca teriam a chance de estar juntas e dá a elas liberdade criativa total. É raro hoje a gente poder fazer um trabalho assim, isento de preocupação com o mercado", elogia Ed.

"EU ACHAVA QUE ELE ERA NEGÃO"

Ele e Donato só vieram "bizoiar". O trabalho hoje é de Meirelles. Ele está aqui a pedido de Ed, para monitorar a gravação do arranjo de metais que fez para "Bananeira", faixa de Ed no songbook de Donato. "O Ed tem o impulso da criatividade", diz Meirelles. "A concepção musical dele tem a ver com jazz. Nunca repete as coisas."

João Donato não participa da gravação, mas veio acompanhá-la – o que tem sido uma constante, apesar de sua fama de arredio. "De todos os artistas cujos songbooks eu fiz, ele foi talvez o mais presente no processo", conta Chediak. De fato, Donato participa de doze das 41 faixas de seu songbook (que tem, entre outros, Chico Buarque, Gil, Gal Costa, Caetano e Luiz Melodia). "E nunca faltou a nenhuma gravação", atesta o produtor. Ao ouvir isso, o compositor já se ressabia: "Não, não diz isso... Aí vão achar que o normal seria eu faltar...", retruca Donato, à meia-voz.

Meirelles, João Donato, Ed e Almir Chediak gravam o songbook do pianista

Ed é grato a seus ídolos. É visível sua preocupação com a valorização do nome de J. T. Meirelles na reportagem *(Nota do Editor: foi ele quem ligou pessoalmente para a Redação e sugeriu a matéria)*. "O Meirelles é indiretamente um dos inventores do som da Black Rio, é o maestro mais groove do Brasil – eu até pensava que ele era negão!"

Nos tempos de Conexão Japeri, na década passada, Ed abominava qualquer acorde que cheirasse a Brasil, mas mudou de opinião com o tempo, em especial após uma temporada de auto-exílio em Nova York. "Meu primeiro contato com a MPB foi pelo lado harmônico, de Tom Jobim, Edu Lobo, Guinga", lembra. "Donato e Meirelles me apresentaram a um lado rítmico da música brasileira que eu ainda não conhecia."

Aliás, cadê o Donato? Sempre por ali, mas calado, sorrindo acanhadamente. O autor de "A Paz", "Flor De Maracujá" e "A Rã" prefere se expressar ao piano: transforma em música até o folclore a seu respeito. "Ele ia fazer um show no People (piano-bar carioca) e exigiu levar seu afinador. A casa vetou e Donato acionou o jurista Nilo Batista, que não apenas atendeu seu pedido como escreveu uma letra sobre o caso", conta Chediak. Daí nasceu "É Proibido Afinar O Piano", inédita que Eduardo Dusek gravou para o songbook.

Jaime Biaggio

histórico

J. T. Meirelles: "o maestro mais groove do Brasil" não gravava havia quinze anos

Mande suas fitas-demos e CDs para:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

Bianca *(loura)* e Mariana levaram o Pólux até a Bahia

Façam vocês mesmas

Uma das mais agitadoras bandas da atual cena alternativa carioca tem na linha de frente duas meninas, que se revezam nos vocais: a baixista Mariana Eva e a guitarrista Bianca Jordão, ao lado do guitarrista Rodrigo Brandão e do baterista Pedro Schroeter. As duas destilam energia e ironia nos vocais e nas letras, em um som pop saudavelmente barulhento. No Carnaval, o **Pólux** foi convidado para participar do festival Palco do Rock, em Salvador, um daqueles eventos produzidos com muita boa vontade e quase nenhum dinheiro. Não foi problema para o Pólux e o Cabeça, outra força do underground carioca. As duas bandas se juntaram, inicialmente para shows no Rio – onde arrecadaram uns trocados – e depois meteram o pé na estrada, em seus próprios carros, parando para shows pelo caminho. "Apesar de todas as dificuldades, o cansaço, estrada perigosa, falta de grana, acho que o melhor caminho mesmo para as bandas divulgarem seu trabalho é sair pelo Brasil, entrando em contato com bandas, zines, rádios alternativas e trocando o máximo de informações possível. Não adianta ficar esperando vir aquele produtor ou aquela gravadora te descobrir", opina Bianca.

Contatos:
Pólux - (021) 512-0248/527-4948.
e-mail: polux@writeme.com
Cabeça - (021) 449-2053

Edu compõe pensando em imagens

Publicidade e astronomia

"World music virou rótulo para qualquer tipo de fusão musical. Por mim, classificaria este disco, *Ser*, como música contemplativa", afirma **Edu Helou**, que está lançando seu segundo álbum, exclusivamente instrumental, com a banda Astrolábio *(nome de um instrumento usado pelos antigos para localizar astros)*.

Edu trabalha há mais de dez anos com trilhas sonoras para publicidade, CD-ROMs e vídeos institucionais, mas reservou 1998 para terminar as composições que há quatro anos povoam sua imaginação. "Quase fui à falência", confessa Edu, "porque tive de deixar as trilhas de lado nesse período". Nesse processo, até um tema que compusera para um anúncio de moda foi aproveitado na faixa "Shaski, O Mensageiro".

A conexão entre o trabalho e as trilhas está no modo de compor. "Apesar de ser música, penso sempre em imagens. No caso de *Ser*, imagens da alma". Edu Helou E O Astrolábio têm uma apresentação marcada em São Paulo, no Sesc Vila Mariana, dia 30 de Abril.
Contatos: Tels. (011) 570-8138 e 885-4799

Mutirão eletrônico

Cantos Da Palavra, álbum com canções de Marcelo Sandmann e Benito Rodriguez interpretadas por Silvia Contursi, utilizou uma fórmula de produção interessante: recursos da Lei de Incentivo à Cultura + grana do próprio bolso + camaradagem.

Em Curitiba, esse esquema já funcionou com a banda Woyzeck, no CD *Sete Forças*, muito bem produzido e com participação de Fernanda Takai, do Pato Fu. Agora, em *Cantos Da Palavra*, Sandmann e Rodriguez, professores de Literatura Brasileira, e a cantora Silvia Contursi valeram-se da fórmula para realizar um disco de música brasileira moderna, com a participação de instrumentistas amigos.

A produção de Paulo Brandão, do grupo Aquarela Carioca, permitiu que pudessem mexer com eletrônica nos arranjos, que vão do samba ao rock. Sandmann entrega o jogo: "Não tínhamos dinheiro para gravar bateria, então usamos batidas eletrônicas". A limitação foi usada a favor dos compositores: "Trabalhamos com música brasileira, mas não queríamos arranjos rançosos".
Contatos: tel. (041) 338-4996 (Sandmann), e-mail: sandmann@humanas.ufpr.br

MPB também pode ser eletrônica

O MQN pode ser ouvido pela Internet

Rock na terra dos sertanejos

Rock goiano, sim senhor, mas nada de "cores" muito locais na banda **MQN**: no EP *Television In Full Color*, todas as letras são em inglês, o design sóbrio e modernoso da capa faz pensar na Inglaterra, o som é de *guitar band*. Mas o sotaque de Fabrício Nobre, o vocalista, com certeza é de Goiânia. "Cantamos em inglês porque 90 por cento do que ouvimos é assim", simplifica ele, que também é autor da maior parte das letras.

Goiânia tem muitas bandas e poucos palcos. Isso acaba levando a um paradoxo: "A gente acaba não tocando muito para não superexpor a banda, quem gosta de rock vai em todos os shows".

Até por conta disso, além de ter emprego fixo, Fabrício também comanda uma distribuidora de demos e CDs de rock brasileiro independente, a Me And My Monkey Records. "Funciona assim: a gente monta uma banquinha nos shows e vende", conta ele, que comercializa títulos de bandas como a brasiliense Little Quail And The Mad Birds, a baiana Maria Bacana e as cariocas Pelvs e Jason.

Com um disco de boas músicas e bem produzido, a idéia da MQN é também se arriscar além do circuito local, apesar das dificuldades. O baixista Coco, da banda americana Man... Or Astro-Man?, escutou o som da banda pela Internet e se interessou, dizendo que as portas de seu estúdio estavam abertas para a banda. Só que tem que pagar.
Contatos: tel. (062) 241-8191 (Fabrício), e-mail: mqn@usa.net home-page: http://www.geocities.com/soho/square/5979/

Raio-D Um exame das demos mais interessantes do mês

Pacto

Som: Punk metal
Origem: São Paulo, SP
Auto-retrato: "Usamos riffs de guitarra dos anos 70 com a porrada dos anos 90, com letras que retratam o que passamos onde moramos *(periferia de São Paulo)*. Um som curto e direto na veia, para não dar tempo de respirar".
Resumo crítico: Pegada de heavy metal, mas com sonoridade bastante crua. Como uma bisteca malpassada cheia de nervos.
Produção: Regular
Contatos: tels.: (011) 6561-5118 (Robson)/ (011) 6561-1607 (Natanael)/ E-mail: pacto@redebrasil.net

Nem

Som: Rock experimental
Origem: Goiânia, GO
Auto-retrato: "O máximo de classificação que aceitamos é rock – mesmo assim, um pouco contrariados. A gente sempre vai falar o que pensa, independentemente do que for virar depois".
Resumo crítico: Muito ruído, microfonia e vocais que gritam versos do calibre de: "Estou com Deus, aliás ele está em mim e nunca foi guitarrista do Cream" (referência a Eric Clapton, chamado de Deus por seus fãs).
Produção: Regular
Contatos: tels. (062) 225-4002 (Ivan)/ (062) 233-1394 (Galvão)/ E-mail: gyn137@hotmail.com

Adriana Deffenti

Som: Canções sofisticadas, com direito a bandônion
Origem: Porto Alegre, RS
Auto-retrato: "Meu trabalho tem uma característica urbana, com uma ligação forte com poesia, e influências latinas".
Resumo crítico: Tanto pela interpretação como pelo repertório de desventuras amorosas, Adriana Deffenti lembra a xará e conterrânea Adriana Calcanhoto, mas é menos pop. Nenhum demérito na comparação: grandes canções para uma grande intérprete.
Produção: Boa
Contatos: tels. (051) 249-0961/ (051) 965-3550, com Adriana Amaral/ E-mail: adriamaral@yahoo.com

Peso e balanço

Gastão chafurda feliz em velhos compactos de obscuras bandas punk do Norte da Europa

Alessandra Lovtchenco

Rock pesado, funk e punk recheiam as estantes do ex-apresentador de programas como o *Fúria*, da MTV

Sorridente como na telinha, o mais famoso ex-VJ da MTV abre a porta de seu apartamento paulistano para revelar uma imaculada estante replota de CDs – os livros dedicados às artes plásticas, também numerosos, têm espaço próprio – e discos de vinil e um sujeito simpático e meio careca: o amigão Fábio Massari, VJ de licença da emissora (mas que pretende voltar à telinha em agosto), visita o compadre para depois partirem juntos rumo ao hábitat natural dos dois, uma loja de discos. Para uma pessoa que passou oito anos na MTV recebendo discos das gravadoras, até que o tamanho da coleção não assusta. "São uns 2 200 CDs e talvez uns mil discos de vinil", contabiliza Gastão, lembrando que não guarda o que não gosta. "Bon Jovi, por exemplo, nem pensar", dispara. O som manda um funkzinho balançado, acompanhado por Massari com discretos movimentos de cabeça.

Gastão está de bom humor, aliás seu humor natural. Três meses após a demissão, ele já descansou, viajou com e sem a namorada Sabrina para ilhas como Cuba e Fernando de Noronha e está com tudo em cima para voltar às telinhas. "Estou com um pé e meio na Record, onde devo fazer um programa de games e música", adianta ele, que pretende ainda se unir ao produtor Dudu Marote no rádio. "Temos uns planos esquisitos, de unir música e uma espécie de radionovela cômica, talvez na Jovem Pan ou na 89", diz, revelando o nome pretendido para o programa, *Ospiroplásticos*.

Gastão guarda algumas saudades do velho emprego, principalmente do programa *Fúria*, dedicado ao heavy metal e hoje

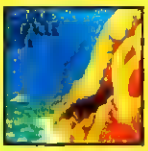
Prateleira especial

THE WHO
Who's Next
"É a segunda cópia que tenho de mais este clássico de Roger Daltrey, Pete Townsend, John Entwistle e Keith Moon. Ouvi tanto que estraguei a primeira. Considero este o disco mais completo deles, acho que foi onde eles levaram seu estilo musical mais longe. São clássicos poderosos, como 'Baba O' Riley', e a minha favorita, 'Won't Get Fooled Again'."

MOTÖRHEAD
***All The Aces* (caixa com os discos *Motörhead, Bomber, Overkill, Meltdown, Ace Of Spades* e *No Sleep 'Till Hammersmith*)**
"É o melhor da formação com Lemmy Kilmister (baixo e voz), *Fast* Eddie Clark (guitarra) e *Philthy Animal* Taylor (bateria). O impacto da primeira vez que ouvi isso nunca se repetiu na minha vida. Foi aqui que aprendi o significado da palavra 'pauleira'."

OHIO PLAYERS
Pain
"Este disco de 1972 é o melhor de todos no mundo do funk. Aí estão as raízes suingadas dos Red Hot Chili Peppers, que gravaram uma música da banda (mas não desse disco), 'Roller Coaster'."

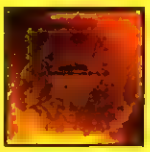
RIISTE TYT
Riiste Tyt
"É um grupo punk da Finlândia maravilhoso, muito agressivo, muito porrada. O CD reúne três discos de carreira da banda e tem ao todo 39 faixas, a maioria cantada em finlandês."



SACRED MIRACLE CAVE
Sacred Miracle Cave
"Meu melhor disco de rock alternativo, de 1990, antes do estouro das bandas de Seattle. É um projeto de músicos de várias bandas desconhecidas, mas na minha opinião tem muito mais qualidade do que aquilo que depois se convencionou chamar grunge."

DUG DUG'S
Dug Dug's
"Vendo a foto da capa, com estes mexicanos fantasiados, não daria nada pelo disco. Mas é um rock psicodélico muito legal, de uma banda realmente vinda do Mexico, dos anos 70, cantado em inglês cheio de sotaque espanhol."

NEWS OF THE WORLD
Queen
"Foi o primeiro disco que comprei na vida, por causa do clássico 'We Are The Champions'. Gosto de ouvir de vez em quando e lembrar como foi aquele meu primeiro contato com o rock, o piloto que deu origem à série."



GRAND FUNK RAILROAD
We're An American Band
"Este disco me pegou de moleque. Acho que esses que a gente gosta de cara são os bons de verdade. Adoro cada uma das músicas daqui, sei todas de cor."

apresentado sem VJ. "Quando adolescente, eu era totalmente metal; e é muito legal sentir a paixão daqueles moleques", lembra. Ele prefere não comentar as mudanças realizadas na programação da emissora, mas acha que o objetivo principal, de se expandir o público, deve ser alcançado. As guitarras, que tocava até pouco tempo atrás na banda Hip Monsters, estão mais para enfeite. "Só tenho tocado violão, não sei se ainda volto a pegar a guitarra profissionalmente", diz. Entre os planos musicais galhofeiros está a gravação de punk rocks em italiano ao lado do amigo Massari.

A coleção musical de Gastão – sete anos de CDs e "uns vinte" de bolachas – é dividida basicamente em três gêneros: punk rock, rock pesado e funk. "Sou um comprador compulsivo, uma vez paguei o mico de chegar de viagem com 150 CDs, a alfândega me pegou e tive que pagar uma grana a eles. E é claro que os discos eram todos para mim", lembra.

O rock e o funk dos anos 70, que deram origem ao rock pesado posterior, são um dos nichos tratados com mais carinho por Gastão, que guarda no coração bandas como o Who, Grand Funk Railroad, Queen e Rolling Stones. Curiosamente, são poucos os artistas que têm 100% (ou algo próximo) de sua produção representados na estante do ex-VJ. "Tenho fases, mas é difícil gostar do trabalho de uma banda do começo ao fim." Até o AC/DC, um favorito que ele sempre arrumava um jeito de meter no *Fúria*, não está completo. A última década de produção do grupo liderado pelo guitarrista Angus Young – que autografou o disco *High Voltage* e tirou fotos com Gastão – ganha nariz torcido do colecionador. James Brown, Black Sabbath, Pixies, Motörhead e David Bowie são alguns dos que se aproximam da totalidade em suas estantes.

Como todo aficionado, Gastão tem orgulho de suas raridades, e muitas delas vêm de seu apreço por rock cantado em espanhol. "Tenho um compacto raríssimo do Brujeria *(banda mexicana-americana que se diz ligada ao Exército Zapatista de Libertação Nacional)* que me foi dado pelo Billy Gould, ex-baixista do Faith No More e especialista em rock vindo de lugares inusitados", anuncia, tentando parecer humilde. Outra preciosidade é um disco da banda argentina Pescado Ravioso, de rock psicodélico do início da década de 70.

No campo do punk rock as raridades também pululam, não sem antes uma observação do colecionador. "O punk que eu gosto é quase todo europeu do final dos anos 70 e começo dos 80." Ou seja, Bad Religion, Green Day e The Offspring não se criam muito por aqui. E tome GBH, Varukers, Circle Jerks e Hattus, furiosa banda finlandesa do estilo. E é da terra de Mika Hakkinen que vem uma das maiores aberrações de toda a coleção: um compato da banda Força Macabra, de hardcore tradicional da Finlândia cantado em português. "Se prestar atenção, você consegue captar umas palavras como 'capitalismo' no meio dos urros", diverte-se ele. Coisas de colecionador.

Bernardo Araujo

ARREBATADOR!

O Capital Inicial está de volta, com sua formação original. Confira todos os lances desse retorno. Detalhes do novo CD. E a trajetória do grupo. Das garagens de Brasília ao sucesso. Da separação à volta com força máxima. Edição de colecionador. Imperdível.

Abril

SHOWBIZZ

Um DJ para o Brasil

Celebração com craques do pop brasileiro confirma Memê como mago da música genialmente descomplicada

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

MEMÊ

Memê e Eles

Epic/Sony

Ilustração: Félix Reiners

O lema punk "qualquer-um-pode-fazer-música", hoje abraçado pela comunidade das picapes, tem uma contrapartida irônica: muitas vezes, não é qualquer um que pode ouvir a música em questão. Muitos DJs que se dão o direito de se expressar com agulha e prato acabam produzindo maçarocas que só interessam a eles. É fato que a eletrônica indica caminhos para o pop de 2001. Mas é fato também que para cada Roni Size (astro do drum'n'bass inglês, exímio piloto de breakbeats) há uns dez Goldie (astro do drum'n'bass inglês e Supremo Imperador do próprio umbigo). Por essas e outras, deve-se reconhecer o valor de um DJ pé-no-chão, festeiro, como o carioca Marcello *Memê* Mansur. Memê não pretende ser "autor". Como produtor (assinou discos de Lulu Santos, Gabriel O Pensador, Barão Vermelho e Claudinho & Buchecha), se pauta pelo respeito ao formato canção. Acredita no poder de versos e refrões e usa a tecnologia para valorizá-los. Em suma: qualquer um pode ouvir Memê. E isso é elogio.

Em seu primeiro álbum como anfitrião, ele deixa o centro do salão para os convidados. A cada um oferece um hit para brincar. Toni Garrido arrisca "Samurai" (Djavan). Lulu Santos ataca de "Índios" (Legião Urbana). O Jota Quest se diverte no gramado do Rei, com "Quero Que Vá Tudo Pro Inferno". O Kid Abelha revive a setentista "Teletema", consagrada via TV, na novela *Véu de Noiva*. De inédito, só "Pra Ninguém (Por Enquanto)", de Alvin L., com Léo Jaime, e as vinhetas "1 Minuto", rap bem bolado de Gabriel O Pensador, e "36 Segundos Com Fábio Fonseca".

A aposta tem seus riscos. Quando erra, Memê reproduz o original sem brilho – Garrido djavaneia legal em "Samurai", competindo desnecessariamente com o belo trompete de Márcio Montarroyos, e a recriação de Léo Gandelman para "Rise", do trompetista Herb Alpert, cheira à sala de espera. Às vezes, fica na média – a faixa do Jota Quest não acrescenta muito ao formato que Memê desenvolveu em sua parceria com Lulu. Mas quando acerta... sai de baixo!

A "Índios" de Lulu é quase melhor que o original, porque, afinal, Renato Russo é insubstituível. O arranjo tecno, com loop do tema do seriado *Além da Imaginação*, dói de tão bonito. Paula Toller imprime à "Teletema" uma doçura irresistível. Fernanda Abreu arrasta "Tempo de Estio", de Caetano Veloso, para a era disco.

Mas o feito nobre do CD é chamar a atenção para Léo Jaime. Auxiliado pelo belo trabalho de guitarra, violão e a slide guitar de Frejat, ele levanta a ótima "Pra Ninguém" (um arranjo com a cara do BRock). E o resgate de seu hit "O Pobre", em versão conceitualmente correta de Claudinho & Buchecha, é um presente de Memê a todos os fãs de música saudavelmente descomplicada.

Jaime Biaggio Nota B

Os textos são de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista

ROXETTE
Have A Nice Day
Roxette Recordings/EMI

Astros do pop nórdico com a criatividade em baixa

Se você é daqueles fãs babões do Roxette, pode ir baixando a bola. O novo CD da dupla sueca é um apanhado de fórmulas que deram certo no passado mas hoje não funcionam mais. Per Gessle e Marie Fredriksson derrapam num repertório sem criatividade, às vezes plagiando os próprios hits. A balada "Wish I Could Fly" remete a "Listen To Your Heart" e "Spending My Time". "You Can't Put Your Arms Around What's Already Gone" é uma cópia escarrada de "Joyride". Já "Anyone" é uma tentativa de tributo a Burt Bacharach, mas o mestre do lounge está zilhões de anos-luz à frente. Só duas faixas se safam, "Waiting For The Rain" e "It Will Take A Long Long Time". Fraquinho, fraquinho...

Toninho Spessoto **Nota 4**

SEBADOH
The Sebadoh
Domino – IMPORTADO

Rock feijão-com-arroz e sucesso garantido

Em seu sétimo disco, este trio de veteranos do rock americano mostra que não faz a menor questão de crescer e se orgulha disso. O Sebadoh segue fazendo o rock americano com pitadas de punk tão celebrado pela geração grunge. Depois do relativo sucesso comercial de *Folk Implosion*, o vocalista/guitarrista Lou Barlow tomou gosto pela boa vida e sem renegar o passado *indie* fez o disco mais comercial do Sebadoh. Impulsionado pelo êxito da melodiosa "Flame", que levou o grupo até mesmo a se apresentar no programa inglês *Top of the Pops* (uma espécie de *Globo de Ouro*, lembra?). O Sebadoh é a bola da vez do rock alternativo americano. Pena que o sucesso tenha chegado tão tarde, quando a banda parece não ter mais o tesão dos velhos tempos. Mas tudo bem, porque um álbum mediano do Sebadoh ainda é melhor do que 95% do que tem sido lançado hoje em dia em matéria de discos de rock..

Luciano Vianna **Nota 7**

CLARA SVERNER
Chiquinha Gonzaga Por Clara Sverner
Ovo D'Ouro/Abril Music

O melhor de uma pioneira da música popular

Chiquinha Gonzaga (1847/1935) foi o primeiro grande nome do verdadeiro sexo forte na MPB. A pianista Clara Sverner traz neste CD vinte composições em ritmos diversos, como maxixe ("Amapá"), tango brasileiro ("Sacy-Pererê") valsa ("Animatógrapho") e até uma certa "dança chinesa" ("Pehô-Pekim"). Embora possa soar datada, a obra de Chiquinha é notável por sua versatilidade e inventividade melódica, e merece ser ouvida não só como arqueologia, mas simplesmente por trazer uma sonoridade inusitada e bem-vinda nos dias de hoje. Nem foi preciso incluir os maiores hits de Chiquinha, "O Abre-Alas" (a primeira música composta especialmente para o Carnaval e que está completando 100 anos) e "Falena", mas está aqui a conhecida polca "Atraente". Se o único grande defeito da recém-exibida minissérie global sobre a vida da compositora era ter muitas Duartes e pouca música de Chiquinha, tudo se perdoa com este disco.

Ayrton Mugnaini Jr. **Nota 10**

RORSCHACH TEST
Unclean
SlipdicAbril Music

Quarteto industrial une programações e peso

"Ih, a banda nem baterista tem...", pensaria algum apressadinho olhando a formação do Rorschach Test: James nos (enfezados) vocais, Benjamin Anderson e Kristopher Geren nas guitarras e Troee nos teclados e programações. Na primeira audição se percebe que o trip-hop e o drum n' bass passaram longe de Chicago, de onde vem o quarteto. As guitarras têm um peso que não fica devendo nada à dupla Kerry King-Jeff Hanneman, do Slayer, e as letras têm pérolas como "Que outro nome pode ter a minha insanidade/ Que outro nome posso ter eu?/ Satã" ("Satan") ou "Não serei enganado de novo/ Jamais sentirei nada de novo/ Porque você assassinou meu coração por mim" ("Song For The Other Me"). As batidas talvez não tenham os bumbões de Igor Cavalera, mas a tecnologia é usada a serviço da mais saudável barulheira.

Bernardo Araujo **Nota 7**

EVERLAST
Whitey Ford Sings The Blues
Tommy Boy – IMPORTADO

Rapper branco mistura rock e folk e acerta na loteria

Erik Schrody nasceu em Long Island, filho de um típico imigrante irlandês: católico, beberrão e pobre. Começou a ouvir hip-hop a partir do interesse por grafite – era pixador, o moleque. Aos 16 anos, bem antes de Vanilla Ice, já assombrava os negões da Rhyme Syndicate, turma de Ice-T, com raps irados. Como Everlast, formou o grupo House Of Pain, cujo megahit "Jump Around" foi sucesso até no Brasil, e caiu na bandidagem.

Precisou ser preso – porte ilegal de arma – e quase morrer do coração (tinha um problema congênito) para botar a vida nos eixos. Hoje converteu-se ao islamismo, como é moda entre os afro-americanos "culturalmente corretos". Não é o primeiro branco a macaquear a dicção da música negra. Mick Jagger e Eric Clapton fizeram igualzinho, só que na época deles o sangue bom era blues e rock.

Neste segundo álbum solo que está vendendo horrores nos EUA, Everlast afirma justamente seu direito de ser branco e hip-hop, incorporando um personagem, o tal Whitey Ford ("branquelo" Ford, legendário jogador de beisebol). Entre raps ortodoxos e "palinhas" de manos black, encaixou híbridos com rock e folk e acertou um blues-hop inovador, "7 Years". Os leitores da *Rolling Stone* adoram este disco – que poderia ser histórico, mas é menos interessante do que a história de Erik. Por isso esta resenha assim, focada em sua biografia.

Pedro Só **Nota 7**

LIAM HOWLETT

Prodigy Present The Dirtchamber Sessions Vol. 1

XL Records/Roadrunner

A história do pop de acordo com o líder do Prodigy

O mundo pop é um lugar bacana para se viver por causa de caras como Liam Howlett. Não bastasse capitanear uma das bandas mais importantes deste final de milênio, o Prodigy, ele vem agora com este petardo. As qualidades de Howlett à frente do grupo são inquestionáveis, ele está para a banda assim como Stanley Kubrick (cineasta norte-americano, criador de clássicos como *2001 Uma Odisséia no Espaço* e *Laranja Mecânica*, morto em março) estava para seus filmes.

Seu mérito por ter puxado a música eletrônica dos guetos para as massas está à prova aqui. Na verdade, este é um disco de chinfra. *Dirtchamber* é uma mistureba sonora que conta a história do pop em suas muitas áreas de atuação (big beat, hip-hop, punk, funk e britpop).

Se o Prodigy é a ponte entre a eletrônica e o rock, é por isso que cai tão bem misturar na mesma faixa Bomb The Bass, Grandmaster Flash, Charlatans, Jane's Addiction e... Prodigy. Ou Sex Pistols e Fatboy Slim. O resultado é excelente. As oito músicas comportam ainda Primal Scream, Meat Beat Manifesto, Propellerheads, LL Cool J, Public Enemy. É pouco? Tem ainda muito Chemical Brothers e Beastie Boys. Moral da história: com um disco como este, acompanhado de alguns dos Chemical Brothers e do Fatboy Slim, você vira rei em qualquer festa.

Lúcio Ribeiro Nota 10

Paul: uma aventura na África

EMI/Divulgação

Canções & confusões

PAUL McCARTNEY & WINGS

Band On The Run – 25th Anniversary Edition

Capitol/EMI – **IMPORTADO**

reedição

Band On The Run, quinto álbum de Paul McCartney desde o fim dos Beatles e terceiro com os Wings, lançado no final de 1973, tinha tudo para ser um grande fracasso. Todas as etapas da sua produção foram tumultuadas, a começar da ida para Lagos, Nigéria, onde foi gravado. Uma semana antes da viagem, o guitarrista Henry McCullough decidiu sair da banda. Na véspera do embarque, o baterista Danny Seiwell também caiu fora. Assim, Paul, Linda McCartney e o guitarrista Denny Laine foram sozinhos para a África, onde o ex-beatle pretendia passar os dias torrando ao sol nas paradisíacas praias locais. Mas os problemas estavam apenas começando...

Paul, Linda e Denny foram recebidos no aeroporto por soldados fortemente armados, pois a Nigéria estava em guerra civil. O estúdio local da EMI tinha apenas um gravador de oito canais e uma mesa, ambos funcionando mal. Ele e Linda foram assaltados e ameaçados de morte. Durante uma sessão de gravações, McCartney teve uma ameaça de infarto.

E mais: ainda tiveram que pagar mico para Ginger Baker, ex-baterista do Cream, que morava em Lagos e tinha um estúdio. Ele insistia para que Paul gravasse uma faixa ali. O músico cedeu, registrando "Picasso's Last Words" no tal ARC Studio. Depois de quarenta dias, todos voltaram para Londres trazendo na bagagem um grande disco.

O repertório de *Band On The Run* é exemplar. A faixa-título faz referências a situações vividas pelos Beatles. No blues "Let Me Roll It", McCartney utiliza eco nas vozes, recurso comum nos discos de John Lennon. "Jet" era o nome de um cachorro de estimação do cantor. "Picasso's Last Words" nasceu durante um jantar com Dustin Hoffman. O ator deu ao músico uma revista que trazia reportagem sobre a morte do pintor Pablo Picasso. Inspirado pela matéria, Paul fez a música. A canção "Band On The Run" chegou ao primeiro lugar nos Estados Unidos e em vários países. Outras bem-sucedidas foram o rock "Jet", a divertida "Mrs. Vandebilt" e a balada "Bluebird".

Esta edição comemorativa dos 25 anos de *Band On The Run* traz dois CDs. O primeiro tem o álbum original remasterizado. O segundo contém um *making of* do disco com depoimentos de Paul, Linda e Denny Laine, além de demos e versões alternativas de todas as músicas. E, de quebra, o pôster da edição original em vinil e um livreto com curiosidades sobre o álbum. É para fã nenhum colocar defeito.

Toninho Spessoto Nota 10

Rock jurássico

Scavazzini, Oswaldo, Cornelius, Junior, Fellini e Celso: o Made In Brazil em 1974

MADE IN BRAZIL

Made In Brazil Nota 7
Paulicéia Desvairada Nota 4
Jack, O Estripador Nota 6
Minha Vida É Rock'n'Roll Nota 2
(RCA/BMG)

reedição

Segundo seu mentor, o baixista e vocalista Oswaldo Vecchione, o Made In Brazil existe há 33 anos, tendo passado por 137 formações diferentes. No entanto, nunca estourou uma música e os registros de sua produção musical são reduzidos. Mas o grupo de Oswaldo e do irmão, o guitarrista Celso 'Kim' Vecchione, deixou sua marca no rock nacional dos anos 70. Numa época em que o progressivo dominava, o Made professava a cartilha do puro rock'n'roll, sem firulas e feito para divertir.

Ouvir o Made hoje é uma experiência que pode soar datada e ingênua demais, mas na primeira metade da década de 70, eles eram a verdadeira cara do rock tupiniquim. O álbum de estréia, *Made In Brazil* (de 1974), é, de longe, o melhor do grupo. Oswaldo e Celso, contando com os vocais de Cornelius 'Lucifer' Aguiar, bateria e percussão a cargo de Junior (depois, da Patrulha Do Espaço) e Fellini, mais os teclados de Scavazzini, fizeram um verdadeiro disco de banda, explorando largamente a imagem glitter. Os destaques foram "Anjo Da Guarda", "Você Já Foi Vacinado?", "Doce" e "Vamos Todos À Festa", além de uma versão para "Aquarela Do Brasil".

O disco seguinte, *Jack, O Estripador* (1976), seguia na mesma linha simples e direta. A grande mudança foi a saída de Cornélius, substituído nos vocais por Percy 'Luz' Weiss, e a inclusão de convidados como Tony Osanah (gaita), Luís Carlini e Roberto De Carvalho (guitarras). Com produção dos irmãos Vecchione e do ex-crítico musical Ezequiel Neves (que na época assumiu o nome de Zeca Jagger), o disco tinha sucessos de shows do Made, como a faixa-título, "Vou Te Virar De Ponta Cabeça" e "O Rock De São Paulo"), e coisas infames, como "Meu Amigo Elvis" e "Banheiro".

Em *Paulicéia Desvairada* (1978), Oswaldo tomou o controle total do Made, mudando os elementos do grupo, inclusive seu irmão Celso. Fora a música-título e "Massacre", o disco não trazia maiores atrativos. Minha Vida É Rock'n'Roll (81) tinha bobagens como "Mickey Mouse, A Gata E Eu" e "Assopraram A Velhinha".

A gravadora foi esperta ao juntar o primeiro disco com o terceiro e o segundo com o quarto. Afinal, se eles colocassem em um só CD o álbum de estréia e *Jack, O Estripador* – os dois melhores do grupo –, quem iria se interessar pelo outro lançamento?

Celso Pucci

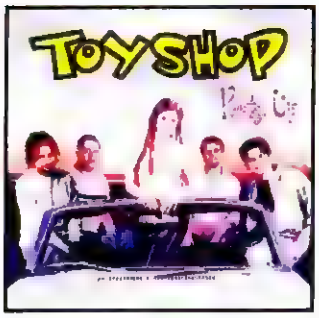
TLC

FanMail
LaFace/BMG

Sacanagem e sacolejos em doses generosas

T-Boz, Left-Eye e Chili, as meninas do TLC, são três "edmundas" que acumulam sucessos e confusões no mercado pop americano. Depois de estourarem a boca do balão com *CrazySexy Cool*, de 1994, brigaram com o dono de sua gravadora – o poderoso Babyface – e declararam falência. Mais radical, Left-Eye incendiou a casa de seu ex-namorado, o jogador de futebol Andre Rison. As atitudes do trio refletem apenas o sentimento delas em relação a nós, pobres machos. Em *Fan Mail*, primeiro lançamento das meninas em quatro anos, somos apenas veículos do prazer delas – regras bem explicadinhas no primeiro single, "No Scrubs". A relação de serventia não é dolorosa, muito pelo contrário. Com o auxílio dos produtores Babyface (que perdoou a audácia das garotas), Jermaine Dupri e a dupla Jimmy Jam e Terry Lewis (que trabalhou com Michael e Janet Jackson), o trio nos encanta com letras libidinosas e pancadões de hip hop, que há muito andam em falta nos trabalhos de Prince. Entre as pérolas do disco estão "I'm Good At Being Bad" – em que T-Boz faz uma breve citação a "Love To Love You Baby", de Donna Summer –, a sacolejante "Lovesick" e "Silly Ho", melhor musicão de festa rap desde "Hip Hop Hooray", do Naughty By Nature. Uma curiosidade: a balada "Come On Down" é de Diane Warren, a mesma que ressuscitou o Aerosmith com "I Don't Wanna Miss A Thing".

Sérgio Martins Nota 7



TOYSHOP
Party Up
Roadrunner

Pop paulista para americano ouvir e dançar

Se as rádios derem chance, é música para vender milhões. Os paulistas do ToyShop esbanjam talento em seu primeiro disco, cujo título é também o nome antigo da banda. A voz afinada e graciosa de Natasha Barroso contrasta com as guitarras pesadas e agressivas de Gabriel Weinberg e Walderrio Santos, e a mistura de pop e rock sai na medida. Enquanto a linda melodia de "Daydream" pode tirar lágrimas do ouvinte, a pancada veloz de "Follow Me" tem tudo para adrenalinizá-lo.

Numa época em que grupos jovens pouco se preocupam em aprender seus instrumentos, o ToyShop se destaca também pela técnica e musicalidade. O baixo bem levado de Rodrigo Nunes e as batidas pulsantes de Guilherme Martins formam base para diversos riffs, solinhos, vozes, sopros, teclados e até palmas. A produtora Sylvia Massey, que já trabalhou com R.E.M. e Red Hot Chili Peppers, disse que levou em conta o talento musical do grupo quando aceitou produzir o disco. Com seu som moderno e bem trabalhado, o Toyshop tem potencial para entrar no competitivo mercado internacional. Se o Canadá tem Alanis Morissette; a Escócia, Shirley Manson (Garbage); e os Estados Unidos, Gwen Stefani (No Doubt); o Brasil pode muito bem encontrar em Natasha sua rainha da música jovem.

Daniel Oliveira **Nota 10**

JAMES BROWN
I'm Back
Eagle/Roadrunner

A velha chama de Mr. Dynamite ainda queima

Depois de pegar uma cana por porte de drogas no começo de 98 e ser internado pela família para se livrar do álcool e dos tranqüilizantes, James Brown decidiu voltar a trabalhar. O resultado é este *I'm Back* ("Estou de Volta"), onde o "Poderoso Chefão do Soul" apresenta boas inéditas e releituras de hits próprios e de outros intérpretes. Aos 65 anos e com a voz ainda em forma, Brown acerta nas novas "Can't Stand It", funkaço de primeira, e "Funk On Ah Roll", esta em três versões. Em "I Don't Hear No Music", o homem lança mão de todos os "uuuhhhs" e "yeahhhs" que tem direito e bota a massa pra dançar. As regravações têm qualidade. "Papa's Got A Brand New Bag", do próprio JB, recebe versão competente. Em "Baby, You've Got What It Takes", original de Dinah Washington em dueto com Brook Benton, Brown capricha no suíngue. "That Lucky Old Sun", hit nos anos 50 com Frankie Laine e Jerry Lee Lewis, ganha releitura emocionada, apesar do arranjo tosco. Para se redimir dos pecados, o cantor ataca de pacifista em "Peace In The World" (com um coralzinho feminino de lascar). O CD escorrega mesmo é na produção barata, muito aquém da categoria de James Brown. Mas como malandro que é malandro não se aperta, ele sobrevive numa boa...

Toninho Spessoto **Nota 7**

Altos porongondons

WALTER ALFAIATE
Olha Aí Nota 10
Atmé

NEI LOPES
Sincopando O Breque Nota 8

LUIZ CARLOS DA VILA
A Luz Do Vencedor Nota 8
CPC – Umes

A estréia fonográfica de um grande sambista aos 68 anos só podia dar nisto: *Olha Aí* é um disco histórico, de inundar de felicidade. Compositor inspirado (autor, com Mauro Duarte, da monumental "A.M.O.R. Amor", gravada por Paulinho Da Viola), Walter Alfaiate é também um raro intérprete, herdeiro da tradição de Ciro Monteiro e Jorge Veiga, à vontade até em scats. Os porongondons que faz, enroscado no trombone exuberante de Roberto Marques em "Sacode Carola", são cócegas no ouvido. Produzido por Rildo Hora, tocado por feras como Alceu Maia (cavaquinho) e Jorge Simas (violão de 7 cordas), o CD tem "palinha" de Nelson Sargento em "Falso Amor Sincero" e mil encantos mais.

Autoridade em cultura afro-brasileira e autor de sambas clásicos como "Senhora Liberdade" e "Gostoso Veneno", Nei Lopes dá um show de verve malandra em *Sincopando O Breque*. Longe do parceiro Wilson Moreira, ele dribla manicures do Baixo-Cinelândia, pretas no Rio Comprido e mastiga palavras deliciosas, como "henê" e "simaruba".

Autor de "O Sonho Não Acabou" (do verso "e ninguém irá esquecer/ Candeia"), Luiz Carlos Da Vila completa a homenagem com *A Luz Do Vencedor*. É um disco de intérprete de um grande compositor (Luiz Carlos é autor de "O Show Tem Que Continuar" e "Kizomba, A Festa Da Raça") homenageando outro bamba, com quatro inéditas e muita emoção.

Pedro Só

J. Egberto

Walter Alfaiate: 68 anos de puro talento

LÍNGUA DE TRAPO
Como É Bom Ser Punk
RGE

Clássico da música humorística dos anos 80

Original de 1985, este foi o segundo disco do Língua De Trapo e o primeiro por uma grande gravadora (o trabalho de estréia saiu pelo selo Lira Paulistana). Assim como o Premeditando O Breque, Laert Sarrumor e sua turma investiam em gêneros diversos sempre com sacadas humorísticas, sem poupar nada nem ninguém.

Ficaram nacionalmente conhecidos graças à participação no Festival dos Festivais da Globo com o rock "Os Metaleiros Também Amam", incluído aqui.

Outros destaques são a faixa-título e "Coquetel Beneficente". Fica a torcida para que a RGE relance o trabalho seguinte do Língua De Trapo, *17 Big Golden Hits Superquentes Mais Vendidos Do Momento*, de 1986, ainda melhor que este CD.

Fabian Chacur Nota 7

VÁRIOS
From Q With Love
Qwest/WEA

Canções românticas produzidas por Quincy Jones

O maestro começou a trabalhar como produtor nos anos 60, depois de ter feito arranjos para diversas orquestras. Esta coletânea dupla traz 26 canções românticas que levaram sua assinatura a partir de 1966. É uma colcha de retalhos daquelas, que vai de Frank Sinatra ("The Shadow Of Your Smile", onde o cantor é acompanhado pela orquestra de Count Basie) a Michael Jackson ("The Lady In My Life", "Human Nature", ambas do álbum *Thriller*, de 82, e "Liberian Girl", de *Bad*, lançado em 87) passando por Aretha Franklin, James Ingram, Patti Austin, Barry White. Tem até música brasileira, "Setembro" e "Velas Içadas", respectivamente com Sarah Vaughan e Toots Thielemans, ambas de Ivan Lins. A coisa só emperra nas inéditas "If This Time Is The Last Time" (com Patti Austin), "Everything" (com Tevin Campbell) e "I'm Yours" (por Siedah Garrett e El DeBarge), com vocaizinhos baba de rhythm & blues moderno. Quincy é um mestre da sofisticação, vale conferir na íntegra os discos produzidos por ele.

Toninho Spessoto Nota 7

CLÁUDIO ZOLI
Férias
Trama

Fera do soul nacional em produção inadequada

Ex-integrante do grupo Brylho (do hit "Noite Do Prazer"), o cantor, compositor e guitarrista Cláudio Zoli é um dos craques do soul brasileiro. Com três ótimos discos solo no currículo, ele ainda não conseguiu se firmar em termos comerciais, principalmente pela má divulgação desses trabalhos.

Muito se esperava desse novo CD, mas o resultado é decepcionante. O 'calcanhar-de-aquiles' é a produção, que banaliza o habitual vigor funk/soul de sua música. O repertório, por sua vez, também não ajuda. Salvam-se a faixa-título, apesar do rap capenga de Max De Castro, e o funk à George Benson "Juro Por Mim". É uma pena. E muito pouco para quem criou clássicos como "Dinheiro", "À Francesa", "Felicidade Urgente", "Cada Um, Cada Um" e "Noite Do Prazer".

Fabian Chacur Nota 5

VÁRIOS
Greenpeace Vol. 1
MCD

Disco beneficente reúne sons de continentes diversos

Brian Eno disse que iria ficar um bom tempo sem lançar discos porque não queria contribuir para a "monumental pilha de CDs do planeta". Taí um exemplo de consciência ecológica que deveria ser imitado por outros artistas. Enquanto essa mentalidade não se difunde, comprar este disco aqui ajuda.

A biodiversidade do repertório é saudabilíssima. Inclui um lindo lamento do angolano Waldemar Bastos (seu álbum, *Luz Preta*, de 1998, é brilhante), a esfuziante conexão Senegal–Cuba do Africando, sons das ilhas Tokelau, na Polinésia, cortesia do grupo Te Vaka, e sete faixas brasileiras.

Entre elas, há coisas que funcionam – "Rios Pontes E Overdrives", de Chico Science – e coisas que não funcionam – a world music made in São Paulo do grupo Mawaca. E o brilho especial fica por conta de "Mamãe Oxum", ponto de macumba com acento raï cantado por Zeca Baleiro e Chico César.

Pedro Só Nota 7

JEFF BECK
Who Else!
Epic/Sony

Blues e tecno podem conviver pacificamente

Jeff Beck ainda surpreende. Seu novo álbum, *Who Else!* se coloca entre os melhores da carreira. O cara andou falando bem de tecno, dizendo que admira o trabalho do Prodigy e coisa e tal. Essa nova influência transparece em "What Mama Said", "Psycho-Sam" e "THX 138", todas com as batidas frenéticas do estilo, quebradas pelas intervenções esquizofrênicas da guitarra de Beck. Uma surpresa para quem o considerava definitivamente convertido ao jazz rock.

A banda que acompanha Jeff Beck é fantástica. Traz o tecladista Tony Hymas (ex-duo tecnopop PhD), a segunda guitarrista Jennifer Batten, o baixista Randy Hope Taylor e o baterista Steve Alexander (ex-Duran Duran). A produção, a cargo de Beck e Hymas, faz a diferença em relação ao padrão de trabalhos anteriores (assinados por Steve Lukather, ex-guitarrista do Toto).

Há muito não se ouvia tanta diversidade num disco de Jeff. "Space For The Papa", por exemplo, é construída em cima de um só riff, complementado por efeitos. "Angel (Footsteps)" flui com melodia etérea por mudanças de tonalidade. Mas os coelhos principais, Beck tira da cartola em "Blast From The East" e "Even Odds" (com participação de Jan Hammer, outro assíduo colaborador no passado). Ambas parecem estar dizendo a Jimmy Page e Robert Plant qual a melhor forma de atualizar o som do Led Zeppelin.

Celso Pucci Nota 9

Bala certeira

ZECA BALEIRO
Vô Imbalá
MZA

Após um começo promissor, com muita badalação e vendas não mais do que razoáveis, Zeca Baleiro não teve pressa para gravar seu segundo disco. O repertório foi exaustivamente testado em shows – principalmente em São Paulo, onde mora o cantor, e no Rio –, e o resultado é animador. Zeca une boas participações e não tem medo das regravações, às quais dá uma cara absolutamente pessoal. A faixa-título é um coco eletrônico de balançar, seguido por uma versão igualmente sacolejante do clássico "Pagode Russo", de Luiz Gonzaga. E viva o Nordeste. Ainda no trabalho de outros compositores, ele empresta emoção e arranjos de bom gosto a "Disritmia", de Martinho Da Vila, e "Tem Que Acontecer", de Sérgio Sampaio, em versão diferente daquela do tributo *Balaio Do Sampaio*. Outro lado competente de Zeca são as letras irônicas, presentes nas ótimas "Samba Do Approach" – ao lado do sempre genial Zeca Pagodinho –, que ironiza o vocabulário estrangeiro misturado ao português, e "Bienal", com Zé Ramalho, brincando com o conceito da "desmaterialização da arte no final do milênio". Pena a presença discreta do lado romântico do cantor, mesmo em um CD com quatorze faixas.

Bernardo Araujo Nota 8

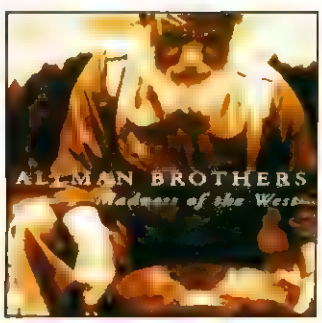
Zeca rearranjou músicas de Martinho e Sérgio Sampaio

Releitura é composição

Por que o disco demorou tanto para sair?
Zeca Baleiro: É, a produção começou um ano atrás e parece que fiquei o tempo todo no estúdio, gastando o dinheiro da gravadora. Mas não foi assim. Foram várias etapas diferentes, em que eu e minha banda nos dedicamos ao projeto, comportados.

Você não tem medo de ficar marcado como intérprete, por ter gravado três músicas de outros compositores?
De jeito nenhum. Gravei "Pagode Russo", "Tem Que Acontecer" e "Disritmia" de maneiras muito pessoais, é algo que gosto de fazer, me sinto compondo nessas leituras. Tenho músicas sobrando, poderia facilmente gravar o disco só com composições minhas.

Por que você gravou novamente "Tem Que Acontecer", lançada no tributo *O Balaio Do Sampaio*? Você não tinha gostado da primeira versão?
Não foi isso. O orçamento do *Balaio* era limitado e gravamos meio nas coxas, só com dois violões e um violino (*N. do E.: É possível ouvir os erros na faixa*). No meu disco a produção era mais completa, então coloquei outros instrumentos. Mas a idéia dos dois arranjos é a mesma.



ALLMAN BROTHERS
Madness Of The West
Candem/BMG

Raio X da fase mais difícil de uma grande banda

Esta coletânea traz os álbuns *Reach For The Sky* (de 1980, na íntegra) e *Brothers Of The Road* (do ano seguinte, mas com uma faixa a menos, "I Beg Of You"), gravados numa época em que o vocalista Gregg Allman ainda juntava os cacos da Allman Brothers Band, destroçada após as mortes de seu irmão, o guitarrista Duane, em 1971, e do baixista Berry Oakley, um ano depois – ambos vítimas de acidentes de moto.

Apesar de tudo, é material de qualidade. O rock sulista, marca registrada da banda, mostra força em temas como "So Long" e "Brothers Of The Road", com o violino country de Charlie Daniels em belo dueto com a guitarra de Dickey Betts.

T.S. Nota 8

MARILLION & THE POSITIVE LIGHT
Tales From The Engine Room
Roadrunner

Baluarte do progressivo em disco de remixes (!)

"Uma das coisas que veio à minha mente foi a imagem de fãs do Marillion querendo me bater", conta no encarte o engenheiro de som Marc Mitchell, da dupla The Positive Light, especializada em remixes *cabeça*.

O CD tem seis músicas, "Estonia", "The Memory Of Water", "This Strange Engine", "One Fine Day", "Face 1004" e "80 Days", em versões longas que incluem lá-lá-lás de criança, ecos da discoteca e um eventual poperô de academia.

Dinheiro, não vai render. O Marillion deve ter topado a empreitada em nome da experimentação. E quem se despir de preconceitos até vai encontrar momentos interessantes.

B.A. Nota 6

Retna/Hanekroot Sunshine

Lenha na fogueira

RORY GALLAGHER

Deuce Nota 9
Irish Tour Nota 10
Calling Card Nota 7
Photo-Finish Nota 8
BMG

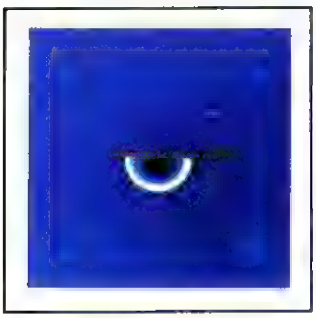
reedição

Antes de Gary Moore, Rory Gallagher era o *guitar hero* da Irlanda. Ex-membro da banda Taste, iniciou carreira solo em 1971. Dono de uma voz privilegiada e fundindo virtuosismo e energia ao instrumento, fez álbuns que venderam mais de 14 milhões de cópias, mas a maldição do blues não o poupou: o punk e os modismos que o sucederam tornaram seu estilo fora de moda. Em 1995, quando morreu (de causas não reveladas), mereceu apenas pequenos registros nos jornais. Os títulos agora relançados em CD são de sua melhor fase, de 1971 a 1978. Foram remixados e, com exceção de *Irish Tour*, acrescidos de faixas-bônus. O clima é de pura adrenalina.

Gallagher adorava o palco, gravou muito ao vivo. *Irish Tour*, registrado em 1974, deixa claro o motivo dessa preferência. Blues como "I Wonder Who" e "Too Much Alcohol" alternam-se com faixas ensandecidas como "Cradle Rock", em que sua Fender Stratocaster parece desgovernada. *Deuce*, de 1971, procura reproduzir esse pique no estúdio. Vai da simplicidade do boogie "In Your Town" à elaboração da psicodélica "There's A Light", passando pelas firulas ao violão em "I'm Not Awake Yet".

Calling Card, de 1976, pende para o hard-rock, com influência do Deep Purple – Roger Glover co-produziu o disco. Mas seu estilo peculiar ainda está presente na guitarra slide de "Secret Agent", nos elementos de música celta em "I'll Admit You're Gone" e no ragtime-blues "Barley And Grape Rag". *Photo-Finish*, de 1978, já é um disco mais polido. Traz o refrão grudento do hard-rock "Shadow Play", o rockão básico "Shin Kicker" e uma faixa cujo título, "Fuel To The Fire", define bem o estilo do cara: combustível para o fogo.

Helton Ribeiro



UNDERWORLD

Beaucoup Fish
JBO/Roadrunner

Hipnose eletrônica pós-*Trainspotting*

Depois de ter se tornado sinônimo de música eletrônica com o sucesso mundial de "Born Slippy" (da trilha sonora de *Trainspotting*), o Underworld tinha duas alternativas: ou a banda fazia um "Born Slippy 2, A Missão", ou poderia assumir riscos, tentando criar algo de novo no tecno.

Nem uma coisa nem outra. *Beaucoup Fish*, o novo álbum, traz algumas músicas mais comerciais misturadas com faixas bem estranhas aos ouvidos menos acostumados à eletrônica. A data de lançamento do disco passou por sucessivos adiamentos. O motivo é que Darren Emerson (DJ e teclados), Karl Hyde (vocais) e Rick Smith (programação) ainda não estavam satisfeitos com o trabalho. Lançado no começo de março na Inglaterra, *Beaucoup Fish* tem tudo para se tornar um dos álbuns mais vendidos de música eletrônica de todos os tempos e tirar do Prodigy o trono de banda eletrônica mais famosa do mundo. Hipnótico, viajando do quase minimalismo tecno ao progressive house e passando por muito big beats e electro, tem singles poderosíssimos, como "Cups" (um épico de 11 minutos), "Push Upstairs", "Bruce Lee" e "Kittens". Fechando o álbum, uma velha conhecida, "Moaner", da trilha sonora de *Batman Forever*. Com certeza deverá repetir o sucesso do trabalho anterior do Underworld, *Second Toughest In The Infants*, que vendeu mais de 1 milhão de cópias em todo o mundo.

Luciano Vianna Nota 9

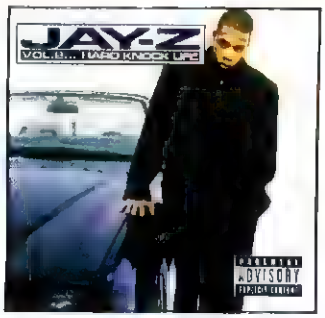
JOHN LEE HOOKER

The Best Of Friends
Virgin

O velho mestre do blues em duetos especiais

Os cinco últimos discos do *boogie king* seguiram uma fórmula comercialmente infalível: reunir em torno dele uma constelação de convidados do blues e do rock. Aparentemente esgotado o filão, sai agora uma coletânea desses encontros para comemorar seus cinqüenta anos de carreira em disco (o velhinho tem 81 de idade!). Só há três músicas inéditas; portanto, quem já possui os discos originais – *The Healer* (1989), *Mr. Lucky* (1991), *Boom Boom* (1992), *Chill Out* (1995) e *Don't Look Back* (1997) – tem que ser muito fã para comprar mais este. Mas quem não colecionou a série vai encontrar aqui bons motivos para investir seus desvalorizados reais. Uma das inéditas é "Boogie Chillen", seu primeiro sucesso, na qual Eric Clapton faz participação correta, sem ofuscar o anfitrião. As outras novas são "Burnin' Hell", com a personalíssima guitarra de Ben Harper e a gaita do mestre Charlie Musselwhite, e "Big Legs Tight Skirt", com Ry Cooder. Nas faixas tiradas dos discos com os duetos de John Lee Hooker destacam-se as participações de Santana (na latinidade de "The Healer" e "Chill Out"), Van Morrison (na balada "I Cover The Waterfront") e de novo Ry Cooder (na hipnótica "This Is Hip"). Robert Cray, Jimmie Vaughan, Bonnie Raitt e Los Lobos também estão entre os convidados da festa. "The Hook" ficou devendo aos fãs um presente novinho, mas, mesmo assim, parabéns pra ele!

H. R. Nota 8



JAY-Z
Vol. 2... Hard Knock Life
Def Jam/BMG

Mais um rapper milionário que não tem o que dizer

Como o são-paulino Dodô, Jay-Z vive a dar bananas: sua última vítima foi a organização do Grammy, que contava com o falastrão para receber o prêmio de CD de Rap do ano. Ele não só deu cano como protestou contra a indústria musical. E não é esse craque todo, precisa de uns denilsons e raís na produção. Só assim surgem boas sacadas como o sample do musical *Annie* ("Hard Knock Life") alguns trechos de *Shaft* ("Reservoir Dog") e faixas para balançar o esqueleto ("A Week Ago", "It's Like That"). Na hora do blablablá, resta ao rapper desfilar histórias de amigos que aderem à bandidagem ou versos frouxos do quilate de "eu contamino o mundo quando discurso através dos alto-falantes". Já para a reserva!

Sérgio Martins Nota 5

INOCENTES
Embalado A Vácuo
Excelente/Abril

Punk rock sincero e vivo como sempre

Aos 18 anos de carreira, já era hora de os Inocentes atingirem a maioridade. E foi o que aconteceu. Neste novo trabalho *Embalado A Vácuo*, o primeiro pela Excelente/Abril Music, o lendário quarteto paulistano formado por Clemente (guitarra e voz), Anselmo (baixo), Nonô (bateria) e Ronaldo (guitarra) sabe variar suas composições na medida certa, sem jamais deixar sua essência de lado. O punk rock dos meninos (de 35 anos, em média) nada tem a ver com Green Day, Offspring ou Bad Religion: nesse caso o rótulo serve para definir música pesada, às vezes rápida e sempre plena de sinceridade. As letras de Clemente, embora nem sempre mostrem aquela revolta típica da adolescência (compreensivelmente), são afiadas em canções como "Lisa", "Minta Pra Mim" e "Nada Pode Nos Deter". De brinde, duas faixas de uma demo de 1985, "Terceiro Mundo" e "Mais Um Dia". Quem acompanha os Inocentes desde o início vai se divertir bastante.

Bernardo Araujo Nota 7

LITTLE QUAIL & THE MAD BIRDS
EP
Gravadora Discos/Tamborete Records

Trio mata a saudade dos fãs com seis músicas inéditas

É tosqueira boa. A banda brasiliense Little Quail & The Mad Birds, mesmo não existindo mais, lança este EP com oito músicas para comemorar os dez anos de sua fundação. O trio apresenta o que poderia ser descrito como rockabilly próximo ao hardcore em músicas pequenas nervosas, com riffs de guitarra parecidos, num conjunto muitas vezes brilhante, como em "Elvis Não" e na versão ao vivo de "Composição De Sucesso". Hoje, o guitarrista Gabriel está com os Autoramas, o baterista Bacalhau (que não é o ex-Hemp) formou o Rumbora, prestes a lançar seu primeiro CD pelo selo Matraca. O baixista Zé Ovo é *roadie* dos conterrâneos Maskavo Roots. No entanto, para este trabalho, remexeram no baú e colocaram seis inéditas, mostrando por que fizeram tanto barulho enquanto o Little Quail estava ativo, em aberturas para os compadres Raimundos e para os Ramones. O seu primeiro disco, *Lírou Quêiol En De Méd Bãrds*, emplacou a faixa "1,2,3,4" como melhor música nacional do Prêmio BIZZ de 1993, na votação dos críticos. Para quem curte um rockão rude e meio mal gravado, é sopa no mel.

Danilo Monteiro Nota 7

VÁRIOS
História Do Samba Paulista
CPC/Umes

Panorama histórico do samba da terra da garoa

Se o Brasil realmente se preocupasse com sua memória cultural, CDs como este já teriam saído há tempos. Trata-se do primeiro volume de uma série sobre o samba de São Paulo desde suas origens, em 1857, até os dias de hoje. São músicas de autores como Geraldo Filme ("Último Sambista"), Henricão ("Sou Eu") e Zeca da Casa Verde ("Sete Cidades") nas vozes de Aldo Bueno, Thobias Da Vai-Vai, Germano Mathias, o mais paulista dos malandros, e de um dos criadores do projeto, Oswaldinho Da Cuíca, dos Demônios Da Garoa. O encarte do CD contém informações detalhadas sobre o repertório. Nos próximos volumes – estão previstos mais quatro – virão composições de Adoniran Barbosa, Paulo Vanzolini, Chico Buarque e Carlinhos Vergueiro, entre outros. Trabalho sério, o samba de Sampa vai muito além da onda do pagode.

Toninho Spessoto Nota 10

CASSIUS
1999
Virgin

A cara retrô da música eletrônica francesa

Faz parte da história: a música pop francesa sempre foi digna de ser mandada para a guilhotina. Mas nos últimos dois anos a França parece ter encontrado sua vocação para a música eletrônica. Reciclando a extinta disco music e misturando a com a estagnada house americana, os franceses – ulalá! – criaram a disco house, um estilo que coloca a serviço da rebolante batida 4X4 da house o baixão suingado da disco. A dupla Cassius, formada por Hubert Blanc-Francard e Philippe Zdar, vinha comendo pelas beiradas há dez anos, remixando Björk, Daftpunk e Air. Eles lançam agora um álbum que é ao mesmo tempo um preaquecimento para uma boa festa e uma deliciosa experiência dançante *cool* para aqueles cujos ouvidos são sensíveis demais para o assalto sonoro do tecno. Não há quem não se sinta numa ponte temporal 70s-90s ao ouvir "Nulife" e "Foxxy", disparado as melhores faixas do CD. O som do Cassius é para ser ouvido num salto plataforma comendo brioche, esperando o réveillon numa sala de *lounge* com os amigos. Mais pop e chique, impossível. Saia dançando e divirta-se.

André Gordirro Nota 8

E mais...

Hits do 14-Bis regravados com Samuel Rosa e outros convidados, Beach Boys, Quinteto Violado tocando Chico Science, ragga...

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
BRAZILIAN DAYS (Living Music/BMG)	O violonista brasileiro (radicado nos EUA) Oscar Castro-Neves e o saxofonista americano Paul Winter.	Clássicos da MPB, como "Coisa Mais Linda", "Minha Namorada" e "Por Causa de Você", em arranjos homogêneos. Até demais.	Repertório excelente em interpretaçoes exemplares. Mas tem vocação para "música de fundo".
VIOLET CARSON (Baratos Afins)	Bandas góticas nacionais, como Vesúvia, Ocaso, Imperial, Asaradel, Pompas Fúnebres e Das Projekt Der Krummen Mauern.	Barulheira e tristeza infinita em músicas como "The Flowers Field", "Anestesia", "Além Das Dunas" e "Funeral".	Só para iniciados, é música de difícil digestão. Quem se amarra num clima deprê vai gostar.
GRANDES SUCESSOS (Big Posse)	O trio paulistano de rap romântico Sampa Crew, que fez sucesso no início dos anos 90.	Coletânea com hits como "Eterno Amor", "Se Me Lembro Faz Doer", "Fim de Tarde" e "Mulher Brasileira" (com participação do autor, Ben Jor).	Só para quem ainda tem paciência de ouvir a voz melosa – mas afinada – de Júnior Vox e os raps baba de J.C. Sampa.
ORGAN JAZZ (32 Records/ Trama)	Organistas de jazz, como Richard 'Groove' Holmes, Charles Earland, Mickey Tucker e Jon Logan.	Temas como "Walking The Dog" e "Don't Misunderstand" apresentados ao som de órgãos Hammond B-3.	Suingueira irresistível! O instrumento eternizado pela banda Booker T. & The MG's nos anos 60, aqui executado com abordagem jazzística.
14 BIS (Mercury/Universal)	O 14-Bis, grupo mineiro surgido na esteira da turma do Clube da Esquina, que fez enorme sucesso nos anos 70 e 80.	Os hits da banda são recriados em novos arranjos e com participações de Samuel Rosa, Flávio Venturini, Beto Guedes e Milton Nascimento.	Sempre é legal ouvir "Todo Azul Do Mar", "Planeta Sonho", "Caçador De Mim" e "Bola De Meia, Bola De Gude". Ainda mais em versoes competentes.
CENTRAL DO BRASIL (Indie)	A trilha do filme de Walter Salles Jr, criada e interpretada por Jacques Morelembaum e Antonio Pinto.	Belos temas instrumentais que ajudam a realçar a dramaticidade do filme. Uma das melhores trilhas que o cinema brasileiro já produziu.	Perfeitamente. Quem viu *Central* se emocionou com a trilha. Quem ainda não viu tem a chance de ouvir boa música.
GREATEST HITS (Capitol/EMI)	The Beach Boys, a melhor banda de surf music de todos os tempos. Ou melhor, uma das melhores formações da história do rock.	Coletânea que inclui hits como "Surfin' USA", "Help Me Rhonda', "California Girls' e "Fun, Fun, Fun', entre outros, em gravaçoes originais.	Claro, especialmente para quem ainda não tem nada do grupo liderado pelo genial Brian Wilson. É música de primeira linha.
FARINHA DO MESMO SACO (Atração)	Quinteto Violado, grupo pernambucano com 25 anos de carreira e forte tradição regional.	O Quinteto sempre soube se renovar. Aqui, vai de Jackson Do Pandeiro, com uma seleção de seus clássicos, ao mangue de Chico Science.	Com habilidade e criatividade, o grupo recria, entre outras, "Coco Dub" e "Macô", ambas do criador do manguebit. É a MPB em evolução.
RAGGA WAR (Som Livre)	Nomes de peso do reggae atual, como Shaggy, Inner Circle, Maxi Priest, e intrusos pop, como o grupo sueco Ace Of Base.	Seleção de hits que inclui, em gravaçoes originais, "Boombastic", "All That She Wants", "Close To You" e "Games People Play".	Quem curte o gênero mais a fundo não vai encontrar nada de excepcional. Pulando algumas faixas, porém, serve para animar festinhas.

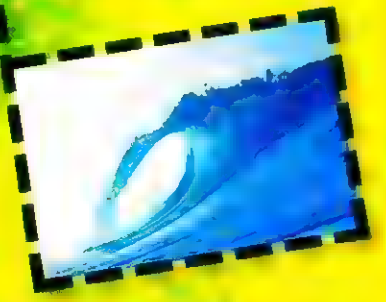
A mais completa em novidades e raridades
sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão
Enviamos para todo país
Aceitamos cartão
Rua 24 de maio, 116 - Rua Alta
Loja 15 - cep 01041-000 - Centro - SP
LONDON CALLING
CD'S - VHS - LD'S
(011) 223-5300

REVISTA SHOWBIZZ
PARA ANUNCIAR AQUI LIGUE:
TEL: (011) 3037-6860
FAX: (011) 3037-4909

BEM QUE NETUNO MERECIA O

OSCAR

DE EFEITOS ESPECIAIS



NÃO PERCA NA FLUIR

- OS MELHORES PICOS BRASILEIROS QUEBRANDO DE GALA
- O PERFIL DOS BRASILEIROS QUE VÃO DISPUTAR O TÍTULO MUNDIAL
- E AINDA A COBERTURA DO CAMPEONATO MUNDIAL DE ONDAS GRANDES
- E MUITO MAIS

GRÁTIS PÔSTER!

7 BRASILEIROS NO CIRCUITO MUNDIAL

Fluir

SURF É FLUIR

PEIXES

Suor sem ideologia

Greg Graffin cuspiu ironia politizada entre os riffs poderosos de Brian Baker *(acima)*

BAD RELIGION

Olympia (São Paulo), 9/03

O biólogo, ativista e cantor Greg Graffin, do Bad Religion, escreveu certa vez – no jornalzinho *Bad Times* – que "punk é um movimento que vem do coração, que traz músicas de pessoas determinadas a questionar dogmas". As 5 mil pessoas que encharcavam de suor o chão do Olympia não pareciam muito preocupadas com isso ou com questões políticas. Elas estavam mais interessadas nos refrões pegajosos, no ataque duplamente veloz das guitarras e nas melodias quase pop que constroem todo bom som *badreligiano*.

Os shows paulistanos – considerados pela banda os primeiros shows "de verdade" na cidade, já que no Close-Up Festival (em 1996) eles não passavam de formiguinhas em cima do palco – tiveram tudo para agradar a leigos e fanáticos. O roteiro combinou clássicos obrigatórios, como "American Jesus", "Infected" e "21st Century Digital Boy", com músicas mais obscuras, tipo "Yesterday", do comecinho da carreira da banda. Começando com "Against The Grain" (do disco que leva o mesmo nome) e passando por "Suffer", "Stranger Than Fiction", "Generator" e "Shades Of Truth" (do último álbum, *No Substance*), o Bad Religion conseguiu mostrar, em uma hora e meia de show, um atordoante trailer do longa-metragem que é sua honrada história. Fundada em 1980, a banda do sul da Califórnia há mais tempo na ativa assistiu de camarote à "morte" e ao renascimento do punk.

Greg Graffin destilou seu humor ferino mantendo a expressão de psicopata ensandecido que costuma incorporar nos shows. Brian Baker e Greg Hetson se responsabilizam pelo veneno das guitarras enquanto a voz de Graffin e os *backing vocals* do baixista Jay Bentley surgem como um antídoto suculento. O som é preciso, cada detalhe se encaixa perfeitamente na pancadaria sonora. Talvez por isso a banda seja absolutamente fiel às versões de estúdio. Não troca nenhuma nota, não arrisca nenhuma mudança, não dá aquele toque especial. Se for para apontar um defeito no Bad Religion ao vivo, é esse.

Andréa Estevam

Aperitivo geladinho

Chris Stein (guitarra), Debbie Harry, o baixista Lee Fox e o baterista Clem Burke tocaram para as câmeras

Blondie

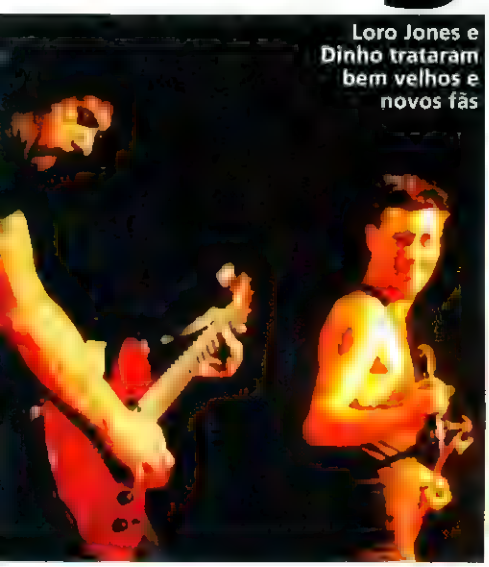
Town Hall (Nova York), 23/02

"Quando você me viu no restaurante/ Sabia que eu não era nenhuma debutante", cantou Debbie Harry em "Dreamin' ", abrindo o show. São versos mixurucas, mas o jeito como ela os pronunciou – com um misto de malícia, ingenuidade e sex-appeal – tornou o momento mágico. O Blondie era isto: um grupo new wave com músicas sobre namoros e paixões, mas o único de sua geração que parecia gostar de sexo.

O show foi um dos primeiros desde a reunião da banda, separada após uma fatídica noite na Filadélfia, em 1982. Noite especial: uma rádio transmitia tudo ao vivo e um canal de TV produzia um especial. Talvez por isso a banda se mostrava visivelmente tensa, com medo de errar. Só Debbie e o baterista Clem Burke demonstraram presença de palco. Os outros, Chris Stein, Jimmy Destri (teclados), Paul Carbonara (guitarra, músico convidado) e Lee Fox (baixo, idem), ficavam parados, num contraste curioso com a leveza pop das músicas. O roteiro incluiu um monte de sucessos ("Hangin' On The Telephone", "Rapture", "Call Me") e algumas do disco novo ("Maria", "Boom Boom In The Zoom Zoom Room" e "Forgive And Forget"), mas ninguém se animou muito. Claro, a platéia estava coalhada de jornalistas e povo de gravadora, e Debbie Harry parecia mais preocupada em mandar beijos para as câmeras. As coisas melhoraram em "Atomic" e na obra-prima "Sunday Girl". No fim, Debbie finalmente se soltou e falou com o público, que, enfim, respondeu. A banda emendou "One Way Or Another" e de repente o teatro inteiro estava de pé. Foi o melhor momento do show, que se encerrou com "Heart Of Glass". Valeu como um aperitivo. A turnê de verdade promete.

André Barcinski

Antigos amantes



Loro Jones e Dinho trataram bem velhos e novos fãs

Capital Inicial

Tom Brasil (São Paulo), 4/03

Nada melhor que começar o primeiro show em São Paulo neste ano com "1999", de *Atrás Dos Olhos*. Mas não faltaram aquelas que "todo mundo conhece". Logo depois de o povo delirar no coro "uou uou uôoo-ô" de "Música Urbana", o vocalista Dinho faz massagem na platéia: "Podem ficar tranqüilos que nós vamos tocar as músicas antigas" – enquanto engata a bela "O Mundo", também do novo álbum.

O Capital tenta trilhar um caminho intermediário entre o consagrado passado e o desafiador presente. Depois das novas não faltaram "Veraneio Vascaína", "Passageiro", "Independência", "Psicopata", "Fátima" e clássicos do rock brasiliense: "Até Quando Esperar", da Plebe Rude, e "Que País É Este", da Legião Urbana. "Para mostrar que o rock brasileiro tem história, não começou na nossa geração" – palavras de Dinho –, vem "Assim Assado", do Secos & Molhados, regravada no último disco.

A banda não perdeu velhas manias no palco, como os cigarros à Jimmy Page pendurados na boca do guitarrista Loro Jones e do baixista Flávio Lemos. E Dinho tem uma relação muito próxima com o público, como se fossem antigos amantes. De camiseta regata, insinua-se na beira do palco, acariciando-se. Assim como Dinho e seus fãs, o presente também é um amante voyeur do passado nesta noite. Sem chateação nem estranhamento.

Danilo Monteiro

Transparência nas paradas

SHOWBIZZ passa a publicar lista com as músicas mais ouvidas nas FMs brasileiras no segmento pop/rock

O *hit parade* brasileiro entra finalmente na era da transparência e da idoneidade. Com a tecnologia exclusiva usada pela Crowley Broadcast Analysis do Brasil, todos os números referentes a execuções em rádio no país podem ser comprovados e auditados. Usando um software baseado em tecnologia desenvolvida para a espionagem durante a Guerra Fria, a empresa registra a programação das emissoras e identifica as músicas mais tocadas por computador, cruzando depois os dados com os índices de audiência de cada emissora. Se alguém duvidar, pode conferir: está tudo gravado.

A partir deste mês, SHOWBIZZ passa a publicar uma parada baseada em dados da Crowley com as vinte músicas internacionais e as vinte músicas nacionais mais ouvidas no eixo Rio São Paulo, dentro do segmento pop/rock.

É importante ressaltar a diferença entre músicas mais tocadas e mais ouvidas. Uma composição executada vinte vezes por dia, numa rádio de pouca popularidade, no horário da madrugada, pode aparecer bem nas paradas convencionais. Com o cruzamento de informações feito pela Crowley, distorções como essa são eliminadas

Essa tecnologia é exclusiva da Crowley (nada a ver com o bruxo Aleister, cultuado por Raul Seixas e homenageado por Ozzy Orbourne no clássico "Mr. Crowley"), que desde o início de 1998 tem escritórios no Brasil. "Já estamos monitorando 93 estações de rádio, em dez cidades", contabiliza Marcelo Guedes, diretor da empresa.

O processo de audição e identificação das músicas não é simples. "O computador tem cerca de 70 mil canções cadastradas e até o final do ano pretendemos chegar a 100 mil", informa Marcelo. Na sede da Crowley, no Rio de Janeiro, rádios digitais ligados a modernos gravadores – que registram em discos óticos capazes de armazenar 96 horas de som – estão ligados permanentemente. A cada 4 horas as gravações são analisadas nos computadores, e ao final do dia gravadas em CDs. As músicas identificadas vão automaticamente para a parte de estatística da parada, enquanto as partes problemáticas são ouvidas por funcionários, em geral reunidos em duplas especializadas em gêneros, como rock, pop e pagode. Depois de tiradas todas as dúvidas, tudo verificado, aí sim é composta a parada

Os serviços da Crowley já estão sendo usados por diversos tipos de clientes – gravadoras, editoras musicais, comerciantes e produtores – e durante este ano a empresa pretende recuperar o investimento feito no Brasil.

As preferidas

Antes de mais nada, é importante localizar a parada pop/rock publicada em SHOWBIZZ no universo do rádio do eixo Rio–São Paulo em geral. Metade das músicas aqui classificadas não aparece nem entre as cem primeiras da parada combinada fornecida pela Crowley. Para ter uma idéia, "Fácil", do Jota Quest, a primeira colocada entre as brasileiras, ocupa apenas ovigésimo-quinto lugar na parada geral. Entre os estrangeiros, o caso é ainda mais impressionante. As Spice Girls, primeiro pop-rock se não forem considerados Alejandro Sanz, Celine Dion e N-Sync, são o número 49 da lista. E tome pagode, música baiana, Tiazinha e sertanejos.

As surpresas são raras. Depois dos oitentistas Kid Abelha, Barão Vermelho e Capital Inicial, dos noventistas Cidade Negra e Skank e os calouros Jota Quest e Nativus, surgem os bravos Inocentes, que nunca foram muito de tocar no rádio.Mais embaixo aparecem saudáveis novidades, como o Rumbora e o Ultramen. No campo internacional é previsível que apareçam babas como as Spice Girls, a dupla Bryan Adams e Mel C. e o Roxette, não sem o alívio do rock do Offspring e do Cake no meio. E, claro, uma série de medalhões do pop-rock: Alanis (com duas músicas), Aerosmith, Black Sabbath, Kiss e Metallica.

Nacional

1º	**"Fácil"**	Jota Quest
2º	**"Tudo Por Nada"**	Paulo Ricardo
3º	**"Saideira"**	Skank
4º	**"Presente De Um Beija-Flor"**	Nativus
5º	**"Eu Só Penso Em Você"**	Kid Abelha
6º	**"Quando Você Não Está Por Perto"**	Barão Vermelho
7º	**"1999"**	Capital Inicial
8º	**"A Estrada"**	Cidade Negra
9º	**"Sempre Assim"**	Jota Quest
10º	**"Dois"**	Paulo Ricardo
11º	**"Liberdade Pra Dentro Da Cabeça"**	Nativus
12º	**"Socorro"**	Arnaldo Antunes
13º	**"Cala A Boca"**	Inocentes
14º	**"O Mundo"**	Capital Inicial
15º	**"Vou A Mais De Cem"**	Ultramen
16º	**"Feliz Aniversário"**	Ronaldo E Os Barcelos
17º	**"Amanhã Não Se Sabe"**	Titãs
18º	**"Minha Menina"**	Mauricio Manieri
19º	**"Siderado"**	Skank
20º	**"Chapirous"**	Rumbora

Internacional

1º	**"Goodbye"**	Spice Girls
2º	**"Pretty Fly (For A White Guy)"**	The Offspring
3º	**"You Get What You Give"**	New Radicals
4º	**"The Rockafeller Skank"**	Fatboy Slim
5º	**"Whishing I Could Fly"**	Roxette
6º	**"Thank U"**	Alanis Morissette
7º	**"Never There"**	Cake
8º	**"When You're Gone"**	Bryan Adams e Mel C.
9º	**"Joining You"**	Alanis Morissette
10º	**"Viva Forever"**	Spice Girls
11º	**"Every Morning"**	Sugar Ray
12º	**"Whiskey In The Jar"**	Metallica
13º	**"Why Don't You Get A Job"**	The Offspring
14º	**"Chemical Wedding"**	Bruce Dicksinson
15º	**"Psycho Man"**	Black Sabbath
16º	**"To Be Free"**	Simply Red
17º	**"We Are One"**	Kiss
18º	**"Thug Love"**	Bone Thugs n'Harmony
19º	**"Malibu"**	Hole
20º	**"I Don't Wanna Miss A Thing"**	Aerosmith

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. Auditoria das músicas mais ouvidas em doze radios FM do Rio de Janeiro e doze rádios FM de São Paulo, no periodo de 20 de fevereiro a 19 de março de 1999. Os dados de audiência horária de cada estação de radio sao fornecidos pelo Ibope. CBAB Crowley Broadcast Analysis do Brasil LTDA. Proibida a reprodução sem autorizaçao. CBAB

EntreLeitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

CORRESPONDÊNCIA

Aerosmith e Nirvana: Fábio da Nova – Rua Capitão Cruz, 1022 – Vista Alegre – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21250-520

Aerosmith: Alexandre dos Santos – Rua Antonio Vera Cruz, 495 – Casa Verde Alta – São Paulo, SP – CEP 02555-010

AC/DC: Alexandre Eidelwein Rua Marechal Floriano, 23, apto. 302 – Estrela, RS CEP 95880-000 – E-mail: alexangus@yahoo.com

Bon Jovi: Mariana Brustolin – Av. Dom Pedro I, 43 – Jardim João Paulo II – Sumaré, SP – CEP 13172-685

Família Lima: Fabiana Nunes Rua Adda Mascarenhas de Moraes, 865/303 – Porto Alegre, RS – CEP 91220-140 Tel.: (051) 344-2537

Courtney Love e grupo Hole

Hole: Bruno Ferreira – Rua Artur Bernardes, 187 – JK – Contagem, MG – CEP 32310-130

Joy Division: Felipe Techeira São Leopoldo, RS – Tel.: (051) 978-6305 – E-mail: felipeat@pro.via-rs.com.br

Legião Urbana: Carlos Eduardo Henning – Rua Governador Jorge Lacerda, 547 – Centro – Jaraguá do Sul, SC – CEP 89251-970

Mariah Carey: Denise de Souza – Rua Barra Guaxinduba, 37 – Jardim Helena – São Paulo, SP – CEP 08080-420

Oasis: Luana de Moura – Rua Aurélia, 1 210 – Lapa – São Paulo, SP – CEP 05046-001

R.E.M.: Fernando dos Santos – Rua Alfredo Gomes, 1 – Jardim Los Angeles – Ponta Grossa, PR – CEP 84071-200 – Tel.: (042) 446-2282

U2: Anita Uchida – Rua Bergamota, 326, apto. 3 – Alto de Pinheiros – São Paulo, SP – CEP 05468-000

MÚSICOS

Estilo Nirvana: Procuro vocalista, guitarrista e baixista, de 13 a 17 anos, em Itapecerica da Serra (SP) ou cidades próximas – Fábio Gomes – Tel.: (011) 495-2673

Estilo Oasis: Procuro baterista, 14 a 17 anos, para formar banda de rock. Afonso Júnior Av. Casa Verde, 2 901, apto. 95 Casa Verde – São Paulo, SP CEP 02519-200

Feijoada Trip-hop: Vocalista/letrista procura compositor(a)/instrumentista para formar banda de trip-hop com fortes influências de samba-canção, bossa nova e standards americanos. Márcio Bulcão – Rio de Janeiro, RJ – E-mail: bulcao@domain.com.br

Pop/rock: Procuro músicos que toquem vários instrumentos e tenham vasto conhecimento de pop/rock. Vinícius Favaretto – Pager: (011) 534-0737 – código 4144203

Zona Leste de Sampa: Vocalista e compositor procura pessoas de personalidade forte, para montar banda de rock nacional, que morem na Zona Leste. Igor Motta – Rua Ricardo Butarello, 590, casa 7 – São Paulo, SP – CEP 03813-010 – Tel.: (011) 628-0913

TROCO

All Saints por Spice Girls: Tenho material sobre All Saints e Backstreet Boys, troco por Spice Girls – Rafael Leite – Rua Falchi Jianini, 311, apto. 44 B Vila Prudente – São Paulo, SP CEP 03136-040

Hanson por Backstreet Boys: Tenho materiais sobre H. e Spice Girls, troco por B.B. e 'N Sync – Camila Munhoz – Rua Dom Pedrito, 63 – Sapucaia do Sul, RS – CEP 93228-100

Madonna por Michael Jackson: Gostaria de obter fotos da cantora, troco por fotos de Michael e outros – Ana Paula Almeida Vila Praiana – Lauro de Freitas, BA – CEP 42700-000

PROCURO

Aerosmith: CDs, vídeos, revistas, fotos e outros materiais. Sylvia Ferreira dos Santos – Rua Zacarias de Góes, 161 – Centro – Jundiaí, SP – CEP 13200-170 – Tel.: (011) 434-4791

Alanis Morissette: Gravação do *Disk MTV Especial Estrela do Mês* – Sandrely Mendonça – Travessa Pio XII, 52 Bairro Jatiúca – Maceió, AL CEP 57035-560

Alanis e Nirvana: Fotos e reportagens, edições de BIZZ e SHOWBIZZ – Silvana da Silva – Rua Catanduva, 71 – Jardim Paulista – Barueri, SP CEP 06447-130

Echo And The Bunnymen: Materiais diversos – Juliana Rodrigues – Rua Cosme Velho, 03 – Belo Horizonte, MG – CEP 31575-150 – Tel.: (031) 456-1442

Fernanda Abreu: Vídeos e reportagens – Ana Paula Sant'Anna Rua Vicente Ciccarino, 1 246 Curitiba, PR – CEP 82560-410

Korn: Qualquer material sobre a banda – Ricardo Marinho – Q. 28, casa 22, Etapa A – Valparaíso – Goiás, GO CEP 72870-000

Madonna: Edição 99 da revista BIZZ, de 1993, com a cantora na capa, em bom estado, pago até R$ 10,00 – Tiago Schlicknann – Rua Prefeito Veríssimo, 182 – Centro – Biguaçu, SC – CEP 88160-000

MTV: Compro gravações de Music Awards, Movie Awards e Brazil Music Awards dos anos 97/98 – Loriane Duarte Tel.: (096) 222-3831

Nirvana: Gravações do show no Hollywood Rock e revistas SHOWBIZZ antes de setembro de 1997, com a banda na capa – Juliana Tarita Tel.: (011) 813-5677

Gallagher & cia.: procurados

Oasis: Gravação do show no Brasil, transmitido pela rádio Brasil 2000 em 25/4/1998 Patrícia Faller – Rua Pernambuco, 990 – Cascavel, PR – CEP 85801-010 – Tel.: 224-2628

Smashing Pumpkins: Material diverso – Ariana Silva e Costa – Rua Vicente Celestino, 81 Jardim Sônia Maria – Mauá, SP – CEP 09380-350 – Tel. (011) 7639-2215

Titãs: Material desde o início da carreira – Paula Xavier – Rua do Trabalho, 60 – Guarapari, ES CEP 29200-000

U2: Procuro material, troco por Oasis, e outros. Vanessa Venen – Rua Diana, 359/5 – São Paulo, SP – CEP 05019-000

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.atleitor@email.abril.com.br

Vídeos: *Jagged Little Pill Live*, da Alanis Morissette; *Use Your Illusion II*, do Guns'n'Roses; e o último show da Legião, em janeiro de 1996, em Santos. Fernando Medeiros – Rua Antônio Martir, 41 – Ipanema – Barbacena, MG – CEP 36200-000 – Tel.: (032) 331-2078

VENDO

BIZZ: Revistas BIZZ do número 61 até o 119, exceto o 84. Fabiano Jacob – Rua José de Abreu Paulino, 108 – Vila Sueli – Ribeirão Pires, SP – CEP 09400-000

Duran Duran: Pasta com várias fotos por R$ 80,00 – Rua Natalina Biondi Balducci, 8 Vila Galvão – Guarulhos, SP Tel.: (011) 6455-1405

Hanson: Materiais diversos, inclusive camisetas – Carolina Monteiro – Alameda Xavier D'Araújo, 1 124 – Bairro Camboinhas – Niterói, RJ – CEP 24300-000

Prodigy: Fotos – Wilson de Moura – Avenida Thomaz de Souza, 244 B – Jardim Monte Azul – São Paulo, SP – CEP 05836-350

Raimundos: Tenho fotos de show da banda e do Planet Hemp para venda ou troca. Rossano Noronha – Rua Riachuelo, 1355 – Centro – CEP 90010-271 – Porto Alegre, RS

SHOWBIZZ: De agosto/1997 a novembro/1998, por R$ 2,00 Miguel Filho – Rua Ronaldo Resende, 10 – Planalto – Vila Velha, ES – CEP 29118-250

Vídeos: Silverchair, Oasis, Bon Jovi e outros – Fernando V. Sobrinho – Caixa Postal 66.312 – São Paulo, SP – CEP 05389-970 – E-mail: fernan30@hotmail.com

FÃS-CLUBES

David Bowie: Outside Virtual – A/C Andherson Miliatti E-mail: bowie@dglnet.com.br

Green Day: Green Daze Music Rua 9 de Janeiro, 09 – Jardim Cânhemo – Diadema, SP CEP 09941-480

Iron Maiden: The Iron Maiden Brazilian FC – Rua Humberto I, 974, apto. 112 – São Paulo, SP – CEP 04018-033 – Tel.: (011) 539-5742

Kid Abelha: Pintura Íntima Rua Presidente Vargas, 952, apto. 01 – Boa Esperança, MG – CEP 37710-000

Legião Urbana: A Nossa Estação A/C Isabela Cristine – Rua Santo Ângelo, 35 – Realengo – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21755-100 Tel.: (021) 401-0308

Madonna: Erotica Rain – A/C Fábio – Praça Professor Anézio Cabral, 139 – Osasco, SP – CEP 06226-010, Tel.: 7080-9165

Michael Jackson: The Best of The Best – Estrada do M. Boi Mirim, 492 – São Paulo, SP – Jardim das Flores – CEP 04905-000 – E-mail: robertadias@hotmail.com

No Doubt: No Doubt International Fan Club – Rua Maria Luíza, 48 – Lindo Parque – São Gonçalo, RJ CEP: 24420-200 – E-mail: ckawa@zipmail.com.br

Oasis e The Verve: The Best Of Britpop – Rua do Futuro, 800/506 – Bairro Aflitos – Recife, PE – CEP 52050-010

Pato Fu: Antes Que Seja Tarde – Rua Raul de Brito, 42 Bairro Asa Branca – Belo Horizonte, MG – CEP 31050-070

Rolling Stones: Fã-clube brasileiro – Http://www.ldmedia.br-hs.com/stones

Skank: Siderado – Avenida Francisco Matarazzo, 244, apto. 177 - Perdizes - São Paulo, SP CEP.: 05001-000 – E-mail: siderado@intervista.com.br

Take That: Solo Career Fan Club Caixa Postal 59032 – CEP 02099-970 – São Paulo, SP

Whitney Houston: Fã-clube Whitney Houston – A/C Rodrigo Cardoso – Rua Prefeito Antenor Bué, 680, apto. 81 – Santos, SP – CEP 11040-020 - Internet: http://www.geocities.com/SunsetStrip/Birdland/6488 – E-mail para contato: roval@zaz.com.br

FANZINES

The Beatles: novo zine

Beatles: *The Beatles Diary* – Rua Bruxelas, 146 – São Paulo, SP – CEP 01259-020 – Tel.: (011) 3862-1575

Ska: *Skazine* – Caixa Postal 45432 – São Paulo, SP – CEP 04010-970

As regras para colocar um anúncio aqui:

O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar quarenta palavras. Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

EDITORA Abril

SHOWBIZZ

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, [illegible] andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (011) 3037-[illegible] fax (011) 3037-4000 Caixa Postal 66157 CEP [illegible] São Paulo, SP

REPRESENTANTES NO BRASIL
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160, 9º andar, sala 929, Rio de Janeiro, RJ, CEP [illegible] Tel.: (021) 220-3762
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805, Ed. Espaço Empresarial, [illegible] Pituba, Salvador, BA, CEP [illegible]-021 Telefax (071) [illegible]
Brasília: [illegible] Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bacarat [illegible] Brasília, DF, CEP [illegible] Tel. (061) [illegible]
Campinas: [illegible] - Rua Conceição, 233 [illegible] Sala 2604, Campinas, SP, CEP 13010-050 Tel. [illegible] Fax (019) [illegible]
Ceará: [illegible] - Rua Edgar Borges [illegible] Fortaleza, CE, CEP [illegible] Tel. (085) [illegible] Fax (085) [illegible]-4761
Minas Gerais: M A M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000, Ed. Wall Street - sala [illegible] - Belo Horizonte, MG, CEP [illegible] Tel. (031) 335-8789 [illegible]
Paraná: [illegible] Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - [illegible] 604 - Bloco B, Curitiba, PR, CEP [illegible] Tel. (041) 253-[illegible] Fax (041) 252-2844
Recife: [illegible] Revistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, [illegible] 15º andar, sala 1501, Ed. San Rafael - Bairro São José, Recife, PE, CEP [illegible] Tel. (081) 424-[illegible]
Ribeirão Preto: [illegible] Repres. de Publicidade S/C Ltda. Rua [illegible] Ribeirão Preto, SP, CEP [illegible] Tel. [illegible] Fax (016) [illegible]
Rio Grande do Sul: Print Sul - Al. Coelho Neto, 40, [illegible] Bairro Boa Vista - Porto Alegre, RS, CEP [illegible] Tel. (051) [illegible]
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 131 - Cond. Village II - [illegible] da Conceição, Florianópolis, SC - CEP [illegible] - Telefax (048) 232-[illegible]

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
INTERESSE GERAL
VEJA • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME
GUIA ABRIL DO ESTUDANTE • SAÚDE
ECONOMIA E NEGÓCIOS
EXAME • VOCÊ S.A.
AUTOMOBILISMO E TURISMO
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
ESPORTES
PLACAR
MASCULINAS
PLAYBOY • VIP EXAME
FEMININAS
CLAUDIA • ELLE • NOVA • MANEQUIM
PONTO CRUZ • CAPRICHO • BOA FORMA • ANA MARIA
HORÓSCOPO • CARÍCIA
DECORAÇÃO E ARQUITETURA
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO
ENTRETENIMENTO
CONTIGO • SHOWBIZZ

Revista Showbizz, Edição 165, Abril de 1999, é uma publicação [illegible] da Editora Abril S.A. ISSN 0104-1649. **Assinatura** [illegible] **Números atrasados** [illegible]

ANER [illegible] IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

"You Get What You Give"

Gregg Alexander: ele é o New Radicals

O sucesso do New Radicals que ataca Marilyn Manson, Beck e Courtney Love

(Gregg Alexander/Richard Knowels)

Wake up kids, we've got the dreamers disease
Age 14, they got you down on your knees
So polite, you're busy still saying please
Frienemies
Who when you're down ain't your friend
Every night, we smash their Mercedes-Benz
First we run and then we laugh 'til we cry
But when the night is falling
And you cannot find the light
If you feel your dream is dying, hold tight
You've got the music in you
Don't let go, you've got the music in you
One dance left, this world is gonna pull through
Don't give up, you've got a reason to live
Can't forget we only get what we give
Four a.m. we ran a miracle mile
We're flat broke but hey, we do it in style
The bad rich, God's flying in for your trial
But when the night is falling
And you cannot find a friend
You feel your tree is breaking
Just then, you've got the music in you
Don't let go, you've got the music in you
(refrão)
This whole damn world can fall apart
You'll be OK, follow your heart
You're in harms way I'm right behind
Now say you're mine
(refrão)
Don't let go, we feel the music in you
Fly high, what's real can't die
You only get what you give
You're gonna get what you give
Just don't be afraid to leave
Health insurance rip off lying
FDA, big bankers buying
Fake computer crashes dining
Cloning while they're multiplying
Fashion mag shoots
with the aid of 8 Dust Brothers Beck Hanson
Courtney Love and Marilyn Manson
You're all fakes, run to your mansions
Come around, we'll kick your ass
Championed by a soulless media misleading
People unaware they're bleeding
No one with a brain is believing
It's so sad you lost the meaning
Never knew it anyway
Human nature's so predictable
I'm a fool to do your dirty work

"Você Vai Ter O Que Merece"

Acordem, meninos
Estamos com a doença dos sonhadores
Aos 14 anos, humilham vocês
Educados, vocês ainda têm de pedir por favor
"Inimigos" que, quando você está por baixo,
Não são seus amigos
Toda noite a gente bate as Mercedes deles
Primeiro, corremos, depois rimos até chorar
Mas quando a noite está caindo
E você não consegue achar a luz
Se você sente seu sonho morrendo
Segure firme, você tem a música em você
Não desista, você tem a música em você
Só mais uma dança
E este mundo vai passar por essa
Nao desista, você tem uma razao para viver
Não esqueça, a gente vai ter o que merece
Quatro da manhã, a gente corre até o fim
Estamos lisos, sem um tostão
Mas, ei, a gente faz com estilo
Rico mau, Deus vem voando te julgar
Mas quando a noite está caindo
E você não consegue encontrar um amigo
Sente que a sua árvore está se quebrando
É bem aí, você tem a música em você
Não desista, você tem a música em você (...)
Não se pode esquecer
Você vai ter o que merece
Esse maldito mundo pode cair em pedaços
Você vai ficar bem, siga o seu coraçao
Você está no desvio, eu estou bem atrás
Agora me diz que você é minha (...)
*Fraude na previdência, F.D A.**
Grandes banqueiros comprando
Clonando enquanto eles se multiplicam
Fotos em revistas de moda
Com oito Dust Brothers, Beck Hanson
Courtney Love e Marilyn Manson
Vocês são todos impostores
Corram para suas mansoes
Nós vamos botar moral aqui
Defendidos pela mídia enganadora e sem alma
Pessoas sem perceber que estão sangrando
Ninguém com cérebro pode acreditar
É tão triste que você não entenda mais
Aliás, nunca soube
Sou um bobo de fazer seu trabalho sujo

** Food and Drug Administration, orgao americano que regula formulas de alimentos e remedios*

Detonação pop

Seria como se surgisse um "sambaba" detonando a bundice da cultura nacional e citando nominalmente queridinhos da crítica.

Gregg Alexander, o americano de 28 anos que grava usando o nome New Radicals, pratica música pop de apelo radiofônico. Que ninguém se deixe enganar, porém: suas letras sãos mais cáusticas e subversivas do que 90 por cento dos raps enjoados e punk rocks revoltadinhos que rolam por aí.

Na versão de "You Get What You Give" incluída no álbum *Maybe You've Been Brainwashed Too* ("talvez você também tenha sido submetido à lavagem cerebral"), Gregg não canta tudo que está na letra aqui transcrita (a que consta do encarte do CD). A música acaba pouco depois dos versos que atacam a mídia moderninha – "fashion shoots with Beck and Hanson/ Courtney Love and Marilyn Manson/ Don't let go" –, aliviando os Dust Brothers (produtores de Stones e Hanson, entre outros).

© Todos os direitos reservados

www.closeup.com.br

CLOSE·UP Pl@net 99

special edition

prodigy

15 de maio

CONFIRMADO

Anhembi

no estacionamento do Sambódromo

A partir das 18 horas

Censura 14 anos

Apoio

BRASIL 2000 FM 107,3

Informações: (011) 829-9421

FOLHA Não dá pra não ler.

SHOWBIZZ

Realização

JOKER ENTERTAINMENT

Gravação com qualidade de CD

O minidisc, um disco digital gravável, é mão na roda para quem gosta de brincar com música

O minidisc, ou MD, nada mais é do que uma fita cassete – grava e regrava à vontade –, mas com qualidade digital. Inventado em 1992 pela Sony, o aparelho é uma alternativa mais barata – e prática – para o DAT, equipamento de gravação em estúdio e já fadado ao ostracismo. Por outro lado, seria exagero decretar que o CD (assim como o LP esteve há uma década) está com seus dias contados. A proposta do minidisc não é exatamente substituí-lo, mas sim oferecer uma alternativa para quem procura montar seus próprios discos, com as faixas mais diversas, na ordem que bem entender.

Existem outras semelhanças com o CD: o minidisc tem a mesma capacidade de compressão, 74 minutos. Ou seja: só um técnico de som pode discernir o CD do MD, que é menorzinho e mais bonitinho (pode ser encontrado nas cores azul, vermelho, dourado, roxo, entre outras) e não "pula" de jeito algum – ao contrário do que acontece com um CD no discman.

Por falar em faixas que pulam, existem, inclusive, séries "walkman" para o MD, aparentemente muito semelhantes ao discman, mas que têm como diferença fundamental a gravação de faixas. Da Sharp, o **MD-701** (preço no mercado americano: US$ 400) tem bateria recarregável de longa duração, sistema de memória antivibrações e função autoplay (colocou, tocou). A Sony tem, entre outros, o modelo **MZ-R50** (preço médio: R$ 900), que mede 8 cm por 11 cm. Para gravar é só conectar seu cabo adaptador a um aparelho de som, analógico ou digital.

Para DJs, o MD é ótimo: o sujeito grava algumas seqüências em casa e na festa sobra mais tempo para se divertir. O mesmo vale para bandas que têm de ir até um estúdio para utilizar o DAT; o MD torna possível a demo caseira. E para fãs de música em geral há outras vantagens. Ao gravar um show do videocassete, por exemplo, é possível editar os aplausos, a abertura e outros ruídos incômodos.

Existe ainda a opção de batizar seu disco ou inventar novos nomes para cada faixa. Isso porque em vários aparelhos o teclado do controle remoto é alfanumérico, como no modelo **XU-301BK** da JVC (R$ 1 729, venda direta pelo site www.jvc.com.br). Este aparelho tem ainda cinco modos de edição (separar, juntar, mover, apagar e apagar tudo). O que o dono inventar aparece no visor de cristal líquido. Mais: com o MD é o fim da profusão de CDs caindo do seu porta-luvas. O modelo para carro **KD-MX3000** (R$ 2 089, à venda sob encomenda), por exemplo, comporta três CDs e um MD, já acoplado, o que permite misturar os três discos e formar um quarto, novinho em folha.

Há ainda as opções no estilo mini-system, que já vêm com as caixas de som. Da Sharp, o **MD-X8** (US$ 800) tem capacidade para três CDs, vem com fones de ouvido e controle remoto ergonômico com duplo cursor. Seu maior diferencial é a conectividade com computadores PC. Isso permite gravar (ou simplesmente ouvir) músicas pela Internet, editar um MD pelo computador e acessar todas as funções do aparelho pelo PC. O **UX-MD9000** (R$ 2 081), da JVC, tem reprodução programada para 32 faixas e suas caixas vêm com acabamento em verniz preto.

Mas, claro, nem tudo é perfeito. Avançar faixas no MD, por mais moderno que seja seu modelo, nunca será tão rápido quanto no CD. Pior: das marcas pesquisadas, só a JVC já fabrica o MD no Brasil. Os aparelhos da Sony e da Sharp ainda são importados (a Sharp tem previsão de começar a fabricá-los ainda no segundo semestre deste ano), o que quer dizer que o controle de preços não passa pelo fabricante, encarecendo o produto.

Onde encontrar

Rio de Janeiro
Josias Studio – (021) 259-2519

São Paulo
Import Express – (011) 5181-1222
Fast Shop – (011) 816-6110

Recife
Audio Advice – (081) 325-4242

Na contramão

A guitarra singular do canhoto Edgard Scandurra encarna a alma rock'n'roll do Ira!, mas não tem medo da eletrônica

Canhoto, ele segura o instrumento ao contrário, com o braço virado para a direita. Assim, as cordas ficam invertidas (das agudas para as graves, de cima para baixo), posicionadas para um destro. Nem mesmo Jimi Hendrix, que também era canhoto, tocava dessa forma – ele alterava a ordem das cordas. "Certo ou errado, aprendi assim e desenvolvi um estilo", explica Edgard Scandurra. "Num movimento da mão esquerda, vou das cordas agudas para as graves. Dá uma diferença sensível no som." Outra particularidade: o guitarrista do Ira! e da banda de Arnaldo Antunes não usa palheta.

Seu set de equipamentos é simples. Somente um aparelho multiefeitos Yamaha GW 33, do qual extrai delay (repete a nota, no tempo programado), chorus (encorpa o som) e distorção, e um pedal wah wah Vox V847 (que produz um som parecido com um miado). A guitarra mais utilizada é uma Gibson Nightwalk.

Scandurra prefere os amplificadores valvulados, mais tradicionais, e também possui um Axsys 212, misto de multiefeitos e amplificador. Em gravações, usa quatro modelos ao mesmo tempo para obter sonoridades diferentes tocando uma única vez.

Durante os anos 80, o guitarrista do Ira! reinou praticamente absoluto nas eleições promovidas pela BIZZ. Seu nome era sempre apontado para o posto de melhor músico de rock do Brasil. "Dentro da linguagem new wave da época, os guitarristas eram muito tímidos e eu, mais despojado, me destacava", analisa, modesto.

Com um irmão guitarrista, aos 5 anos Scandurra já estava fascinado pelo rock das décadas de 60 e 70, período em que surgiram feras como Jimmy Page e Jimi Hendrix. Com a guitarra na linha de frente do rock'n'roll, seu envolvimento com ela foi natural.

Foto: Mona Brandon

A guitarra de Edgard passeia do rock ao tecno

Há alguns anos, porém, depois que se envolveu com a música eletrônica, Scandurra passou a compor com seqüenciadores. Em seus discos solo, a guitarra passa por sessões de experimentalismo para entrar em harmonia com os timbres eletrônicos. Na música "Tantas Nuvens", do disco *Benzina*, o instrumento ficou no estojo, e ele extrai sons incomuns ao bater com o polegar no plugue da guitarra. "Conectado com um wah wah ou delay, o som fica mais monstruoso", comenta.

Scandurra não renega sua história no rock brasileiro e acredita qe a guitarra continua com uma forte simbologia dentro do gênero. Mas reconhece que parte da juventude atual, que não vivenciou a trajetória dos *guitar heroes* (como eram chamados os músicos mais virtuosos), não se deixa seduzir facilmente pela mítica do instrumento. Porém, ao tocar em uma casa freqüentada por fãs de música eletrônica, sentiu a força que a guitarra possui. Ao executar um riff poderoso, a vibração do público foi imediata. "Isso mostra o poder de mutação que a guitarra tem", aposta Scandurra. "Ela pode ser inovadora dentro de uma música idem."

Luciano Marsiglia

Loucamente perfeito

Com o trio vocal The Ronettes e uma insana obsessão, o produtor Phil Spector fez história

Nedra, Ronnie Spector e Estelle: as fofissimas Ronettes

Reprodução

Ficha técnica

Ano de lançamento: 1964
Produção: Phil Spector
Músicas: "Walking In The Rain" • "Do I Love You" • "So Young" • "(The Best Part Of) Breaking Up" • "I Wonder" "What'd I Say" • "Be My Baby" "You Baby" • "Baby, I Love You" "How Does It Feel" • "When I Saw You" "Chapel Of Love"

Em setembro de 1975 o álbum foi reeditado (somente na Inglaterra) pelo selo Phil Spector International com o título *The Ronettes Sing Their Greatest Hits!* No CD *Ronettes Vol. 1* (44006/486), do selo europeu Two-On-One, estão editados juntos os dois únicos álbuns das Ronettes, *The Ronettes*, da Colpix, e *...Presenting The Fabulous Ronettes*, da Philles. Mas é mais fácil encontrar a caixa *Back To Mono*, da ABK (quatro maravilhosos CDs), com todo o acervo da Philles.

...Presenting The Fabulous Ronettes

The Ronettes

Fundada em meados de 1961, pelo produtor Phil Spector e seus sócios Helen Noga e Lester Sill, a gravadora Philles Records revolucionou o pop. A sede do selo ficava em Nova York, mas o centro de produção era Los Angeles. Ali, na câmara de eco do estúdio Gold Star, Phil Spector inventou o som que virou sua marca: uma massa sonora wagneriana com guitarras, metais e teclados em camadas, percussões em cascatas, cordas derramadas em arranjos épicos, vocalizações sobrepostas em tramas sofisticadas, tudo mixado com muito eco – o imitado e jamais igualado *wall of sound* (parede de som).

As Ronettes chegaram à Philles no início de 1963. O grupo havia sido formado em 1959 por duas irmãs, Ronnie (diminutivo de Veronica) e Estelle Bennett, e uma prima, Nedra Talley; elas estrearam profissionalmente como dançarinas de twist em 1961. No final desse mesmo ano, assinaram com o selo Colpix, para o qual gravaram cinco singles de pouca repercussão e depois participaram anonimamente nos *backing vocals* dos discos de Del Shannon e Bobby Rydell.

A empatia entre Ronettes e Spector foi imediata (Ronnie, aliás, logo se tornou Mrs. Spector): em agosto de 1963, já desligadas da Colpix, elas tiveram seu primeiro 45 rpm lançado pela Philles, o clássico "Be My Baby". "De todos os discos já feitos, este é indiscutivelmente o melhor", costuma dizer o *beach boy* Brian Wilson. Até 1966, ano em que a Philles encerrou suas atividades, o selo lançou ao todo oito compactos e um álbum com as Ronettes.

Phil Spector era um obcecado: editava somente o melhor, arquivando quilômetros de fitas. Com as Ronettes, seu perfeccionismo atingiu níveis inacreditá-veis. São verdadeiras as histórias sobre orquestras encarceradas por 24 horas no Gold Star até que saísse o tal som ideal, os solos de 10 segundos de Steve Douglas ou Tommy Tedesco sendo repetidos centenas de vezes. Mas o exigente Spector deu OK ao primeiro take de Ronnie em "Walking In The Rain".

No final de 1964 sairia este *...Presenting The Fabulous Ronettes* (PHLP 4006), reunindo os lados A dos quatro primeiros singles, os dois lados do quinto compacto, a primeira gravação solo de Ronnie, "So Young", e quatro faixas até então inéditas: "Chapel Of Love" (das rivais The Chiffons) "When I Saw You", "I Wonder" e "What'd I Say", de Ray Charles, ao vivo. É datado, sim, mas absolutamente irresistível.

Renê Ferri

"As Ronettes mudaram a minha vida. Serei sempre um devoto de Ronnie Spector."
Joey Ramone

O Banespa tem uma conta que é a sua cara.

Conta da Turma

Conta Independente

Conta Universidade

No Banespa, a partir dos 13 anos, você já pode ter conta em banco: é a Conta da Turma. Se você tem 16 anos, o Banespa tem a Conta Independente, tão independente quanto você. Agora, se você é universitário, o Banespa tem a Conta Universidade, que você abre com o comprovante de matrícula. Em todas as contas, você pode usar o telefone – Telebanespa –, a Internet – Netbanking –, o Banco24Horas, Rede Verde-Amarela, agências e postos de Auto-Atendimento em todo o País. Converse com a gente e descubra por que a nova cara do Banespa tem tudo a ver com a sua.

Abra uma conta que cresce com você.

banespa

Em linha com o futuro.

http://www.banespa.com.br

Concurso Energizando a Música

TALENTO VOCÊ TEM. ESTAVA FALTANDO UM FOCO DE LUZ.

Componha uma música sobre o Combate ao Desperdício de Energia Elétrica e concorra a R$ 16.000,00 em prêmios. Inscrições gratuitas: de 02 a 31 de maio na SIGA, Rua do Russel, 426/2º andar - Glória - Rio de Janeiro - CEP: 22210-010, ou pelos e-mails: www.futura.org.br e www.eletrobras.gov.br/procel. Informações pelo telefone (021) 555-8317.

S.I.G.A.

PROCEL
PROGRAMA DE COMBATE AO DESPERDÍCIO DE ENERGIA ELÉTRICA

Eletrobrás